



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROP
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E CULTURA**

JACIEL RIBEIRO RODRIGUES

**A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA NA
SEÇÃO DE INTRODUÇÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO DA ÁREA DE LINGUÍSTICA**

**TERESINA-PI
2024**

JACIEL RIBEIRO RODRIGUES

**A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA NA
SEÇÃO DE INTRODUÇÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO DA ÁREA DE LINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, área de concentração: Linguagem e Cultura; linha de pesquisa: Estudos da linguagem: descrição e ensino, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Bárbara Olímpia Ramos de Melo.

**TERESINA – PI
2024**

A162p| Rodrigues, Jaciel Ribeiro.
A construção da argumentação e a organização retórica na seção de introdução de artigo científico da área de linguística / Jaciel Ribeiro Rodrigues. – 2024.
162 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Programa de Mestrado Acadêmico em Letras – *Campus* Poeta Torquato Neto, Teresina-PI, 2024.

“Orientadora Profa. Dra. Bárbara Olímpia Ramos de Melo.”
“Área de Concentração: Literatura e Cultura.”

1. Gênero textual. 2. Artigo científico. 3. Seção de introdução.
4. Organização retórica. 5. Argumentação. I. Título.

CDD: 469.02

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca Central da UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecária) CRB-3ª/1188



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

JACIEL RIBEIRO RODRIGUES

Esta dissertação foi defendida às 19:00h, do dia 05 de março de 2024, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. O candidato apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Professor(a) Dr(a). Bárbara Olímpia Ramos de Melo – UESPI
Orientador(a)

Professor(a) Dr(a). João Benvido de Moura – UFPI
Membro Externo

Professor(a) Dr(a). Alan Lobo de Souza – UESPI
Membro Interno

Visto da Coordenação:

Dr. Franklin Oliveira Silva (Matrícula: 286.154-2)
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI

A minha mãe, Francisca Ribeiro, e ao meu pai, Jadiel Araújo por sempre acreditarem em mim; a minha sobrinha, Maria Clara por ser o meu alicerce e o meu motivo de seguir na jornada da vida diante das dificuldades; a minha irmã, Jaciane Ribeiro (*In memoriam*).

AGRADECIMENTO

A Deus, pelas conquistas alcançadas até aqui;

Agradeço especialmente aos meus pais, à minha mãe Francisca Ribeiro, e ao meu pai Jadiel Araújo, pelo amor, apoio e dedicação e por sempre estar presente em minha vida e dos meus irmãos. As minhas sobrinhas Maria Clara e Mayra Luiza pelo amor e confiança por serem o meu conforto e o meu alicerce;

Aos examinadores, professor Dr. João Benvindo e ao professor Dr. Alan Lobo, pelo acompanhamento do meu trabalho desde a qualificação e nesta etapa conclusiva. Pela dedicação e sugestões com que se lançaram às leituras desde trabalho;

À minha orientadora, professora Dra. Bárbara Olímpia, pela sua humildade, pelo apoio e pela sua dedicação em me conduzir nos estudos da Análise de Gêneros, pela sua paciência, orientação e ajuda na minha vida acadêmica e, acima de tudo, pelo acolhimento;

As minhas tias Maria e Morena pela hospedagem durante as aulas presenciais;

Aos meus irmãos Janiel e Jardel e minha irmã Jaciane (*in memoriam*), que sempre estiveram presentes;

Aos docentes da Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI, pelo cuidado e dedicação nas aulas, os quais foram essenciais para a minha vida acadêmica, possibilitando um profundo conhecimento no campo da linguagem;

Aos colegas de turma pelas discussões e troca de conhecimento nas aulas remotas e presenciais;

A CAPES pelo apoio financeiro durante o Mestrado, sendo de total relevância para a conclusão do curso.

RESUMO

Gêneros como artigo científico, resumo, resenha, dissertação e tese circulam com frequência no ambiente acadêmico, contribuindo para a divulgação do conhecimento científico têm sido fontes para o desenvolvimento de pesquisas sobre o viés da abordagem de análise de gênero. Dentre os gêneros anteriormente mencionados, elegemos o artigo científico para o nosso estudo, por ser um gênero destinado à publicação e divulgação de pesquisas de natureza científica, circulando entre os estudantes e pesquisadores na universidade para a discussão nas diversas áreas do conhecimento. Destacamos a seção de introdução como objeto de estudo, considerando sua importância para o gênero artigo científico e suas estratégias para a construção do texto, de modo que pode fazer com que leitor prossiga com a leitura do artigo. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é investigar a construção da argumentação e da organização retórica nas seções de introdução de artigos científicos da área de Linguística. Para isto, dialogamos com os teóricos da Análise de Gênero tais como: Swales (1990), Miller (2012), Bazerman (2021), Motta-Roth e Hendges (2010), dentre outros; em relação aos pesquisadores que estudam a Argumentação, nos apoiamos nos trabalhos de Breton (1999), Charaudeau (2008), Fiorin (2018) Koch, Elias (2021) e Perelman Olbrechts-Tyteca (2002). O estudo parte de uma pesquisa qualitativa e quantitativa com um *corpus* de quinze seções de introdução de artigos científicos da área de Linguística, selecionados de três periódicos *Qualis A1* (quadriênio de 2017 – 2020), e coletados nos sites dos periódicos. Os resultados nos mostram a presença de três movimentos e oito passos retóricos, dentre eles, destacamos o passo 7 “Apresentando a metodologia” considerado um passo novo que não consta nos modelos anteriores. Quanto aos argumentos presentes na construção dos passos, verificamos sua relação com os movimentos e passos retóricos, assim como os operadores argumentativos, levando-nos a crer que tais estratégias são fundamentais para promover o texto. Assim, com as análises realizadas, concluímos que os movimentos e os passos retóricos apresentam relação com os argumentos, bem como os operadores argumentativos, os quais entram em conexão para a defesa da tese apresentada, buscando atingir aos propósitos comunicativos da seção.

Palavras-chave: Gênero textual; Artigo científico; Seção de introdução; Organização retórica; Argumentação.

ABSTRACT

Genres such as scientific articles, abstracts, reviews, dissertations and theses circulate frequently in the academic environment, contributing to the dissemination of scientific knowledge and have been sources for the development of research using the gender analysis approach. Among the genres mentioned above, we chose the scientific article for our study, as it is a genre intended for the publication and dissemination of scientific research, circulating among students and researchers at university for discussion in the various areas of knowledge. We have highlighted the introduction section as an object of study, considering its importance for the scientific article genre and its strategies for constructing the text, so that it can make the reader continue reading the article. The aim of this research is to investigate the construction of argumentation and rhetorical organization in the introductory sections of scientific articles in the field of Linguistics. To do this, we dialogued with the theorists of Genre Analysis such as Swales (1990), Miller (2012), Bazerman (2021), Motta-Roth and Hedges (2010), among others; in relation to researchers who study Argumentation, we rely on the works of Breton (1999), Charaudeau (2008), Fiorin (2018) Koch, Elias (2021) and Perelman Olbrechts-Tyteca (2002). The study is based on qualitative and quantitative research with a corpus of fifteen sections of introductions to scientific articles in the field of Linguistics, selected from three Qualis A1 journals (2017-2020 quadrennium), and collected from the journals' websites. The results show the presence of three movements and eight rhetorical steps, among which we highlight step 7 "Introducing the methodology", considered a new step that is not included in the previous models described in this study. As for the arguments present in the construction of the steps, we have verified their relationship with the rhetorical movements and steps, as well as the argumentative operators, leading us to believe that these strategies are fundamental to promoting the text. Thus, with the analysis carried out, we conclude that the rhetorical moves and steps are related to the arguments, as well as the argumentative operators, which are connected to the defense of the thesis presented, seeking to achieve the communicative purposes of the section.

Keywords: Textual genre; Scientific article; Introduction section; Rhetorical organization; Argumentation.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1: Modelo CARS das introduções de artigo de pesquisa | 40 |
| Quadro 2: Modelo retórico da seção de introdução de artigos científicos da área de química..... | 42 |
| Quadro 3: Descrição sociorretórica da seção de introdução de artigos acadêmicos de Linguística Aplicada..... | 43 |
| Quadro 4: Descrição retórica de introdução de artigos de cultura disciplinar da área de Nutrição..... | 44 |
| Quadro 5: Técnicas argumentativas e seus respectivos argumentos..... | 54 |
| Quadro 6: Informações sobre os periódicos selecionados para a pesquisa..... | 67 |
| Quadro 7: Descrição retórica da seção de introdução de artigos científicos da área de Linguística..... | 74 |
| Quadro 8: Movimento e passos retóricos presentes/ausentes em pesquisas prévias..... | 90 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1: Operadores argumentativos utilizados nos argumentos..... | 101 |
| Tabela 2: Relação entre construção retórica e tipos de argumentos..... | 109 |

LISTA DE GRÁFICO

| | |
|---|----|
| Gráfico 1: Presença dos passos retóricos nas seções de introduções de artigos científicos da área de Linguística..... | 89 |
|---|----|

LISTAS DE SIGLAS

ERG - Estudos Retóricos de Gênero

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ESP - *English for Specific Purposes* (Inglês para fins Específicos)

CARS - *Creat a Research Space*

PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras

PROFMAT - Programa de Mestrado Profissional em Matemática

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 A SOCIORRETÓRICA E OS ESTUDOS DE GÊNEROS | 18 |
| 2.1 O gênero na abordagem sociorretórica | 20 |
| 2. 1. 1 Abordagem de gênero em ESP (<i>English for Specific Purposes</i>)..... | 24 |
| 2. 2 O gênero artigo científico | 32 |
| 2. 2. 1 A seção de introdução..... | 35 |
| 2. 2. 2 A organização retórica na seção de introdução: movimentos e passos retóricos..... | 38 |
| 3 CONCEPÇÕES SOBRE ARGUMENTAÇÃO | 48 |
| 3.1 Técnicas argumentativas e os tipos de argumentos | 51 |
| 3.1.1 Argumento de identidade e definição..... | 56 |
| 3.1.2 Argumento de comparação..... | 57 |
| 3.1.3 Argumento de probabilidade..... | 58 |
| 3.1.4 Argumento de vínculo causal..... | 59 |
| 3.1.5 Argumento de autoridade..... | 60 |
| 3. 2 OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS: definição e funcionamento | 61 |
| 4 METODOLOGIA | 66 |
| 4.1 Caracterização da pesquisa | 66 |
| 4. 2 Constituição do <i>corpus</i> | 67 |
| 4.2.1 Contexto de produção dos artigos..... | 68 |
| 4. 3 Procedimentos de análise..... | 70 |
| 5 ANÁLISES E DISCUSSÕES | 73 |
| 5.1 Descrição da organização retórica da seção de introdução da área de linguística | 73 |
| 5. 2 Descrição dos argumentos na seção de introdução..... | 91 |
| 5. 2. 1 Os operadores argumentativos..... | 100 |
| 5. 3 Argumentação e organização retórica: uma relação possível..... | 108 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 117 |
| REFERÊNCIAS | 121 |
| ANEXOS | 126 |

1 INTRODUÇÃO

Os estudos de gêneros textuais têm sido cada vez mais constantes no ambiente acadêmico. Isso porque eles são considerados atos de comunicação que se manifestam em diversas atividades da esfera humana. Desse modo, as pesquisas relacionadas a esse fenômeno buscam entender como eles são organizados pelos seus usuários e quais propósitos comunicativos desejam alcançar.

Tendo em vista a diversidade dos estudos de gêneros textuais, compreendemos a importância de pesquisar este fenômeno em contextos específicos pelo viés dos Estudos Retóricos de Gêneros e do Inglês para Fins Específicos. Tais teorias têm suas particularidades, mas reconhecem que os gêneros apresentam uma ação dinâmica entre o texto e o contexto. Cabe, portanto, ressaltar o contexto acadêmico como um ambiente de produção do gênero e responsável pelas reflexões e pelos estudos em gêneros nesse espaço.

Os Estudos Retóricos de Gêneros são uma perspectiva já bem consolidada e descrita, concebida como uma possibilidade de organização da escrita, que contribuem para a compreensão do gênero enquanto organizador das ações e das relações sociais (Bawarshhi; Reiff, 2013). A análise de gênero sob o viés do Inglês para Fins Específicos tem o foco na identificação da comunidade discursiva, no propósito comunicativo que o gênero busca realizar e na organização retórica (Bawarshhi; Reiff, 2013).

Os estudos em Análise de Gênero vêm mostrando muita aplicabilidade em diferentes gêneros, dentre os quais podemos citar as pesquisas prévias em seções de introduções desenvolvidas por Swales (1990) que investigou seções de introduções da área de física, educação e psicologia, de Aranha (1996, 2004) que, em sua dissertação, analisou as seções de introduções de artigo científicos da área de química e, em sua tese, da área de biologia e a de Silva, Bernardino e Valentim (2020), que teve como objeto de análise as seções de introduções da área de Linguística Aplicada, dentre outras.

Em pesquisas realizadas com outros gêneros acadêmicos, destacamos de Biasi-Rodrigues (1998) que, em sua tese, investigou a organização retórica do gênero resumo de dissertação de mestrado na área de Linguística, a pesquisa de Bezerra (2001), que teve como objeto de investigação resenhas acadêmicas escritas por membros experientes e por alunos de graduação da área de teologia, cujo objetivo foi

apresentar os traços descritivos da organização retórica do gênero, entre outros estudos.

No campo da argumentação em textos acadêmicos, destacamos os trabalhos de Souza, Costa e Lima (2018), que analisaram a argumentação nas introduções de monografias de curso Letras Língua Portuguesa e Língua Espanhola; e o de Gomes e Rodrigues (2019), que realizaram um estudo dos operadores argumentativos na fundamentação teórica em artigo científico de alunos egressos do curso de graduação em Pedagogia.

Apesar de inúmeras pesquisas já realizadas nesta mesma perspectiva, ainda existem lacunas referente ao modo como os autores mais experientes de uma área disciplinar constroem a seção de introdução no que se refere à organização retórica, uma vez que possivelmente a existência de outros passos retóricos, além dos já encontrados em trabalhos anteriores. Também consideramos como lacuna a ausência de trabalhos que envolvam a argumentação na seção de introdução de artigos científicos no que dizem respeito aos tipos de argumentos e aos operadores argumentativos.

Desse modo, com o intuito de contribuir com o conhecimento científico, no meio acadêmico, sobre a organização retórica e a argumentação em textos acadêmicos, o presente estudo surgiu com a necessidade de investigar com os pesquisadores mais experientes da área de Linguística organizam a seção de introdução de artigos científicos, visando atingir os propósitos comunicativos, bem como gerar discussões acerca da construção retórica e da argumentação na parte introdutória desse gênero.

Dentre os gêneros que circulam no meio acadêmico, escolhemos o artigo científico para nosso estudo, por se destacar entre os estudantes de graduação e pós-graduação, por servir de base para a divulgação de pesquisas realizadas em uma área específica, assim como para a construção do conhecimento. Sendo assim, este estudo visa investigar a construção da argumentação e da organização retórica da seção de introdução de artigos científicos da área de Linguística. Destacamos a seção de introdução como objeto de pesquisa por ser uma parte importante do artigo, em que apresentam estratégias que podem ser benéficas para fazer com que o leitor prossiga na leitura do artigo e por consideramos uma seção que, por sua natureza, devem conter marcas da argumentação, que dialoga diretamente com o interlocutor, de modo a convencê-lo da importância da pesquisa.

Posto isso, neste estudo dialogamos com duas teorias: a Argumentação e a Análise de Gênero, com o intuito de compreender as estratégias argumentativas na organização retórica da seção de introdução. Para isso, selecionamos um *corpus* de quinze seções de introdução de artigos científicos da área de Linguística, selecionados de três periódicos com *Qualis* A1 (quadriênio de 2017 – 2020) e coletados nos *sites* dos periódicos, uma vez que essa qualificação trata de revistas de excelência, sendo os artigos produzidos por membros mais experientes da comunidade discursiva acadêmica.

Diante disso, direcionamos a nossa pesquisa por meio dos seguintes questionamentos: como os autores dos artigos científicos da área de Linguística constroem a argumentação na seção de introdução? E como os autores dos artigos científicos da área de Linguística agem retoricamente na organização da seção de introdução, de modo a atender ao propósito comunicativo do gênero? Partimos da hipótese de que os autores dos artigos científicos, ao desenvolverem seu texto, utilizam-se de estratégias retóricas, bem como da argumentação para promover o texto/pesquisa.

Assim, por meio da análise da organização retórica na seção de introdução, buscamos descrever os tipos de argumentos, os operadores argumentativos e suas relações com os passos retóricos. À vista disso, acreditamos que este estudo pode ser importante para o avanço de pesquisas sobre a seção de introdução de artigos científicos, pois, com o desenvolvimento deste estudo, novas discussões poderão surgir não apenas no campo da Análise de Gênero, mas também da Argumentação.

Para atingirmos os objetivos propostos nesta pesquisa, nos fundamentamos nos teóricos dos estudos dos Gêneros Swales (1990), Alves Filho (2018-2011), Biasi-Rodrigues (1998), Bawarshi e Reiff (2013), Miller (2012), Bazerman (2021), Motta-Roth e Hendges (2010), Bezerra (2022, 2017, 2001). Para análise dos Estudos da Argumentação apoiamos nos trabalhos Breton (1999), Charaudeau (2008), Fiorin (2018) Koch, Elias (2021), Perelman Olbrechts-Tyteca (2002), entre outros.

A dissertação está organizada em seis capítulos. Este capítulo que corresponde a introdução. O capítulo dois tece considerações a respeito da noção de gênero, apresentando o gênero na abordagem sociorretórica, bem como na abordagem de gênero em Inglês para Fins Específicos; trata, ainda, sobre as características do gênero artigo científico, da seção de introdução e, também da descrição da organização retórica desta seção em trabalhos anteriores.

O capítulo três trata das concepções dos Estudos da Argumentação, em que aborda uma discussão sobre as técnicas argumentativas e os tipos de argumentos. Apresentamos, ainda, uma reflexão sobre os operadores argumentativos, expondo a sua definição e sua funcionalidade. O capítulo quatro corresponde à metodologia desta dissertação, na qual trazemos a caracterização da pesquisa, a constituição do *corpus* e os procedimentos de análise. O capítulo cinco apresenta análise dos dados, no qual descrevemos a análise textual da organização retórica, da argumentação, dos operadores argumentativos e, também das relações possíveis entre eles e, por fim, as considerações finais, apresentando os achados da pesquisa e suas contribuições para os estudos dos Gêneros e da Argumentação.

A seguir, no próximo capítulo, discutiremos acerca dos estudos em torno do gênero.

2 A SOCIORRETÓRICA E OS ESTUDOS DE GÊNEROS

O gênero textual é um fenômeno que realiza um papel importante na sociedade e se desenvolve em diferentes lugares, por sua circulação e sua contribuição para a comunicação. Em cada ambiente em que transita, “convencionado no texto” (Bezerra, 2017), executa uma atividade da esfera humana para atender um propósito comunicativo, seja verbal ou não-verbal entre os membros da comunidade discursiva em um contexto específico. De acordo com Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009), o gênero realiza atividade de comunicação que desenvolve um propósito comunicativo conforme a necessidade da comunidade, sendo assim toda atividade humana, executada em uma comunidade de lugar, é manifestada por um gênero.

Os gêneros são veículos que desenvolvem práticas comunicativas, os quais, geralmente, possuem um padrão definido pela comunidade discursiva onde está inserido, orientando os seus membros. Marcuschi (2008) ressalta que a comunicação se dá por algum gênero textual. Eles, no que lhe concerne, são atividades socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social, são nossa forma de inserção e ação no dia a dia, cujo objetivo é orientar e organizar uma atividade da esfera humana.

Desse modo, os gêneros são produções linguísticas que contemplam regras e uma estrutura formal, no entanto, não estão reduzidos a isso, pois seu objetivo, enquanto função comunicativa que permite a interação entre os membros, é guiar as formas de ação e de organização social por cada situação que realizam, bem como propiciar a construção do pensamento e as relações comunicativas, a saber:

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São formas para ação social. São ambientes para aprendizagem. São os lugares em que o sentido é construído. Os gêneros moldam o pensamento que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar (Bazerman, 2021, p. 39).

Sob esse viés, é possível afirmar que os gêneros se manifestam em um espaço social, no qual são realizadas atividades organizadas pelos integrantes de uma comunidade específica, de modo a constituir uma rede interativa entre eles. Para

Bazerman (2021), além dos aspectos formais, os gêneros são como um ambiente familiar que nos direcionam a vários lugares, e nos ajudam a estabelecer práticas comunicativas com outros indivíduos.

Bawarshi e Reiff (2013) pontuam que os gêneros são modos tipificados de agir socialmente, são ações socializadoras que refletem o contexto em que estão inseridos nos orientandos nas diversas atividades humanas. Com isso, percebemos que o gênero se constrói a partir de seu contexto, sendo por meio dele que os integrantes de uma comunidade discursiva passam a compreendê-lo e, assim, compartilhar de seus propósitos comunicativos.

Alves Filho (2011) defende que para compreender um gênero é necessário observar o contexto, no qual é produzido e posto em circulação, pois há uma relação indestrutível entre os gêneros e o seu contexto ou situação. O cenário contextual em que eles são inseridos e como os sujeitos agem diante das situações são importantes para a interpretação feita pelos usuários, uma vez que a compreensão dos gêneros parte das práticas sociais coletivas.

Biasi-Rodrigues (1998) afirma que a escolha de um determinado gênero textual e sua utilização se dá pelas instâncias sociais de uso e pela necessidade imediata de seus interactantes. Sendo, portanto, redes interativas que realizam atividades comunicativas dentro e fora de seu ambiente. O gênero, por sua vez, é uma propriedade que pertencem a um grupo de indivíduos e não a indivíduos, pois busca manter os valores, as crenças, as regras e as convenções da comunidade discursiva na qual é produzido.

Desse modo, o gênero não é limitado a apenas uma forma de interpretação, ao mesmo tempo, que não devem ser reduzidos a um conjunto de características formais, de conteúdo ou de estilo, tampouco a um único indivíduo. Sobre isso, Bezerra (2022, p. 44) descreve que [...] “eles são bem mais que isso. Os gêneros são recursos socialmente desenvolvidos para orientar as ações e as atividades humanas no mundo” [...]. Assim, no que se refere às práticas comunicativas, estas são organizadas para realizar algum tipo de atividade a qual é manifestada por um gênero usado para comunicar algo a alguém em situações específicas.

Nos termos de Miller (2012) os gêneros são pragmáticos e retóricos que criam, em um contexto social, um efeito em uma dada situação. Para a autora, eles se constroem a partir de uma ação retórica tipificada disponível num dado momento na história e na cultura. Além disso, os gêneros, em sua compreensão retórica, se

baseiam na prática e nas convenções que uma sociedade estabelece como maneira de agir junto. Assim, os gêneros são históricos, variados e dinâmicos, que desempenham um papel importante no ambiente em que está inserido, e dependem da situação e do contexto em que está realizando algum tipo de atividade.

Diante dessas considerações teóricas acerca das noções de gêneros, no próximo tópico, apresentaremos as abordagens que giram em torno dos estudos dos gêneros textuais.

2.1 O gênero na abordagem sociorretórica

As reflexões acerca dos estudos do gênero na abordagem sociorretórica vêm se consolidando no espaço acadêmico, muitos pesquisadores defendem que o gênero busca realizar situações recorrentes e estratégias retóricas tipificadas. Os gêneros, nesta abordagem, são compreendidos em contextos reais de interação que realizam ações concretizadas pela linguagem, funcionando como base para o desenvolvimento de práticas sociais, conforme a necessidade de cada grupo.

O conceito de gênero sobre o viés dos Estudos Retóricos de Gênero (ERG) tem se desenvolvido por Carolyn Miller. Para a autora, os gêneros são formas recorrências e ações retóricas que funcionam para a organização das relações sociais. Ela argumenta, ainda, que uma definição retórica do gênero deve estar centrada na forma como realiza ação social e, não, na substância e na forma de discurso (Miller, 2012). Isto é, os usuários devem considerar o caráter social que os gêneros desempenham em cada situação desenvolvida.

A autora aprofundou as concepções retóricas do gênero sobre esse viés, sendo reconhecida para os variados estudos sobre a noção de gênero na abordagem sociorretórica, a saber:

[...] Carolyn Miller estabeleceu conexões entre as novas concepções retóricas da retórica como ação simbólica e os estudos em crítica retórica e sociologia que enfocaram a tipificação retórica e social. A noção de tipificação (reconhecimento socialmente definido e compartilhado de similaridades) se mostraria essencial para uma concepção de gênero como ação social (Bawarshhi; Reiff, 2013, p. 84-85).

Os autores asseguram que o crédito, desta nova abordagem, se deve à autora, uma vez que suas contribuições colaboram para outras percepções a respeito

dos gêneros nos ambientes sociais. As definições de gênero, nos termos situação retórica, tipificação e recorrência, criados por Miller (2012), são fundamentais para a abordagem sociorretórica, uma vez que os gêneros ajudam entender como participar das relações de uma comunidade. Para a autora as ligações entre gênero, situação recorrente e ação retórica tipificada são instrumentos importantes para entender as estruturas de poder que as instituições exercem e que devem ser interpretadas em um contexto de situação. Ela argumenta, ainda, que:

[...] Um princípio classificador baseado na ação retórica parece refletir mais claramente a prática retórica [...]. E se gênero representa ação, ele tem que envolver situação e motivo, uma vez que a ação humana, seja simbólica ou não, só é interpretável num contexto de situação e através da atribuição de motivos (Miller, 2012, p. 23).

Para a autora os gêneros podem ser interpretados a partir do contexto em estão inseridos, uma vez que é no contexto que as práticas são realizadas pelos indivíduos, que aderindo a um modelo de gênero pode representar e envolver alguma situação recorrente, além de compreender o motivo pelo qual um gênero está circulando. Por exemplo, os artigos científicos apresentam uma situação particular e são representados socialmente pelos usuários para atingir algum propósito comunicativo.

Carvalho (2005), em consonância com os estudos de Miller (2012), assegura ser preciso perceber na situação retórica não só as características do contexto, mas também a motivação dos participantes do discurso, assim como os efeitos por eles pretendidos e/ou percebidos. Nesse sentido, os gêneros são produzidos para atender às necessidades de seus usuários, através de ações que levam para produzir respostas, e em que situação, seja ela similar ou análoga a outra, podemos interpretar e criar situações retóricas por meio dos gêneros.

Carvalho (2005) destaca, ainda, que ao interpretarmos situações novas, criamos tipos de produzir respostas retóricas a qualquer situação que passa a fazer parte do conhecimento e é aplicado a novas situações. Isto implica a organização do pensamento que cada usuário, ao estar diante de uma situação e pertencendo a uma mesma comunidade, interpreta e dá novas informações ao gênero, compartilhando-as através de certas ações.

Bazerman (2021, p. 45) enfatiza que [...] “os falantes percebem que um tipo particular de enunciado se mostra eficaz em certas circunstâncias e que há uma

tendência para o uso de um tipo similar de enunciado” [...]. O autor argumenta, ainda, que as interpretações vêm à tona com o passar do tempo por meio das repetições, dos padrões e das expectativas socialmente compartilhadas. Nesse sentido, o gênero, em uma certa circunstância, configura as possíveis ações sociais que podem ser identificadas por seus usuários em uma determinada situação recorrente a partir de uma ação já existente.

Miller (2012) confirma que a similaridade constitui um tipo, este, por sua vez, é formado a partir de tipificações já existentes. Para a autora, quando uma nova situação se torna útil ela passa a ser rotineira e pode ser através do processo de tipificação, cujo participante cria suas recorrências, analogias e similaridade, valendo-se das interpretações feitas por eles. A situação de tipificação opera no uso adequado do gênero e na compreensão entre os sujeitos, a saber:

[...] A situação tipificada, incluindo tipificações de participante, subjaz a tipificação na retórica. A comunicação bem-sucedida requer que os participantes compartilham tipos comuns: isso é possível na medida em que os tipos são criados socialmente (ou são biologicamente inatos) (Miller, 2012, p. 30).

Nesse viés, o processo de tipificação é reconhecido socialmente, sendo responsável pela comunicação entre os participantes de uma mesma comunidade, compartilhando objetivos comuns. Além disso, os tipos são bases para o desenvolvimento de sentido, uma vez que, enquanto compartilhamos uma interpretação, estamos fazendo por meio de tipificações disponíveis, tornando-a reconhecível (Bawarshhi; Reiff, 2013). À medida que nossas ações são desenvolvidas é que buscamos informações para as interpretações e reconhecemos as situações recorrentes.

A respeito das recorrências, Miller (2012) pontua ser um fenômeno intersubjetivo que deve ser compreendido por meio de situações comparáveis, similares ou análogos, pois, segundo a autora, o que ocorre não pode ser configurado como um objeto, nem acontecimento e pessoa, tampouco em uma ação subjetiva. O processo de recorrência torna os sujeitos reconhecidos e guiados em uma situação retórica, bem como atrelando sentido e valor, sendo o gênero a base para agir socialmente.

Assim, reconhecer o gênero como ação retórica é, para Bawarshi e Reiff (2013), uma ação socialmente interpretável na qual permite certas ações. Portanto,

antes de tudo, precisamos compreender que o gênero é um fenômeno que circula em uma determinada comunidade e que devemos interpretar também o ambiente e, assim, tornar visíveis as nossas interpretações, compartilhando-as e gerando novas situações em relação às anteriores.

Como argumenta Bazerman (2021), o gênero, não é apenas uma categoria linguística, mas uma categoria sociopsicológica usado para construir ações tipificadas em uma situação típica, sendo uma forma de criar ordem em um mundo simbólico sempre fluido. Bawarshi e Reiff (2013) defendem que os gêneros permitem criar relações tipificadas, à medida que o sujeito organiza e realiza formas complexas de interação social.

Bazerman (2021, p. 45) na mesma perspectiva, afirma que [...] “o reconhecimento do gênero tipifica as possíveis ações e intenções sociais” [...]. Ou seja, as implicações do gênero como ação social devem ser observadas em suas relações sociais regularizadas, as quais se tornam padronizadas pelos usuários. Os gêneros criam fatos sociais que dão origem às situações tipificadas, necessárias para estabelecer a comunicação.

Assim, entendemos que o gênero desempenha uma função social em situações tipificadas, tornando-se importante para mediar uma situação tipicamente recorrente. Para Miller (2012, p. 29), “a situação retórica é um construto social que resulta não de percepção, mas de definição” [...]. Sobre isso, Bawarshi e Reiff (2013) concluem que uma situação comunicativa exige a demanda de uma certa resposta, caso ela seja definida como uma, e as ações estão ligadas às interpretações.

Em suma, podemos afirmar que os gêneros, ao realizar situações retóricas tipificadas e desempenhando papel social, passaram a ser objeto de investigação dos ERG, assim, surgindo novas concepções as quais deram conta para compreender como podemos interagir e ser influenciados por eles, bem como reconhecer situações tipificadas que tem como função atender um propósito comunicativo, compartilhados por membros de uma comunidade discursiva.

Desse modo, outras vertentes fortaleceram os estudos de gênero que também compreenderam a importância da relação de gênero em contexto mais específico, considerando os propósitos comunicativos e a comunidade discursiva implicados para a realização dos gêneros nesta abordagem. Sobre isso, que passaremos a discutir no subtópico a seguir.

2.1.1 Abordagem de gênero em ESP (*English for Specific Purposes*)

Os estudos de Inglês para fins específicos (ESP) concentram-se nos propósitos e efeitos comunicativos da língua, centrados em contexto específico como profissionais, acadêmicos e voltado para falantes não nativos. Para Bawarshi e Reiff (2013), essa área existe desde 1960, mas as pesquisas em gêneros como ferramenta pedagógica, expandiram-se nos anos 1980 com John Swales, sendo desenvolvidas de forma mais intensa a partir de 1990, após desenvolver metodologias para a análise de gênero com base no modelo *Creat a Research Space* (CARS).

Essa abordagem é considerada amplamente positiva para as pesquisas em gêneros, pois, segundo Bawarshi e Reiff (2013), suas metas para a análise de gênero estão centradas em três conceitos: propósito comunicativo, comunidade discursiva e na noção de gênero, priorizando a estrutura, os aspectos linguísticos e seu caráter pedagógico. Nessa abordagem, o contexto é fundamental para a análise do gênero, uma vez que apontam para os aspectos comunicativos e funcionais do gênero, os quais colaboram para a compreensão do gênero.

Bhatia (2009) em seu artigo intitulado “A análise de gênero hoje” faz referências às reflexões teóricas acerca das abordagens das novas concepções de gênero que muitos pesquisadores têm realizados. Para ele a análise de gênero apresenta uma base comum entre as teorias desenvolvidas por diferentes pesquisadores como argumenta o autor:

Análise de gêneros é o estudo do comportamento linguístico situado em contextos acadêmicos ou profissionais, seja qual for o modo como é abordado; quer em termos de tipologias de ações retóricas, como em Miller (1984) e Berkenkotter e Huckin (1995); em termos de regularidades de processos sociais de vários níveis e orientados para uma meta, como em Martin, Christy e Rotery (1987) e Martin (1993) ; ou em termos de consistência de propósitos comunicativos, como em Swales (1990) e Bhatia (1993) (Bhatia, 2009, p. 160 - 161).

Como podemos observar, o autor apresenta as bases das abordagens acerca dos gêneros que ele considera comum entre os estudiosos, traçando as características entre elas. Percebemos que Bhatia considera a relação dos estudos de Miller, cuja teoria discutimos na seção anterior, com a de Berkenkotter e Huckin, às teorias de análise de gênero de Martin, Christy e Rotery (1987) e Martin (1993) e a de Swales (1990) com Bhatia (1993).

Na abordagem para a análise de gênero nesta perspectiva, o linguista John Swales concentra-se no conceito de propósito comunicativo e comunidade discursiva para os estudos dos gêneros. Para os estudiosos em ESP o gênero também é compreendido a partir de seu contexto, assim como os ERG defendem. No entanto, para Bawarshi e Reiff (2013), os estudos em ESP compreendem os gêneros como ferramentas comunicativas situadas em contextos sociais, auxiliando os membros da comunidade discursiva a realizar propósitos comunicativos compartilhados.

Bawarshi e Reiff (2013) descrevem que a análise de gênero sobre o viés do ESP se tornou profunda não somente no sentido de descrever os traços linguísticos, mas também na função que o gênero exerce, ou seja, os propósitos e os efeitos comunicativos que ele realiza. O ESP se destaca pelo uso da língua em diferentes contextos, cuja função é construir um propósito específico em cada prática discursiva. Nesse sentido, Oliveira (2022) afirma que os fundamentos dessa abordagem estão pautados no contexto em que a produção de gênero é identificada como um meio para um fim.

A abordagem de ESP procura orientar as práticas pedagógicas a partir da aprendizagem dos gêneros em contexto específico, uma vez que restringir os estudos de gênero em uma comunidade discursiva e em propósito comunicativo é reconhecer a sua função social. Bawarshi e Reiff (2013) compreendem que o conceito de propósito comunicativo e de comunidade discursiva são ponto de partida para a análise do gênero nesta abordagem. De acordo com os autores:

[...] Uma abordagem à análise de gênero típica de ESP começaria, por exemplo, pela identificação do gênero dentro da comunidade discursiva e pela definição do propósito comunicativo que o gênero deve realizar. Em seguida, a análise se voltaria para o estudo da organização do gênero – sua estrutura esquemática -, muitas vezes caracterizada pelos movimentos retóricos realizado e, finalmente, para o exame dos aspectos textuais e linguístico (estilo, tom, voz, gramática, sintaxe) que os movimentos retóricos realizam [...] (Bawarshi; Reiff, 2013, p. 67).

Nesse sentido, os autores discutem que uma análise completa do gênero tem o ponto de partida na comunidade na qual o gênero está inserido para, assim, compreender o propósito pelo qual ele está circulando. Por exemplo, o artigo científico da área específica de Letras deve ser analisado a partir de seu contexto social, bem como do propósito comunicativo que o gênero quer alcançar. Isto é feito pelos

membros da comunidade acadêmica que reconhecem o gênero e identificam seus possíveis propósitos.

Para uma análise de gênero sobre o viés do ESP, o contexto social, os traços léxico-gramaticais, os movimentos e passos retóricos são bases para atenderem os propósitos comunicativos do gênero, assim como para a comunidade discursiva. O tratamento dessa abordagem é um gênero específico com foco nas características formais e funcionais (Oliveira, 2022). Dessa forma, é possível desenvolver uma análise do gênero e observar como os produtores de uma determinada comunidade discursiva organizam o texto, a partir da descrição dos movimentos e passos retóricos.

Muitas pesquisas tiveram como base esta abordagem teórico-metodológica, cujo foco é o ensino e a análise de um gênero específico em um contexto acadêmico ou fora dele. Oliveira (2022) em sua tese destaca que a abordagem ESP representa um modo de estudo, de fazer pesquisa, bem como para o ensino com a necessidade de comunicação e aprendizagem, abrigando muitos estudos com foco em gêneros em contextos específicos. Segundo o autor:

Os estudos da abordagem do ESP são originários de um modo de ensino em necessidades específicas [...]. O ensino de ESP é caracterizado pelas necessidades reais de aprendizagem de língua inglesa. No entanto, a sigla ESP representa um termo guarda-chuva que abriga outras necessidades de aprendizagem e de comunicação de práticas e processos específicos de língua (em termo de idioma) e linguagem (em termo de ocupação, por exemplo, acadêmica e profissional) [...] (Oliveira, 2022, p. 187).

Como salienta o autor a abordagem do ESP tem foco no processo de aprendizagem de língua inglesa e das necessidades de comunicação, uma vez que seu objetivo é compreender de que forma os usuários de um gênero, em um contexto específico, estrutura-o quanto à sinalização dos movimentos e passos retóricos encontrados no gênero, sendo importante para o ensino e para a realização de pesquisas.

Sobre isso, Bawarshi e Reiff (2013) completam que essa abordagem, ao tratar do propósito, da análise dos movimentos retóricos e como esses movimentos se realizam textual e linguisticamente no gênero, contribuiu para muitas pesquisas sobre os gêneros textuais em disciplinas específicas, em especial o artigo científico, gênero que serviu de estudo para o desenvolvimento da pesquisa de Swales (1990). Assim, podemos afirmar que os estudos em ESP tem influenciado muitos estudiosos a

pesquisar os gêneros textuais em contextos específicos. Portanto, nesta pesquisa, utilizamos a abordagem dos ERG, já discutido no tópico anterior, e de ESP.

Aplicado em introduções de artigos científicos, o ESP buscou compreender como os gêneros estão relacionados aos seus usos e usuários, comunidade discursiva e propósito comunicativo, tentando compreendê-los como instrumento de comunicação em contexto específico. Swales (1990) ao desenvolver sua pesquisa em artigos científicos, com a finalidade de identificar a frequência de traços linguísticos na estrutura textual, trouxe grandes contribuições para os estudos em análise dos gêneros. Sendo o primeiro a desenvolver metodologias para a análise de gênero nesta perspectiva, o pesquisador define o gênero como uma classe de evento comunicativo, que aponta para as interações entre os membros da comunidade em seu ambiente de produção e recepção. Nas palavras do autor:

Os gêneros consistem em uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros experientes da comunidade discursiva de origem, e assim constituem o fundamento lógico para o gênero. Esse fundamento lógico molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe escolhas de conteúdo e estilo [...] (Swales, 1990, p. 58).

Ao propor essa definição, o autor compreende que o gênero, por pertencer a uma classe de evento comunicativo, realiza por meio da linguagem, desempenhando uma função social no ambiente de produção que está inserido, o qual serve para comunicar algo a alguém, sendo o contexto fundamental para interpretá-lo. Sobre isso, Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009, p. 21) completam que o gênero, por essa ótica, [...] “é constituído de discurso, participante, funções e ambiente onde se produz e se recebe o discurso”.

Desse modo, temos em Swales (1990) o cuidado de observar que o gênero aponta uma intenção e o que ele representa em uma comunidade discursiva e que sua recepção pelos seus membros é fundamental para atingir os propósitos comunicativos. Para Swales (2009), o gênero é uma mediação entre situações sociais e o texto que agem estrategicamente nas exigências das situações com o objetivo de compartilhar propósitos comunicativos.

As situações sociais em que o gênero está inserido são fruto da interação entre seus usuários, uma vez que o gênero realiza uma atividade da esfera humana em um contexto social. Ele se reflete em sua estrutura, estilo e conteúdo, [...] “uma

vez que preenchidas nessas expectativas, a comunidade discursiva reconhecerá um dado exemplar de gênero em sua prototipicidade” (Bezerra, 2001, p. 21), [...] que é “necessário para atender às necessidades sociais e espirituais dos grupos sociais” [...] (Hemais; Biasi-Rodrigues, 2005, p. 111).

Nesse sentido, para Hemais e Biasi-Rodrigues (2005), o gênero apresenta uma lógica própria que realiza algum tipo de atividade, bem como alcançar um propósito, sendo reconhecido pela sua comunidade. Em função desse propósito existem convenções esperadas e manifestadas pelo gênero. Em outras palavras, os gêneros são produzidos para executar uma situação típica, e os membros da comunidade utilizam as convenções apropriadas do gênero para exercer a função comunicativa dentro daquele grupo.

Desse modo, as práticas comunicativas de cada grupo social se manifestam em situações típicas, as quais são requeridas por um determinado gênero. Esse, por sua vez, é poderoso a ponto de delinear a estrutura dos textos, sendo capaz de influenciar e restringir os aspectos estilísticos e de conteúdos disponíveis aos participantes (Bezerra, 2022).

Bhatia (2009) em consonância com Swales (1990), argumenta que os gêneros são definidos em termo e uso de linguagem em contexto comunicativo convencional, o qual dá origem a um conjunto específico de propósitos comunicativos para cada grupo social que o gênero circula. Isso implica a importância da comunidade discursiva que legitima o gênero no processo de produção pelos seus usuários, o qual é reconhecido por cada um.

Relacionado à concepção de gênero, Swales (1990) afirma que o conceito de comunidade discursiva está ligado ao conceito de gênero. Assim, para o autor, comunidade discursiva são redes sociorretóricas, cuja função é atuar em harmonia, proporcionando objetivos afins entre os seus membros, favorecendo, entre eles, o compartilhamento dos propósitos comunicativos do gênero. Nesse sentido, Bezerra (2001) conclui que os gêneros são situados no interior da comunidade discursiva, sendo manipulados por elas de acordo com o propósito sociorretórico a que se prestam.

Para especificar e caracterizar o conceito de comunidade discursiva, Swales (1990) enumera seis características para melhor defini-la. Em seu estudo mais recente, Swales (2016) incluiu mais duas características, totalizando oito. A primeira característica estabelecida por Swales (1990) diz respeito aos objetivos que os

membros da comunidade têm em comum, e que deve ser explicitamente compreendido.

Para Biasi-Rodrigues; Hemais; Araújo (2009), os objetivos são critérios importantes na identificação de uma comunidade discursiva, os quais são convergentes para o propósito e todos os membros devem estar cientes para efetivar a interação entre eles. Nesta mesma perspectiva, Bezerra (2022) ressalta que esses objetivos podem ser totais ou parcialmente aceitos pelos seus membros, de modo que eles apontam as possibilidades e conflitos internos da comunidade.

A segunda característica implica a construção de mecanismos de intercomunicação entre os membros da comunidade, ou seja, para alcançar os objetivos os usuários devem utilizar recursos para promover a comunicação entre si, recorrendo a espaços sociais, redes de mídias digitais, entre outros. A terceira característica descreve as trocas de informações entre seus participantes e que cada comunidade discursiva depende dos seus próprios mecanismos de comunicação que “sevem para dar informação e estimular o retorno da comunicação” (Hemais e Biasi-Rodrigues, 2005).

A quarta característica diz respeito à variedade de gêneros utilizados em um grupo social para a promoção da comunicação e atingir suas metas, de modo que outros participantes possam participar da comunidade. Esses gêneros, muitas vezes, podem ser particularizados, redefinidos e reinterpretados, mas raramente propriedade exclusiva de uma determinada comunidade discursiva (Swales, 2016). Bezerra (2022) conclui que a seleção de gêneros para atender os objetivos da comunidade não é estática, mas dinâmica. Isto implica afirmar que novos mecanismos de participação podem ser criados pelos integrantes da comunidade discursiva.

A quinta característica é constituída pelo léxico específico que cada grupo possui, uma vez que as terminologias são fundamentais para o reconhecimento na comunidade. Sobre isso, Hemais e Biasi-Rodrigues (2005) concluem que o léxico é importante para a comunidade, pois expressam ideias relevantes para os seus objetivos. A sexta característica se refere ao conhecimento que os membros possuem, de modo que sejam adequados para transmitir aos novos membros e informá-los sobre os objetivos compartilhados e, assim, participar das atividades da comunidade. Nesse sentido, Bawarshi e Reiff (2013) concluem que o gênero auxilia não só os membros experientes na comunidade, mas também os novos, ajudando-os a compreender os objetivos partilhados daquela comunidade.

A sétima característica aponta para o desenvolvimento de relações silenciosas, em que, segundo Swales (2016, p.13), [...] “há um sentido de coisas que não precisam ser ditas ou explicadas em detalhes em palavras, ou escritas”. Isto implica a construção de códigos específicos que a comunidade realiza para que os membros possam entender, dificultando o entendimento por parte de participantes externos. Enfim, a oitava característica diz respeito ao desenvolvimento de horizontes de expectativas, ou seja, cada comunidade discursiva realiza ritmo de atividades definido um senso de sua história e sistemas de valores para o desenvolvimento de um bom trabalho (Swales, 2016).

Para Swales (2016), essas oito características podem ser verificadas em comunidade discursiva variadas, as quais são resultados do comportamento dos membros que se comunicam sociorretoricamente, a fim de compartilhar experiências, objetivos e interesses em comum, ao mesmo tempo que organizam e fazem a comunidade discursiva funcionar. Desse modo, o conceito de comunidade discursiva se torna útil para o campo retórico e para aplicação do ensino e pesquisas em gênero.

Outro conceito ligado à noção de gênero é o de propósito comunicativo, considerado relevante para os estudos em análise de gênero na abordagem do ESP, pois [...] “graças ao propósito comunicativo, o gênero se mantém focado em determinada ação retórica” [...] (Hemais; Biasi-Rodrigues, 2005. p. 118). O propósito comunicativo se apresenta como um dos fatores principais, pois o gênero, considerado um evento comunicativo que circula em um contexto específico, é utilizado para alcançar um objetivo, sendo um critério privilegiado na identificação dele.

Para Swales (1990), os gêneros são eventos comunicativos herdados e produzidos pela comunidade discursiva e importados para outras comunidades para realizar a comunicação. E o propósito comunicativo é para o autor um critério privilegiado e determinado por uma ação retórica compatível ao gênero, possibilitando a comunicação entre seus membros em uma comunidade discursiva. Sendo que os membros mais experientes são responsáveis para reconhecerem em um exemplar de gênero a estrutura típica, bem como os seus propósitos comunicativos.

Em estudos posteriores, a definição de propósito comunicativo foi revisada, relativizando seu conceito como critério privilegiado para a identificação dos gêneros. Tal revisão teórica, segundo Bezerra (2022, p. 79), “não implica tornar irrelevantes os propósitos comunicativos como categoria para a análise de gênero”, mas sugerir que

os analistas a avalie, uma vez que os especialistas podem concordar ou não com o propósito de um gênero, conforme afirmam Askehave e Swales (2009).

Assim, o que foi colocado como tendência para a análise de gêneros sobre tal conceito, é que a identificação do propósito comunicativo pode variar conforme a visão do especialista. De acordo com Askehave e Swales (2009), o propósito comunicativo não pode, por si mesmo, ajudar os analistas a decidirem de imediato quais dentre os textos A, B, C e D, pertencem ao gênero X ou Y, pois é provável que eles não saberão quais são os propósitos daqueles textos, uma vez que o que é apontado de imediato aos analistas é a forma e o conteúdo.

Sendo assim, podemos afirmar que os gêneros partilham de um ou mais propósitos comunicativos que podem estar manifestados explicitamente, ou não ser identificados facilmente. Portanto, podemos considerar que o propósito comunicativo dos gêneros é múltiplo e, ao mesmo tempo, complexo, sendo uma tarefa, nem sempre, fácil de identificar.

Diante disso, Bezerra (2022) ressalta que o propósito comunicativo aponta para uma ação que os gêneros possibilitam realizar na sociedade, o qual não determina um único e predeterminado propósito, e sim vários e relativamente aberto à renovação e que haverá membros que possam reconhecê-lo a partir de suas particularidades e intenções. Com base nisso, o gênero sempre será utilizado para comunicar algo a alguém em diversas práticas sociais, e o propósito comunicativo não deve ser buscado na interioridade do texto, visto que ele é uma construção social (Biasi-Rodrigues; Bezerra, 2012; Bezerra, 2022).

Outro aspecto importante para a compreensão do propósito comunicativo está relacionado à estrutura e à descrição retórica do gênero, uma vez que os movimentos e os passos retóricos são responsáveis pela estrutura típica do gênero e pela identificação do propósito comunicativo. Sobre os movimentos retóricos, retornaremos à discussão no subtópico 2. 2. 2. Bezerra (2022, p. 83) afirma que “o propósito comunicativo é realizado pelos movimentos retóricos, estes, devem ser realizado por diferentes estratégias combináveis entre si”, sendo fundamentais para a compreensão e circulação do gênero em contexto específico.

Alves Filho (2018) sustenta que o propósito comunicativo corresponde a uma função retórico-comunicativa desempenhada por um gênero em particular em um contexto social delimitado. Além disso, ele é abstraído a partir do uso recorrente de um determinado gênero vinculado a um contexto, sendo o contexto importantes para

sua identificação. O autor descreve, ainda, que [...] “o propósito comunicativo depende de fatores extralinguísticos como intenções, interações e processos cognitivos e sua descrição depende do trabalho do analista ou de uma formulação explícita dos falantes” (Alves Filho, 2018, p. 138), assegurando que o propósito comunicativo realmente não está relacionado com as marcas linguísticas presentes nos gêneros.

Diante disso, ressaltamos que o intuito desta pesquisa não é centralizar no propósito comunicativo do gênero, mas identificar, na seção de introdução de artigo científico da área de Linguística, quais estratégias retóricas os autores utilizam para construí-la, buscando atender aos propósitos comunicativos previsíveis nesta seção, de modo que a hipótese: os autores dos artigos científicos utilizam-se de diferentes estratégias retóricas na seção de introdução para atender os propósitos comunicativos, seja confirmada.

Para continuarmos a discussão a respeito dos gêneros textuais, no próximo tópico, vamos discutir sobre a concepção do artigo científico, da seção de introdução, bem como da organização retórica na seção de introdução.

2.2 O gênero artigo científico

A circulação de textos, no universo acadêmico, acontece de forma significativa, considerando um número relativamente pequeno de gêneros. Nesse espaço, circulam gêneros como: resumo, fichamento, resenha, relatório, artigo científico, teses e dissertações, dentre outros os quais são imprescindíveis para a construção do conhecimento. Tendo em vista isso, abordaremos neste tópico o gênero artigo científico, cujo objeto de estudo deste trabalho é a seção de introdução.

O artigo científico é uma produção acadêmica em que um determinado pesquisador pretende divulgar uma pesquisa para uma comunidade específica, proporcionando a comunicação entre seus membros e a divulgação científica. Produzido para ser publicado em periódicos especializados e tornar público o conhecimento, o artigo tem como objetivo publicar [...] “resultados de uma pesquisa desenvolvida sobre um tema específico” [...] (Motta-Roth; Hendges, 2010, p. 65). À vista disso, o artigo precisa estar, razoavelmente, adequado para a publicação com o texto bem produzido, com o conteúdo relevante para a área e com a linguagem adequada para ser publicado.

Para alcançar a publicação os pesquisadores devem se apropriar do estilo da linguagem científica, e se manter atualizado em relação aos trabalhos produzidos em sua comunidade e do conteúdo investigado, bem como conhecer as expectativas do público-alvo que lerá o texto em busca de informações novas (Motta-Roth; Hendges, 2010). As informações contidas nos artigos devem colaborar para o avanço do conhecimento científico dos grupos de uma determinada área.

Posto isso, a divulgação do trabalho científico serve para que a comunidade discursiva conheça as pesquisas que estão sendo realizadas em sua área, além de

[...] expandir as possibilidades de partilha e discussão de pesquisas que, de outra forma, ficariam ignoradas ou restritas a pequenos grupos ou a determinadas regiões geográficas. A publicação de trabalhos acadêmicos é o cerne do avanço de conhecimento científico, além de favorecer a projeção do pesquisador dentro de sua comunidade acadêmica (Aranha, 2004, p. 13).

Conforme a autora, a publicação de trabalhos acadêmicos, deve se expandir para que a publicação não fique apenas em um grupo restrito, mas sim torná-lo visível para os demais membros de uma comunidade específica, buscando estabelecer uma discussão no espaço acadêmico, de modo a favorecer a construção do conhecimento. Para Brasileiro *et al.* (2022), essas publicações preveem agentes (cientistas, pesquisadores, professores...) os quais são valorizados legal e culturalmente pelas realizações de suas pesquisas e do avanço no conhecimento.

Para Bezerra (2022, p. 206) “o artigo científico é o gênero típico, ou prototípico, para elaboração e difusão do pensamento científico em muitas áreas disciplinares”. O artigo desenvolve uma prática discursiva em uma área específica, de modo que colabore para a construção do conhecimento e atinja seus propósitos. Para isso, segundo Bezerra (2022), a análise de movimentos retóricos e a relação existente entre o *move* e *step* refletem o propósito ou propósitos comunicativos que os membros da comunidade pretendem compartilhar, os quais são reconhecidos pelos membros experientes da comunidade discursiva.

Segundo Brasileiro *et al.* (2022), no artigo há um discurso especializado que visa apresentar a uma comunidade acadêmica específica resultados parciais ou conclusivos de pesquisas científicas, além de ideias, métodos e processos inseridos em uma comunidade discursiva de práticas padronizadas. Assim, fortalecendo a comunicação entre os membros experientes e iniciantes da área, bem como expandir

o conhecimento sobre o objeto investigado e o reconhecimento dos autores envolvidos.

Para que o artigo científico seja aceito e circule pela comunidade acadêmica [...] “o leitor precisa estar convencido de que o estudo reportado tem relevância para a área do saber em que a pesquisa se escreve” (Motta-Roth; Hendges, 2010, p. 67-68). Para que isso ocorra, o autor descreve o estudo, de modo que ele exponha e avalie os resultados, bem como construa uma conclusão, utilizando as convenções específicas da área à qual está ligado.

Desse modo, para Pereira (2011), o leitor supõe que o autor do artigo domine o tema e que saiba do conteúdo da pesquisa, utilizando convenções próprias da cultura disciplinar para atingir o propósito do gênero, assim como o autor supõe que o leitor seja aquele experiente da área, e tenha conhecimento do assunto. Assim, o artigo científico apresenta uma sequência em que [...] “o autor introduz o tema, desenvolve-o e conclui” [...] (Pereira, 2011, p. 70), situando o leitor no percurso da pesquisa.

De acordo com Motta-Roth e Hendges (2010), o artigo científico pode ser definido pelas seções de introdução, metodologia, resultado e discussões, apresentando uma sequência lógica quanto à estrutura do gênero. Sendo que nestas seções, encontram-se as informações sobre o assunto investigado, além de fatos e argumentos de ordem lógica para convencer o leitor de que o conteúdo abordado está bem fundamentado. Para tanto, o autor do artigo descreve de forma geral o conteúdo, identificando a área disciplinar que está situado o objeto de investigação, além de apresentar resultados e apontar o que há ainda para ser investigado.

Segundo Bezerra (2022), este esquema na estrutura convencional do artigo é o ponto de partida para a escrita do gênero, porém essa sequência se expande para uma percepção mais abrangente de seções que compõem o artigo. Para o autor esse gênero apresenta, além das seções mencionadas acima por Motta-Roth e Hendges (2010), os elementos como o título, a indicação de autoria, o resumo e as considerações finais, entre outros. O autor enfatiza, ainda, que essa consideração não é algo fechado, uma vez que essa organização do gênero corresponde a área disciplinar na qual ele pesquisa.

Em sua análise o autor identificou, especificamente, na organização estrutural do artigo da área de Linguística e Literatura a inclusão dos seguintes itens:

- título
- autoria
- resumo
- palavra-chave
- introdução
- tópicos teóricos 1,2,3, n...
- metodologia
- resultados/discussão
- considerações finais
- referências (Bezerra, 2022, p. 187-188)

Percebemos então que a estrutura do artigo é flexível, uma vez que essa sequência pode variar conforme a área disciplinar. Observamos também que o esquema introdução, metodologia, resultados e discussões permanecem, os quais são distribuídos pelas seções do artigo (Bezerra, 2022). Sendo assim, nosso intuito, nesta pesquisa, é investigar apenas a seção de introdução, de modo a contribuir com os estudos dos gêneros acadêmicos.

Posto isso, a seguir, passaremos para a discussão sobre a seção de introdução nosso objeto de análise.

2.2.1 Seção de introdução

A introdução é uma seção que está presente na maioria dos trabalhos acadêmicos, por exemplo, monografia, dissertação de mestrado, tese de doutorado, artigo científico, dentre outros. Aranha (1996), em sua dissertação intitulada “A argumentação nas introduções de trabalhos científicos da área de química”, descreve que a introdução é a responsável pela opção do leitor em continuar ou não com a leitura do texto completo.

Em sua tese, Aranha (2004, p 46) argumenta que a introdução é a seção do artigo que “possui propósitos comunicativos compartilhados pela comunidade discursiva, restrições léxico-gramaticais e formas estruturais de argumentação estáveis” [...]. A partir da concepção da autora, percebemos que o processo de produção da introdução é responsável para que o leitor continue com a leitura, pois, provavelmente, é a primeira a ser lida e que desempenha uma ação retórica compatível com o gênero.

Nela estão marcas léxico-gramaticais, assim como as convenções específicas da comunidade discursiva. Swales (1990), ao descrever as características de uma

comunidade discursiva, afirma que os membros reconhecem as marcas léxico-gramaticais compartilhadas pela comunidade discursiva a que pertencem.

Motta-Roth e Hendges (2010) apontam que a estrutura da seção de introdução deve mostrar ao leitor as informações que motivaram a pesquisa, indicando-o a revisão de pesquisas prévias, o problema da pesquisa, a área do conhecimento, a contextualização do tema, a justificativa e os objetivos, norteando o leitor com informações prévias do estudo. Dessa maneira, orientando-o para a leitura geral do artigo, sinalizando as informações necessárias para o leitor continuar, ou não, com a leitura.

Conforme as autoras, a relevância do trabalho deve apontar lacunas no conhecimento ou a dificuldade encontrada na resolução do problema, os objetivos devem apresentar uma base de conhecimento compartilhado com o leitor. As autoras acrescentam, ainda, que, na introdução, há uma estratégia muito usada para finalizá-la que é a sinalização da organização do artigo, garantindo que o leitor construa um enquadramento mental do que vai ser tratado no texto, de modo que a leitura se torne mais ágil.

A introdução, para Pereira (2011), é a seção que descreve o que foi pesquisado e o porquê da investigação, é a parte que prepara o leitor para entender o objeto investigado e as razões da realização do trabalho. Além disso, ela deve ser organizada para que o leitor possa prosseguir na leitura do artigo por completo. Nesse sentido, a seção de introdução antecipa o assunto abordado, fornecendo uma visão geral do trabalho, garantindo que o leitor antecipe as informações e conheça o ponto temático do texto.

Sendo assim, a seção de introdução tende a compartilhar dados do objeto a ser investigado no artigo, bem como determinar o campo do conhecimento. Por isso, ao redigir a estrutura organizacional do texto, o autor deve ser claro e direto, fornecendo pouco detalhe do assunto, de modo que situe o leitor nos pontos relevantes que se fundamentou para a realização da pesquisa. Desse modo, Pereira (2011) conclui que a redação da introdução é conduzida a partir das informações gerais sobre o tema para fixar-se em um problema específico.

Estabelecendo este caminho, o autor da introdução apresenta para seu leitor a visão geral do que será tratado no texto que se segue, sendo o responsável pelas informações de sua pesquisa. Então, para o produtor de um artigo,

Essa responsabilidade lhe é conferida pela função de expressar o objetivo do trabalho e justificar a necessidade de sua elaboração. Se não conseguir isso, não estará alcançando o propósito comunicativo, que, como o de todo texto, deve ser atingido para que ele possa ser compartilhado com o público pretendido. O texto acadêmico, especificamente, se não tiver seus propósitos comunicativos claros e definidos, corre o risco de não contribuir para a interlocução de seu autor com seus pares, bloqueando a divulgação do trabalho e do avanço da ciência (Aranha, 2004, p. 21-22).

Para a autora, a introdução é um dos elementos primordiais para o artigo, uma vez que, nela, consta a síntese do que se sabe sobre o objeto investigado, apresentando poucas ideias e sinalizando as informações necessárias, de modo que o propósito seja atingido e o conhecimento compartilhado. Nesse caso, o próprio autor deve entender que esta seção não é apenas um elemento a mais no artigo, mas uma parte essencial que apresenta uma função comunicativa clara e que precisa compartilhar com o público pretendido os seus propósitos, caso contrário, o texto corre o risco de não ser aceito pelos membros da comunidade.

Com base nisso, Aranha (2004) destaca que o propósito comunicativo da introdução consiste em abordar o assunto, cujo artigo está tratando na totalidade, bem como mostrar as razões pelas quais o trabalho foi desenvolvido e os procedimentos adotados. A autora afirma ainda que a introdução de um artigo científico tem o objetivo de descrever o contexto em que a pesquisa está inserida, apresentar a proposta e divulgá-la. Para tanto, o autor parte do conhecimento mais amplo sobre o tema, logo depois compartilha as falhas ou necessidade de maiores investigações e centraliza o seu trabalho.

Com base em Motta-Roth e Hendges (2010), ao apresentar as falhas da pesquisa, o pesquisador mostra que, ainda, existem lacunas de uma determinada temática, a qual precisa ser solucionada e que o seu trabalho tenta preencher a lacuna do conhecimento encontrado. Então, a função comunicativa da introdução é apresentar ao leitor os procedimentos pelos quais o trabalho foi realizado, partindo de uma informação geral sobre o assunto, indicando as falhas até chegar ao ponto específico de uma nova pesquisa. Para tanto, é importante que o autor apresente na seção de introdução [...] “os encadeamentos das ideias, realçando os pontos essenciais para entendimento da pesquisa” (Pereira, 2012, p. 109), levando o leitor a entender o objetivo do trabalho.

Por essa razão, Aranha (1996; 2004) afirma que a estrutura da introdução é constituída na medida em que for possível determinar as diferentes partes

argumentativas que a compõem e que cada parte desempenha uma função retórica. Assim, retomamos Bezerra (2022), quando argumenta que as estratégias retóricas na organização do texto são importantes para a função comunicativa, de modo que o propósito comunicativo seja realizado.

Posto isso, entendemos que a introdução é uma seção de grande importância para o artigo científico, ou para outro gênero que contém esta seção. Ela conduz o leitor a compreender o objeto investigado, além de motivá-lo na leitura do artigo até o fim. Para isso, é necessário que o autor tenha uma base sólida para escrevê-la, colocando em evidências o objetivo da investigação e encaminhar o leitor para a proposta da pesquisa, apresentando boas ideias para ele compreender o estudo apresentado, já que uma introdução mal construída pode não contribuir para a interlocução entre os participantes.

Dessa forma, este trabalho busca analisar a organização retórica da seção de introdução em artigos científicos da área de Linguística, bem como os argumentos utilizados pelos autores e os operadores argumentativos em periódicos *Qualis A1*, com base no modelo proposto por Swales (1990).

A respeito da organização retórica nesta seção, já foram realizados importantes estudos, os quais resultaram em descrições retóricas diversificadas. Assim, no subtópico a seguir, retomaremos a discussão da organização retórica da seção de introdução.

2.2.2 A organização retórica na seção de introdução: movimentos e passos retóricos

A organização retórica possibilita ao analista de gênero identificar movimentos e passos retóricos. Para análise e descrição dos movimentos e passos, Swales (1990) aponta o modelo CARS como percurso metodológico para a descrição sociorretórica da construção textual. Em seus primeiros estudos, Swales [...] “tinha como objetivo descrever uma peça genérica de elevada importância argumentativa no gênero do qual ela faz parte” [...] (Jucá, 2006, p. 34). O autor observou a maneira como a seção de um gênero se organizava em movimentos e passos a partir de um estudo empírico.

Dessa forma, sua pesquisa tece considerações sobre o papel do propósito comunicativo compartilhado pelos membros de uma comunidade discursiva e como o propósito comunicativo pode conduzir as informações da estrutura esquemática de um gênero. Para Swales (2009), o modelo CARS apresenta um resultado bem-

sucedido, tanto em termos descritivos quanto pedagógicos, por ser relativamente simples e funcional, apoiado em *corpora* para um gênero que se aplica e por ser um esquema que não estava disponível para estudos de análise de gênero.

A partir disso, o modelo CARS ficou conhecido, passando a ser utilizado por diversos pesquisadores em diferentes contextos e adaptado para análise de gêneros na perspectiva do ESP, a saber:

[...] sua teoria textualmente embasada sobre os modelos retóricos (Modelo CARS – Creating a Research Space), resultante da análise de gêneros que o autor fez em introduções de artigos de pesquisa, tornou-se bastante influente no ensino de gênero e de escrita tanto em nível de graduação como no de pós-graduação. O Modelo CARS de Swales tem sido adaptado e utilizado amplamente, e fornece um exemplo de como a análise de gêneros pode se transformar em uma heurística para o ensino da escrita (Bawarshi; Reiff, 2013, p. 221).

Para os autores, esse modelo é um esquema realizado para o desenvolvimento do ensino e da escrita de um exemplar de gênero, desenhado para escritores profissionais ou acadêmicos, sendo uma importante contribuição para os estudos e análises de gênero. Bawarshi e Reiff (2013) argumentam que o objetivo de Swales, nessa abordagem, era conduzir os estudantes a ingressarem em uma comunidade disciplinar por meio dos estudos e uso dos gêneros de uma determinada comunidade.

O trabalho de Swales (1990) foi desenvolvido, num primeiro momento, com um *corpus* composto por 48 introduções de artigos de pesquisa. Num segundo momento, o autor analisou um *corpus* de 110 introduções das áreas disciplinares de Física, Educação e Psicologia. Nos resultados destes estudos, Swales apontou uma regularidade de quatro movimentos (*moves*): movimento 1 - Estabelecer o campo de pesquisa; movimento 2 - Sumarizar pesquisas prévias; movimento 3 - Preparar a presente pesquisa e o movimento 4 - Introduzir a presente pesquisa.

Nessa primeira versão, o modelo mostrou algumas fragilidades no que diz respeito aos movimentos 1 e 2. Alguns pesquisadores apresentaram dificuldades em distinguir tais movimentos, devido à verificação de citação e referências previstas no movimento 2 serem encontrada em outras partes da introdução do artigo (Bezerra, 2001). Diante de tal fato, o autor revisou e reapresentou um novo modelo, reduzindo os quatro movimentos a três adicionando passos (*steps*) em cada um (Biasi-Rodrigues, 1998).

A estrutura predominante no *corpus*, representada pelo autor, pode ser observada na forma descrita, a seguir:

Quadro 1: Modelo CARS das introduções de artigos de pesquisa

| | |
|--|---------------|
| MOVIMENTO 1: Estabelecendo um território | |
| Passo 1 - Estabelecendo a importância da pesquisa e/ou | |
| Passo 2 - Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou | |
| Passo 3 - Revisando pesquisas prévias | |
| MOVIMENTO 2: Estabelecendo um nicho | |
| Passo 1A – Contra - argumentando e/ou | |
| Passo 1B - Indicando lacunas no conhecimento e/ou | |
| Passo 1C – Provocando questionamentos e/ou | |
| Passo 1D - Continuando uma tradição | |
| MOVIMENTO 3: Ocupando o nicho | |
| Passo 1A - Delineando os objetivos e/ou | (obrigatório) |
| Passo 1B - Apresentando a pesquisa | (obrigatório) |
| Passo 2 - Apresentando os principais achados | |
| Passo 3 - Indicando a estrutura do artigo | |

Fonte: Adaptado a partir de Swales (1990, p.141)

No quadro acima, percebemos que o movimento 1 se realiza através de 3 passos retóricos, sendo que, de acordo com Biasi-Rodrigues (1998), estes não são obrigatórios, isto é, nem todas as introduções apresentam esta organização retórica. O movimento 2 é subdividido em 4 passos, o passo 1B, “indicando lacunas”, segundo Swales (1990), é o mais prototípico dentro deste movimento. O movimento 3 há 4 passos retóricos, cuja função é ocupar um determinado campo da pesquisa, sendo os passos 1A, “delineando os objetivos” e 1B, “apresentando a pesquisa” são obrigatórios. Para Biasi-Rodrigues (1998), a subdivisão desses passos em obrigatórios e opcionais revelam a captura de mais características em introduções de artigos de pesquisa.

De acordo com Motta-Roth e Hendges (2010), esses três movimentos partem de um âmbito geral em direção ao mais específico. Cada uma dessas etapas é interpretada como um jogo de xadrez, cujo objetivo é convencer o leitor da importância do artigo e seguir lendo-o. Desse modo, os movimentos e os passos retóricos realizam uma função comunicativa, em que os passos são estratégias que se realizam através de pistas linguísticas produzidas pelos escritores do gênero para atingir propósitos comunicativos.

As pistas linguísticas que apontam para um determinado passo retórico são relevantes para organização do texto, uma vez que são elas que levam o pesquisador

a identificar numa sequência textual um determinado passo. Para (Alves Filho (2018), os movimentos retóricos são compreendidos como uma unidade funcional que podem guiar o leitor a estabelecer a relevância do tema, contextualizá-lo, assim como apresentar as convenções em torno dele para depois ocupar um nicho (Bawarshi; Reiff, 2013, p. 221-222).

Os movimentos retóricos são ações de linguagem recorrente em uma seção de um determinado gênero que buscam apresentar características particulares convencionadas, usados para determinar a sequência prototípica do gênero. Além disso, eles visam situar quem lê e quem produz o texto, sinalizando os elementos centrais presentes no texto. Os movimentos retóricos, no que lhe concerne, são organizados para proporcionar a funcionalidade do gênero, além disso são usados, convencionalmente, para atender aos propósitos comunicativos.

Segundo Alves Filho (2018, 138), “o movimento retórico indica uma função retórico-comunicativa relativamente padronizada desempenhada por agrupamentos de sequências textuais usadas em um gênero de texto particular ou em uma de suas seções” [...]. Para o autor, o movimento retórico tem a função de comunicar e não apenas estruturar o gênero, além disso, ele agrupa, por meio das descrições das pistas linguísticas sequenciadas no texto, os passos retóricos.

Nos termos de Aranha (2004, p. 47), os passos retóricos [...] “podem ser considerados estratégias retóricas, marcadas lexicalmente, sintaticamente, semanticamente e pragmaticamente”. Isso porque a organização dos passos retóricos prisma pela aproximação do autor com o contexto e, assim, atingir a função comunicativa desempenhada pelo gênero.

Alves Filho (2018) afirma que os passos retóricos têm a função comunicativa desempenhada por uma sequência textual particular recorrente em uma seção específica de um dado gênero. Além disso, o autor considera que os passos retóricos podem variar, se manifestando em uma oração ou até em mais de um parágrafo, exercendo uma função retórica-comunicativa particular, sendo explícito linguisticamente no texto e com intenções socialmente compartilhadas, diferente do movimento retórico, que não é explícito linguisticamente na sequência textual. Sendo assim, os passos retóricos são categorias mais próximas da materialidade linguística e estão dentro de uma unidade informacional mais abrangente, os movimentos retóricos.

Assim, é importante salientar que a descrição do modelo, proposto por Swales (1990), apresentado no quadro 1, descreve as informações distribuídas na seção de introdução de artigos de pesquisa. Adaptações para outros gêneros textuais/seções, que tiveram como base o modelo CARS, mostram que os passos retóricos por [...] “serem unidades informacionais menores e constituintes nos movimentos” [...] (Silva; Bernardino; Valetin, 2020, p. 691) são estratégias de condução utilizadas para atingir os propósitos comunicativos do gênero.

Diante disso, as pesquisas realizadas com seções de introdução de artigos científicos são diversas, as quais podemos destacar o trabalho de Aranha (1996), em que a autora analisou 25 seções de introdução de artigos científicos da área de Química de cinco revistas científicas internacionais. Ela, diante da análise, obteve o seguinte modelo de descrição do *corpus*:

Quadro 2. Modelo retórico da seção de introdução de artigos científicos da área de Química

| |
|--|
| <p>Movimento - Estabelecendo um território Passo 1 - Chamando centralidade ou Passo 2 – Fazendo generalizações sobre o tópico ou *Passo 3 - Exemplificando/esclarecendo pontos *Movimento - Revendo itens de pesquisa prévia Movimento - Estabelecendo um nicho Passo 1A - Apresentando alegações em contrário ou Passo 1B - Indicando uma brecha ou Passo 1C - Levantando questões ou Passo 1D - Continuando a tradição Movimento - Ocupando o nicho Passo 1 - Esboçando objetivos ou Passo 2 - Anunciando a presente pesquisa ou Passo 3 - Anunciando os achados principais ou Passo 4 - Indicando a estrutura do artigo científico ou *Passo 5 - Fornecendo sugestões para pesquisa posterior</p> |
|--|

Fonte: Aranha (1996, p. 97)

No quadro acima, a autora identifica a presença de outros passos no *corpus* analisado, os quais não estão presentes no modelo de Swales (1990) e são indicados pelos asteriscos. A autora enfatiza, ainda, que os movimentos não têm numeração por apresentar ocorrência espiralada, ou cíclica. O movimento “Estabelecendo um território” é constituído de 3 passos, cuja presença do passo 3, (Exemplificando/esclarecendo pontos), não consta no modelo de Swales (1990). Para a autora esse passo foi considerado importante, porque ele apareceu em 3 introduções do *corpus*. O movimento “Reverendo itens de pesquisa prévia” é contemplado no *corpus* como um movimento obrigatório, uma vez que a revisão bibliográfica está presente no manual e nas instruções das revistas selecionadas, ocupando diferentes lugares nas introduções (Aranha, 1996).

O movimento “Estabelecendo um nicho” é contemplado por todos os passos, assim como no modelo de Swales (1990). No movimento “Ocupando o nicho” aparece um quinto passo, de acordo com Aranha (1996) os passos desse movimento ocorrem sozinhos ou individualmente, sem a necessidade de ocorrência do passo 1. Ao longo das análises a autora verificou que os movimentos ocorrem de forma espiral (indo e voltando), sem uma ordem fixa, levando a considerar que não há uma sequência de ocorrência única, embora possa haver preferência.

Silva, Bernardino e Valetim (2020) desenvolveram uma pesquisa com introduções, tendo como base metodológica o modelo analítico para análise sociorretórica de gêneros acadêmicos a partir da descrição de culturas disciplinares de Pacheco, Bernardino e Freitas (2018) e Swales (1990). O *corpus* desta pesquisa foi composto por 30 seções de introdução de artigo experimental da área de Linguística Aplicada. Além disso, realizaram entrevista com membros experientes para ouvi-los sobre as escolhas resultantes na estrutura composicional das introduções, assim, chegaram ao seguinte modelo:

Quadro 3. Descrição sociorretórica da seção de Introdução de Artigos acadêmicos de Linguística Aplicada

Movimento 1— Construindo o objeto de pesquisa

Passo 1— Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto

Passo 2— Construindo problematização em torno do objeto por meio de discussão com literatura prévia

Passo 3— Apresentando objetivos

Passo 4— Apresentando objeto de pesquisa

Movimento 2— Indicando a estrutura do artigo

Fonte: Silva, Bernardino e Valentim (2020, p. 704)

O modelo de descrição retórica de introduções de artigos apresentado por Silva, Bernardino e Valentim (2020) aponta para a existência de dois movimentos: “Construindo o objeto da pesquisa” e “Indicando a estrutura do artigo” como unidades organizacionais prototípicas das seções de introdução do *corpus* analisado pelos autores. Sendo que o movimento 1, “Construindo o objeto da pesquisa”, é realizado por meio de quatro passos, como vemos no quadro 3.

De acordo com os autores, a ocorrência do passo 1, (Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto), obteve frequência de 83,33%, o passo 2, (Construindo problematização em torno do objeto por meio de discussão com literatura prévia) teve a mesma porcentagem de ocorrência do passo 1. O passo 3, (Apresentando objetivos), apareceu com 80% de ocorrência e o passo 4, (Apresentando o objeto da pesquisa), com 100%, já o movimento 2, “Indicando o movimento da pesquisa”, sem a presença de passos, apareceu com 50% de ocorrência.

Os resultados da pesquisa de Silva, Bernardino e Valentim (2020) apontam para uma ocorrência muito significativa no movimento 1, pois o modelo de descrição contempla quatro passos e ocupa quase toda a extensão da seção. Para os autores, isso significa que o objeto de pesquisa se apresenta em um lugar de destaque entre os pesquisadores da área. Além disso, os autores afirmam que os passos desse movimento não estão previstos nos modelos de Swales (1990) e de Costa (2015), os quais foram identificados por pistas linguísticas presentes no texto.

A pesquisa de Bernardino e Pacheco (2017) teve como objeto de investigação seção de introdução da cultura disciplinar da área de nutrição. Os autores analisaram 30 artigos acadêmicos, distribuídos em seis periódicos da área, indexados no banco de dados *WebQualis* da Capes. Apoiados nas concepções teórico-metodológicas de Swales (1990) e nas descrições retóricas de artigos experimentais, realizadas por Nwogu (1997) e Costa (2015) para a área de Medicina, apresentaram o seguinte esquema:

Quadro 4: Descrição retórica da unidade de Introdução de artigos originais da cultura disciplinar da área de Nutrição

Movimento 1— Apresentando o tema

Passo 1— Fazendo referência à pesquisa anterior e/ou

Passo 2— Fazendo referência aos principais problemas de pesquisa e/ou

Movimento 2— Apresentando os objetivos da pesquisa

Fonte: Bernardino e Pacheco (2017, p.1758).

A seção de introdução descrita por Bernardino e Pacheco (2017) apresenta dois movimentos. O movimento 1, “Apresentando o tema”, constitui-se de dois passos (Fazendo referências à pesquisa anterior) e (Fazendo referências aos principais problemas de pesquisa). O passo 1 caracterizou-se por ser uma maneira de situar a pesquisa, mostrando o estado da arte para os leitores. Para os autores esse passo se mostrou muito importante na construção das introduções, uma vez que não há a presença, nos exemplares analisados, de uma seção específica para a revisão de literatura. Além disso, eles concluem que esse passo tem por objetivo fazer um recorte de pesquisas anteriores consideradas importantes para o estudo, sem a necessidade de uma revisão extensa da literatura.

O passo 2 indica a apresentação concisa e clara das questões que motivaram o estudo, uma vez que é relevante informar o problema da pesquisa para justificar a investigação. Bernardino e Pacheco (2017) argumentam que esse passo funciona como um elo entre a fundamentação teórica e os objetivos da pesquisa, sendo considerado um passo prototípico na área de Nutrição. Já o movimento 2, “Apresentando os objetivos da pesquisa” se mostrou fundamental para a introdução, pois, de acordo com os autores, é por meio dele que os produtores dos artigos contextualizam o seu estudo na temática apresentada e destacam a necessidade de sua pesquisa.

Desse modo, Bernardino e Pacheco (2017, p. 1764) evidenciaram que [...] “a introdução se mostra uma unidade retórica breve, concisa e objetiva”, fundamental na configuração de artigos acadêmicos na área de Nutrição. Além disso, constataram que a configuração sociorretórica de introduções de artigos acadêmicos da área de Nutrição se aproximou das descrições da área de Medicina proposta por Nwogu (1997) e Costa (2015), concluindo que essa padronização pode ser regular na área da Saúde, levando-os a crer que há a necessidade de um estudo mais aprofundado nas demais áreas da Saúde.

Fontinelle e Melo (2022), em seu artigo, analisaram a seção de introdução de dissertação de mestrado das áreas de Letras e Matemática. O *corpus* da pesquisa foi composto por 20 exemplares de dissertações de mestrado profissional da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), sendo 10 introduções da área de Letras e 10 da área de Matemática. As autoras optaram em descrever apenas os passos:

Relatando a vivência em sala de aula, indicando problemas de pesquisa e relatando os objetivos da pesquisa.

Quanto aos resultados das análises nas introduções da área de Letras apontam para uma recorrência de 100% do passo relatando os objetivos da pesquisa e do passo indicando problemas da pesquisa. Para as autoras, esses passos objetivam refletir a escolha dos autores das dissertações para conduzir as informações da seção de introdução.

Já o passo “Relatando a vivência em sala de aula” apresentou uma menor ocorrência em apenas 20% da amostra analisada, chamando atenção das autoras nas escolhas retóricas dos autores das dissertações, uma vez que apresenta divergência no modo como os mestrandos elaboram a seção, tendo preferência em realizar outros passos. Nesse passo, de acordo com Fontinelle (2022), os autores das dissertações revelam suas experiências feitas em sala de aula, sendo reconhecidos pelas pistas lexicais usadas para a identificação do passo.

Por outro lado, as análises das introduções da área de Matemática sinalizaram a ocorrência de 100% do passo “Relatando os objetivos da pesquisa” se destacando em relação aos passos “Indicando problemas de pesquisa” e “Relatando a vivência em sala de aula” por serem mais recorrente. O segundo passo que teve a mais recorrência foi “Indicando problema de pesquisa” que apareceu 80% no *corpus* analisado. Esses dados, segundo as autoras, indicam que os autores consideram importante apresentar o problema de pesquisa, porque são questionamentos elaborados a partir das experiências e inquietações deles. Já o passo “Relatando vivência em sala de aula”, por sua vez, ocorreu apenas em 30% das amostras.

Fontinelle e Melo (2022), a partir das análises realizadas, perceberam que as introduções dos mestrandos, tanto de Letras como de Matemática, apresentaram diferenças. O passo “Indicando problemas de pesquisa” chegou a um total de 100% em Letras e 80% na área de Matemática, indicando que na área de Letras há uma tendência maior em apresentar as questões problemas da pesquisa. Já o passo que indica maior tendência na área de matemática é o passo “Relatando vivencia em sala” de aula que ocorreu em 30% enquanto em Letras em 20% do *corpus*.

Os passos com maior ocorrência nas duas áreas, segundo as autoras, foram os passos “Relatando os objetivos da pesquisa” e “Indicando problemas de pesquisa” com o total de 100%. Com base nos dados e resultados obtidos, Fontinelle e Melo (2002) observaram que as introduções analisadas mostraram uma organização

retórica com algumas diferenças em relação ao modelo proposto por Swales (1990) e constataram, ainda, a presença de um passo ainda não descrito no modelo desse autor foi o passo “Vivência em sala de aula”, sendo identificado devido ao contexto dos mestrandos, os quais são professores da Educação Básica e suas pesquisas são aplicadas em salas de aulas” (Fontinelle; Melo, 2022, p. 35).

Essas constatações acerca da proposta de Swales (1990) têm sido bem-sucedida nos estudos posteriores, uma vez que o modelo CARS representa um relevante recurso metodológico que se aplica à análise de gênero, orientando a identificação da função comunicativa do gênero por meio dos passos e movimentos recorrentes (Silva e Pacheco, 2019). Para a realização da nossa análise, temos como base o modelo de Swales (1990), quadro 1 e, consideramos também o modelo de análise de Silva, Bernardino e Valentim (2020), quadro 3.

Depois desse percurso teórico que norteia a nossa análise no que se refere aos estudos retóricos de gêneros, passaremos para a apresentação dos pressupostos teóricos da argumentação que tomamos também como base para a análise do nosso *corpus*.

3 CONCEPÇÕES SOBRE A ARGUMENTAÇÃO

Para Charaudeau (2008, p. 203), “a argumentação não se limita a sequência de frase ou de proposições ligadas por conectores lógicos”. Isso porque, no ato de argumentar, segundo o autor, as combinações frásticas não comportam marcas explícitas de operações lógicas, mas sim o que está implícito no processo argumentativo. A argumentação é um fenômeno de compreensão que está contida também no conhecimento prévio do interlocutor.

Nessa mesma direção, a argumentação consiste em uma manifestação com o foco no interlocutor, uma ação específica que aciona os raciocínios em uma situação de comunicação (Breton, 1999). Nesse sentido, o sujeito que argumenta por meio da linguagem busca influenciar o outro, tentando, muitas vezes, modificar o seu comportamento, conduzindo-o a aceitar uma proposta. A argumentação tem como propósito a persuasão, uma vez que, [...] “procura atingir à vontade, o sentimento do(s) interlocutor(es), por meio de argumentos plausíveis” [...] (Koch, 1987, p. 20), fazendo com que o outro compartilhe de determinada opinião.

Para Moura (2012), a argumentação é um ato que está direcionado para o interlocutor, demonstrando raciocínio e tendo capacidade de refletir e compreender aquilo que está sendo defendido. Como isso, o sujeito que argumenta expressa sua opinião para explicar uma tese, tentando influenciar o interlocutor, de modo que seja capaz de modificar o seu comportamento.

Desse modo, a argumentação implica em uma ação direcional em que o sujeito argumentante que, segundo Charaudeau (2008), é aquele que desenvolve um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade, elabora estratégias para expressar uma opinião e atingir seu interlocutor, dando-lhe boas razões para aderir a sua proposta, fazendo de tal modo que ele reflita, compreenda e aceite-a, provavelmente, mudando o seu pensamento. Diante disso, a argumentação vale-se da língua em uma situação de comunicação, visando à adesão, de modo que o interlocutor concorde com o mesmo ponto de vista.

Ducrot (1987) afirma que a função da língua vai além dos mecanismos informativos. Para o autor ela oferece aos interlocutores um conjunto de ações estereotipadas que lhe permite representar mutuamente papéis. Isto é, o valor de uma expressão ou enunciado, muitas vezes, não pode ser descrito do ponto de vista informativo, mas sim argumentativo que lhe é reconhecido e constituído de

significação. Portanto, o autor defende que a função da língua não é apenas de natureza informativa, mas também essencialmente argumentativa.

Breton (1999) descreve que o campo da argumentação apresenta três elementos essenciais. No primeiro, ele afirma que argumentar é comunicar. Essa situação de comunicação implica a existência de um parceiro e de uma mensagem. No segundo, ele descreve que argumentar não é mera ação de convencer a qualquer preço, o que supõe uma ruptura com a retórica a qual não economiza meios para persuadir. No terceiro elemento, o autor defende que argumentar é raciocinar, ou seja, a argumentação consiste em apresentar ao interlocutor boas razões para aderir a uma tese.

Nesse sentido, podemos afirmar que a argumentação é um ato de comunicação, que envolve os parceiros em um alto esforço de convencimento, uma busca de influência a curto prazo por meio do raciocínio. À vista disso, salientamos a relevância dos gêneros textuais, uma vez que, por serem um evento comunicativo, são direcionados a um interlocutor, a fim de promover uma situação comunicativa entre seus participantes.

Sendo assim, o gênero artigo científico, especificamente a seção de introdução, objeto desta pesquisa, vale-se de uma sequência argumentativa, pois na construção de tal seção o autor busca a construção da argumentação para manter o leitor atento no objeto investigado. Com base nisso, Motta-Roth e Hendges (2010, p. 68) concluem que para “demonstrar isso, o autor descreve o estudo, expõe e avalia seus resultados, conclui e argumenta, utilizando as convenções próprias àquela área” [...]. Desse modo, o artigo científico, por sua vez, resulta em modos particulares da construção da identidade acadêmica, estabelecendo a comunicação entre pesquisadores, profissionais, estudantes de graduação e pós-graduações nas diversas áreas.

A estrutura argumentativa, segundo Charaudeau (2008), é uma relação triangular, na qual ele afirma que para haver argumentação é necessário: 1) uma proposta sobre o mundo a qual provoca um questionamento em alguém; 2) um sujeito argumentante que engaje sobre esse questionamento e que desenvolva um raciocínio para ele tentar extrair uma verdade, quer seja própria ou universal, quer seja uma simples aceitabilidade ou uma legitimidade e 3) um outro sujeito, esse alvo da argumentação, na esperança de compartilhar dessa verdade e persuadi-lo.

À vista disso, é importante salientar que argumentar é propor uma ideia que precisa ser defendida, é também uma atividade comunicativa que implica a existência de um parceiro. Nessa situação, o sujeito argumentante participa de uma dupla busca que, conforme Charaudeau (2008), é a busca da racionalidade, manifestada por um ideal de verdade e por uma explicação do fenômeno universal, percebidas através da experiência individual e social do indivíduo e a busca da influência que visa um ideal de persuasão, que consiste no compartilhamento com o outro (o interlocutor ou destinatário) um certo universo discursivo, fazendo com que o destinatário seja convencido a aderir às mesmas propostas (atingindo o objetivo de uma co-enunciação).

A argumentação se configura em uma interação social entre os indivíduos em diversos ambientes sociais, levando-o a admitir uma conclusão. Com efeito, a argumentação presume a construção de uma explicação por um locutor a partir de uma proposta em relação ao mundo, cuja ação é influenciar alguém quanto à legitimidade desta proposta, inserindo-o em um conjunto de ideias construídas pelo sujeito argumentante por meio de suas crenças individuais e sua relação social, a saber:

Argumentação, portanto, é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes, que exige do sujeito que argumenta construir, de um ponto de vista racional, uma explicação, recorrendo a experiências individuais e sociais, num quadro espacial e temporal de uma situação com finalidade persuasiva (Koch; Elias, 2016, p. 24).

Diante disso, podemos ressaltar que a argumentação exige que o argumentador deve ter em mente um ponto de vista a ser discutido, uma vez que a construção dos argumentos parte de uma proposta a ser defendida, refutada ou aceita pelo outro, que, muitas vezes, envolvem crenças e valores pessoais. Segundo Ducrot (1987), a argumentação é um ato público e aberto, cujo objetivo é levar o outro a aderir tal conclusão, podendo admitir que em um único enunciado há diferentes sentidos.

Quem argumenta tem como foco a adesão do interlocutor, por isso, [...] “pensar nos argumentos que podem influenciar o seu interlocutor, é preocupar-se com ele, interessar-se pelo seu estado de espírito” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 18). Visto isso, o argumentante utiliza-se de técnicas argumentativas e de diversos argumentos para justificar a sua proposta e, assim, persuadir o seu interlocutor. Para

melhor compreendemos sobre as técnicas argumentativas, no próximo tópico, descreveremos a respeito delas.

3.1 Técnicas argumentativas e os tipos de argumentos

No processo argumentativo, o sujeito que argumenta apoia-se em técnicas para construir os seus argumentos, as quais englobam numa categoria maior de argumentos para o efeito de persuasão. Ao propor uma tese, o argumentador utiliza as técnicas, lançando mão dos tipos de argumentos vinculados a elas. Desse modo, os estudos das técnicas [...] “permitem provocar ou aumentar a adesão das pessoas às teses que são apresentadas para seu assentimento” [...] (Perelman e Olbrechts-Tyteca 2002, p. 4), cuja finalidade é ocasionar uma ação imediata no interlocutor.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) descrevem que o mínimo da argumentação parece ser a existência da linguagem e de uma técnica que favorece a comunicação. O processo argumentativo implica a ação do argumentador em estabelecer um contrato de comunicação com o seu interlocutor, uma vez que sua intenção é entrar em contato com ele, justificando a sua tese para que o outro a aceite, valendo-se do conhecimento e dos argumentos apresentados e das técnicas argumentativas utilizadas.

Nesse sentido, entendemos que o autor do artigo científico, o gênero investigado nesta dissertação, especificamente, na seção de introdução, constrói os seus argumentos a partir de uma temática específica, logo após é destinado a outro sujeito em que se acredita ter conhecimentos suficientes do tema compartilhado. O autor deve conhecer as crenças e os valores do seu público-alvo, de modo que possa persuadi-lo. Com isso, o autor para envolver o seu interlocutor, nesse caso, os leitores do artigo científico, faz uso das técnicas, lançando mão dos argumentos para compartilhar seus saberes.

Na dissertação “A construção da argumentação em textos jornalísticos referentes à operação carne fraca”, Silva (2019) afirma que as técnicas são os conjuntos de argumentos que podem se manifestar na adesão ou na refutação de uma tese. Por outro lado, os tipos de argumentos são recursos mais específicos utilizados para persuadir os interlocutores. Desse modo, os tipos de argumentos são fundamentais para sustentar uma determinada tese, sendo, portanto, importantes para persuadir o auditório.

Por apresentar os tipos de argumentos, as técnicas argumentativas são meios que contribuem para a transformação das ideias, uma vez que a organização dos argumentos se constrói a partir da noção de ligação e de dissociação, as quais:

[...] são complementares e sempre operam conjuntamente; mas a argumentação que promove a modificação do dado pode enfatizar a ligação ou a dissociação que está favorecendo, sem explicitar o aspecto complementar que resultará da transformação buscada. Às vezes os dois aspectos estão simultaneamente presentes na consciência do orador, que se perguntará para qual deles é melhor chamar atenção (Perelman e Olbrechts-Tyteca 2002, p. 215).

Para os autores, o processo de ligação visa aproximar elementos distintos, permitindo estabelecer uma relação de solidariedade, seja para estruturar, valorizar ou não um ao outro. Por outro lado, o processo de dissociação tem por objetivo de separar e desunir elementos considerados como um todo em um sistema de pensamento. Esses dois processos são estratégias que não devem estar fora da construção argumentativa. Os autores demonstram que as eficiências dos argumentos estão associadas à utilização desses dois aspectos, uma vez que eles são de domínio do orador. Desse modo, salientamos que as técnicas argumentativas são meios que direcionam o orador na defesa de uma tese para chegar a um determinado fim.

Estas técnicas se dividem em quatro grupos, os quais, por sua vez, são constituídos por tipos de argumentos. Os três primeiros grupos estão ligados ao esquema de associação por noção: os argumentos quase lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real e os argumentos que fundamentam a estrutura do real. O quarto grupo está ligado às técnicas por dissociação, visando uma incompatibilidade entre duas ou mais teses.

A primeira técnica corresponde aos argumentos quase-lógicos que visam propor uma ação formal, apresentando convicção naquilo que é proposto, bem como moldando a construção dos argumentos. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), os argumentos quase lógicos se caracterizam pela sua forma, mais ou menos explícita, em que o orador utiliza do raciocínio formal para organizar seu pensamento lógico.

Para Fiorin (2018), os argumentos quase lógicos assemelham-se à estrutura de um raciocínio lógico. São argumentos que se valem das coisas possíveis, plausíveis e prováveis, mas não são necessariamente do ponto de vista lógico. É

importante afirmar que estes argumentos não são necessariamente demonstrações formais visto apenas como aparentemente lógico. Sendo assim, os argumentos quase lógicos, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), apresentam-se numa estrutura matemática, mostrando melhores condições para sua aplicação.

Por outro lado, os argumentos baseados na estrutura do real “valem-se dela para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se deseja promover [...] eles pareçam suficientemente garantidos para permitir o desenvolvimento da argumentação” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 297). Estes argumentos partem de uma noção de verdade, visando uma associação das opiniões que estão ligadas ao mundo real, a fim de promover a adesão no interlocutor.

Além disso, os argumentos baseados na estrutura do real têm o princípio de solidariedade como norteador para tornar os argumentos eficazes, uma vez que o argumentador busca vencer a resistência do auditório para obter adesão quanto à proposta defendida. Esta técnica agrega argumentos que aplicam as ligações de sucessão e de coexistência, aproximando elementos distintos. A ligação de sucessão une um fenômeno à sua causa ou sua consequência. Neste processo argumentativo, Fonseca (2015) afirma que o agente argumentador percebe que o princípio norteador do discurso se apresenta por meio da demonstração do como e do porquê entre os elementos cortejados.

As ligações de coexistência, por sua vez, nos termos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), buscam unir uma pessoa a seus fatos, um grupo aos indivíduos, bem como uma essência e suas manifestações. Os argumentos de coexistência apresentam uma relação da realidade em níveis desiguais, sendo que uma é mais fundamental e explicativa do que a outra, servindo de base para a argumentação que o orador pretende estabelecer em relação à tese defendida.

Nas técnicas das ligações que fundamentam a estrutura do real estão os argumentos que o orador utiliza para fundamentar o real por um caso particular, podendo desempenhar diferentes papéis. A partir destes argumentos o orador tenta construir uma base de dados particular fundamentado na realidade para persuadir o seu auditório. Para Fiorin (2018), esses tipos de argumentos não são vistos como estrutura da realidade, mas sim modos de organizadores dela, já que eles apresentam princípios de indução e analogias, estabelecendo generalizações a partir de um caso particular, acreditando ser uma realidade e, assim, propondo uma nova realidade com base em fatos.

Por fim, as técnicas de dissociação das noções revelam uma incompatibilidade em relação ao discurso, uma vez que estes argumentos, por não apresentarem elementos associados, [...] “separam ideias que aparecem em pares hierarquizados” (Fiorin, 2018, p. 193). Nesta técnica, o orador precisa remanejar mais ou menos a fundo os dados conceituais, os quais servem de fundamentos para a argumentação e modificador da própria estrutura. Portanto, a técnica de dissociação das noções consiste em analisar dois termos específicos, havendo a necessidade de remover uma incompatibilidade entre os argumentos.

As estruturas argumentativas abordadas acima são importantes para demonstrar ao interlocutor o vínculo que o argumento tem com outro, conduzindo-o a conclusão da tese defendida, uma vez que “a escolha dos termos para expressar um pensamento raramente deixa de ter alcance argumentativo” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2002, p.168). Dentre as perspectivas de associação e dissociação, o processo argumentativo desempenha particularidade. Em virtude disso, no quadro, a seguir, apresentamos as técnicas argumentativas e seus respectivos tipos de argumentos baseados em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002).

Quadro 5: Técnicas argumentativas e seus respectivos argumentos

| Argumentos de ligação | | | Argumento de dissociação |
|---|--|--|---|
| Argumentos quase-lógicos | Os argumentos baseados Na estrutura do real | | A dissociação das noções |
| | As ligações de sucessão | As ligações de coexistência | |
| Incompatibilidade Identidade e definição Regra da justiça Reciprocidade Transitividade Comparação Sacrifício Probabilidade | | Autoridade Ligação simbólica Hierarquia Ruptura Ato e pessoa | Par aparência-realidade Pares filosóficos Definições dissociadoras |
| | | Exemplo Ilustração Modelo e antimodelo Analogia | |

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002)

Os argumentos quase-lógicos são os de ligação que se associam ao raciocínio formal e buscam aproximar-se da verdade com pretensão a certa validade em virtude dos seus aspectos racionais, cuja relação é derivada da semelhança entre eles e de certas fórmulas lógicas e matemáticas, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca

(2002). Por outro lado, os argumentos baseados na estrutura do real buscam desempenhar sua função argumentativa, admitindo uma verdade sobre a tese defendida para promover uma adesão. As ligações que fundamentam a estrutura do real são argumentos que se fundamentam pelo caso particular utilizados para estabelecer uma realidade naquilo que o orador acredita. Por fim, a técnica de dissociação das noções pode levar a inversão de valores, modificando as estruturas de elementos, isto é, removendo certa incompatibilidade de um caso em relação a outro.

Acerca disso, compreendemos que as técnicas argumentativas são meios de condução que levam o argumentador a construir sua tese, já que o seu propósito é conseguir que o outro a aceite. O discurso argumentativo pode ser compreendido enquanto o argumentador o insere em um contexto particular ou uma situação específica, cuja produção determina seu efeito e resultado. Diante disso, entendemos que os tipos de argumentos são essenciais para a construção de uma determinada situação de comunicação.

Sendo assim, quando construímos um texto argumentativo reconhecemos que precisamos organizá-lo de forma que ele apresente uma estrutura lógica e convincente, pois, à medida que ele for se desenvolvendo, o argumentador apresenta a sua tese central. Isso significa dizer que as escolhas linguísticas e discursivas têm uma razão de defender a tese apresentada, implicando a interação argumentativa. Portanto, no desenvolvimento e na organização dos enunciados, o orador recorre aos tipos de argumentos, os quais servem para suscitar a adesão àquilo que ele coloca como proposta para persuadir o interlocutor.

Concluídas essas reflexões acerca das técnicas argumentativas, salientamos a sua relevância para esta pesquisa, já que pretendemos descrever os argumentos que estão presentes nas técnicas, visando perceber como os autores dos artigos agem argumentativa e retoricamente na seção de introdução. A seguir, discutiremos os tipos de argumentos que elencamos para a análise do *corpus*. Após a análise, vamos apresentar aqueles que, provavelmente, encontraremos no *corpus* da nossa análise.

3.1.1 Argumento de identidade e definição

Esse tipo de argumento se constitui na presença dos diversos elementos do objeto do discurso. Argumentar por identidade é levar em conta todos os conceitos, aplicação e classificação de um determinado objeto. Isso porque a relação desses elementos evidencia a identificação do objeto do discurso, que ocorre quando um elemento remete a um mesmo referente. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) a definição é o procedimento que mais caracteriza a identificação.

O argumento por definição é a inserção de símbolos novos em um objeto, tem como objetivo dar sentido a um determinado termo, uma vez que a definição não apresenta um único sentido, sendo quase impossível um objeto do discurso ser unívoco. De acordo com Fiorin (2018, p. 118) a definição:

[...] são argumentos quase lógicos fundados no princípio da identidade, porque, ao contrário do que pensa o senso comum, não há uma maneira unívoca de definir um objeto. Ao contrário, o modo de definir depende das finalidades argumentativas. As definições impõem um determinado sentido, estão orientadas para convencer o interlocutor de que um dado significado é aquele que deve ser levado em conta. Por isso, elas podem ser conflitantes.

Nesta perspectiva, salientamos que o papel do argumentador, ao construir seus argumentos, não deve levar em conta uma única forma de definir o objeto, pois mediante a aproximação e explicação dele, o argumentador determina o sentido, cuja ação é convencer o interlocutor das relações de sentido dos termos empregados no enunciado. Além disso, a definição, por não apresentar uma unicidade, apresenta conflitos, uma vez que sua explicação resulta de uma realidade subjetiva e não de uma realidade objetiva, isto é, todos os procedimentos discursivos são consolidados na fundamentação subjetiva das escolhas do discurso, dando-lhe caráter de escolha individual (Fonseca, 2015).

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), as definições são classificadas de quatro maneiras: as definições normativas, definições descritivas, definições de condensação e definições complexas. As definições normativas indicam o modo como as palavras devem ser utilizadas, resultando a partir de um compromisso individual, de uma ordem ou de uma regra. Isso se deve, porque o funcionamento da palavra deve ser empregado e entendido em um determinado contexto.

Em relação às definições descritivas, a palavra atribui sentido a partir de um meio em um certo momento, levando em conta a polissemia. Por sua vez, as definições por condensação recorrem às definições descritivas para indicar os elementos essenciais de uma descrição. As definições complexas apresentam combinações de forma variável das três definições precedentes. Nesse sentido, é importante destacar que as definições fornecem, ao sujeito argumentante, condições suficientes para aplicar e apresentar suas interpretações em um dado termo, justificando-as e valorizando-as.

3.1.2 Argumento de comparação

Expor o objeto cortejado em relação a outro, de modo que haja uma avaliação entre eles, apresentando confronto de realidades, é característico dos argumentos de comparação. Comparar é tecer vínculo entre si por meio de duas realidades, é provar que um determinado objeto se relaciona com outro, expondo as qualidades de um elemento em relação ao outro. Apresentá-lo é constatar, por meio de fatos, seja de forma igual, seja desigual, a importância dos objetos do discurso, colocando-os de maneira aceitável.

Dessa forma, a comparação define e aproxima os objetos e podem dar-se [...] “por oposição (o pesado e o leve), por ordenamento (o que é mais pesado que), por ordenação quantitativa (no caso, a passagem por meio de unidades de peso)” [...] (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2002. p. 275). A comparação, no que lhe concerne, apresenta dois objetos explanados pelo orador em que são atribuídas qualidades entre eles. À medida que isso acontece, o argumentador constrói a imagem pretendida, tornando o objeto mais específico para o interlocutor.

De acordo com Fiorin (2018), para fazer uma comparação não se deve tomar o objeto em si, expondo suas características ou sua função, mas apresentar outro objeto mais conhecido e fazer aproximações entre eles ou distanciando-os. Nesse sentido, o argumento de comparação parte da possibilidade de que duas noções sejam concretas, abstratas e apresentem relações de similaridades ou de diferenciação. É importante salientar que, para haver eficácia no argumento de comparação, é preciso escolher termos adaptados ao auditório, pois tende a ser um elemento essencial para persuadi-lo.

Além disso, esse tipo de argumento requer muito do sujeito argumentante, uma vez que para atingir a adesão do seu interlocutor, ele precisa [...] “reconhecer os valores aceitos e defendidos pelo auditório antes de aplicar as estratégias” [...] (Fonseca, 2015, p. 102). Isso porque o orador procura sempre estabelecer uma semelhança entre os objetos cortejados e, se tratando disso, ao argumentar ele se vale dos valores, sejam eles em sua natureza particular ou universal.

Como argumenta Fiorin (2018), a comparação aproxima os aspectos accidentais dos objetos, podendo deixar de lado alguns aspectos que geram diferenças e que podem ser fundamentais, pois, mesmo que esses objetos apresentem valores semelhantes, eles não são totalmente idênticos. Desse modo, podem se aproximar por questões de finalidade, acontecimentos históricos e pelas práticas sociais.

3.1.3 Argumentos de probabilidade

No processo argumentativo, os argumentos de probabilidade são caracterizados pela inserção da lógica formal, pois estão inseridos na técnica dos argumentos quase lógicos que, por sua vez, adotam os dados matemáticos e estatísticos para a defesa da proposta. Ao argumentar pelo provável, o orador, pretende persuadir o interlocutor por meio dos elementos que acarreta uma força argumentativa significativa, uma vez que o quantitativo é considerado mais difícil de ser refutado.

A aplicação desse tipo de argumento propícia ao orador a explicação de acordos prévios, ou seja, os dados reais e concretos são capazes de levar a adesão da tese, já que os elementos matemáticos, muitas vezes, não são contestados. Além disso, argumentar pelo provável é esclarecer a relevância de um acontecimento ou a incerteza dele. Esse argumento mostra que o orador tem amplitude das informações contidas na sua argumentação.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) descrevem que o raciocínio pela probabilidade não passa de um instrumento que para ser aplicado, a sua construção passa a requerer uma série de acordos prévios. Isso significa que o procedimento argumentativo representa um acordo entre os participantes, em que o orador, ao apresentar a sua tese, recorre aos dados matemáticos para demonstrar algo concreto e, assim, conseguir a adesão do outro. Com base nisso, esse tipo de argumento expressa um certo grau de credibilidade, pois o raciocínio pelo provável está firme na

veracidade do orador, já que ele aponta fatos que dão sustentabilidade para sua defesa.

3.1.4 Argumento de vínculo causal

De acordo com Fonseca (2015), para que o agente argumentador perceba na argumentação a ligação de sucessão é necessário que ele observe o princípio norteador do discurso, a demonstração do *como* e do *porquê* entre os elementos cotejados. Para argumentar sobre uma certa proposta por vínculo causal, o argumentador deve expor a causa do fenômeno para depois apresentar a consequência, uma vez que todo acontecimento, em sua noção de causalidade, parte de uma causa.

O argumento causal se desenvolve a partir de um acontecimento encadeado de fatos que podem causar um certo efeito. Esse argumento busca defender uma tese, por meio de explicações das relações entre os fenômenos. O argumentador procura associar os acontecimentos, explicando o *como* e o *porquê* da proposta defendida. Isso ocorre porque esse tipo de argumento implica a ligação de sucessão, correlacionando fenômenos diferentes, sendo que um deles aparece pela existência do outro.

Dessa forma, o efeito argumentativo do vínculo causal, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), desempenha um papel essencial na construção do discurso e se apresenta de três tipos, a saber:

a) as que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, por meio de um vínculo causal; b) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pode determiná-lo; c) as que, sendo um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2002, p. 299-300).

Desse modo, percebemos que o fundamental desse argumento é a demonstração de surgimento de acontecimentos pela existência de outro. As múltiplas causas apresentadas e a dependência entre eles criam um vínculo nos dois sentidos. Fiorin (2018) afirma que nos argumentos por causalidade um único fenômeno pode apresentar multiplicidade de causa, e o enunciador escolhe aquela ou aquelas que lhe interessa para atingir os propósitos da argumentação.

Nesse caso, o vínculo causal existe para transformar a opinião de um fato, uma vez que a explicação para argumentar uma tese vale-se, de certa forma, das razões que levaram para aquele determinado acontecimento. Então, o argumento causal aponta para a prova de um fato mediante a sua causa (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2002) e apresenta um meio que busca atingir um determinado fim (Fiorin, 2018).

3.1.5 Argumento de autoridade

Os argumentos baseados na estrutura do real visam aproximar a realidade, de modo a introduzir opiniões que levam para a defesa da proposta. Quando argumentamos baseados em julgamentos de pessoa ou grupo de pessoas, mencionando os seus conhecimentos especializados, estamos utilizando argumentos de autoridade. Esse tipo de argumento, visto também como de prestígio, vale-se dos atos e juízos de valores de um determinado indivíduo que, por sua vez, é mencionado pelo sujeito argumentante para sustentar seu discurso.

O uso do argumento de autoridade é mais específico no meio científico, uma vez que o outro se apropria dos conhecimentos de outros para validar a sua tese. Esse procedimento argumentativo mobiliza as noções de competência e credibilidade daquele que é citado, pois, para não perder a eficácia da argumentação, o argumentante [...] “apela para a modéstia, para o respeito, para a reverência” [...] (Fiorin, 2018. p. 176) de uma autoridade reconhecida numa área específica.

O argumento de autoridade é o meio de convocar opiniões de outros com mais reverência e experiência para provar uma tese, porque se acredita que são mais confiáveis e reconhecidos com mais conhecimento em um determinado tema, em que o argumentador se apoia. É justo afirmar que o procedimento argumentativo por autoridade é importante para a construção do discurso, uma vez que contestar o seu valor, não se pode (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2002), pois se baseia em citação de fonte confiável e respeitada.

Sendo assim, quando o argumentador se utiliza desse argumento para buscar adesão do auditório em relação à proposta apresentada, seus argumentos não são contestados. Isso se deve porque, quando se quer dar seriedade, autenticidade e credibilidade naquilo que está sendo defendido, o argumento de autoridade repassa confiança e dá testemunho válido. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 351)

afirmam que “quanto mais importante é a autoridade, mais indiscutíveis parecem ser suas palavras”. Assim, entendemos que as palavras das autoridades são incontestáveis, sendo eficaz na argumentação.

Com efeito, o argumento de autoridade apresenta um certo peso no ato da argumentação, porque uma reverência em relação à autoridade mencionada consolida a veracidade do argumento e aceitação do que estar sendo defendido. No argumento de autoridade o sujeito argumentante introduz no enunciado uma voz que não é a sua, responsável pela legitimação do discurso. Sendo assim, o que é posto em jogo são as palavras do especialista responsável, no entanto, é preciso que ele seja confiável e bem qualificado (Fiorin, 2018), já que o que torna o texto válido são as palavras dele, por isso a honra e o comprimento é dada a autoridade.

Tendo em vista os tipos de argumentos mencionados acima acreditamos que eles terão valiosas contribuições para a nossa pesquisa, pois, à medida que lemos a seção de introdução, identificamos a presença deles, por isso elencamos como categoria da nossa investigação. Além das contribuições das técnicas argumentativas para a nossa pesquisa, sobretudo, dos tipos de argumentos, recorreremos também aos operadores argumentativos como forma de descrevê-los nos tipos de argumentos em relação aos passos retóricos.

Em virtude disso, a seguir, discutiremos alguns conceitos que norteiam os operadores argumentativos e sua funcionalidade.

3.2 Os operadores argumentativos: definição e funcionamento

Conforme Koch e Elias (2016), a gramática de uma língua apresenta certos mecanismos que têm por função indicar ou mostrar a força argumentativa dos enunciados que visam dar uma direção de sentido, apontando para uma conclusão. Estes mecanismos, que são os operadores argumentativos, orientam e instigam o processo argumentativo, estruturando o texto e mostrando a sua força argumentativa no enunciado. Desse modo, segundo Ducrot (1987, p. 90), a língua é uma atividade que “comportam operadores cuja função é agir sobre um universo de discurso”, os quais são observados por diferentes marcas linguísticas.

Os operadores argumentativos são pistas textuais que compõem a superfície, ajudando na articulação do texto, usados para orientar a sequência do discurso e determinar os encadeamentos com outros enunciados na construção argumentativa.

Cada operador apresenta um valor semântico constituído por marcas linguísticas importantes para a estrutura do texto, orientando o leitor para as conclusões e a construção de sentido no texto.

Para Sousa e Ribeiro (2017), os operadores argumentativos são recursos imprescindíveis para a posição argumentativa do sujeito, cujo objetivo é dar pistas para um tipo de argumento a ser defendido, e que situação comunicativa pretende atingir. Sendo assim, os operadores argumentativos são recursos que podem encadear frases, períodos ou parágrafos, estabelecendo valor semântico nas interpelações discursivas importante para o processo coesivo do texto.

Na dissertação, “A construção da argumentatividade em artigo de opinião produzido por alunos do ensino médio”, Pereira (2008) defende que o ato de argumentar é um processo de resultado de encadeamento do segmento do discurso, um representa o argumento e o outro, a conclusão. Em uma sentença, em que o sujeito argumentante direciona a seu interlocutor, os operadores argumentativos são responsáveis pela construção do argumento, orientando-os na produção de sentido do texto.

Ainda conforme a autora, o ato argumentativo consiste na contraposição de enunciados sustentados pelos operadores argumentativos que lhes dão orientação argumentativa. Assim sendo, os argumentos estão associados em classes argumentativas que podem, pela presença ou ausência de operadores, serem divididos em escala argumentativa. Para tanto, como aponta Pereira (2008), na medida em que os operadores argumentativos funcionam como elementos responsáveis pelo direcionamento argumentativo pretendido pelo locutor, esses, por sua vez, constituem relações discursivas ou argumentativas, por meio das escolhas das estratégias argumentativas.

Na visão de Koch e Elias (2016, p. 64) os operadores ou marcadores argumentativos

[...] são, pois, elementos linguísticos que permitem orientar nossos enunciados para uma determinada conclusão. São, por isso mesmo, responsáveis pela orientação argumentativa dos enunciados que introduzem, o que vem a comprovar que a argumentatividade está inscrita na própria língua.

O uso dos operadores argumentativos permite que o texto progrida no encadeamento dos enunciados, estruturando-os e determinando a sua orientação e

sua função discursiva, sendo indispensáveis para as conclusões pretendidas pelo texto, dando-lhe valor exato de seu sentido, uma vez que o sentido estabelecido no texto é importante para o processo de coesão e a continuidade textual. Em função disso, os operadores argumentativos são classificados conforme o seu valor semântico vinculado no texto, a fim de garantir ao autor a forma coerente da orientação argumentativa.

Dessa maneira, baseado nos estudos de Koch e Elias (2016), a seguir, destacamos alguns desses operadores ou marcadores argumentativos e sua função no texto.

Os operadores de adição são os que somam os argumentos em favor de uma mesma conclusão, adicionando enunciados que pertencem à mesma classe argumentativa por meio dos conectivos com valor de adição. Seus elementos podem ser encadeados pelos operadores: “e”, “também”, “não só...”, “mas também”, “ainda”, “tanto... como” e “além disso”, dentre outros. Os operadores: “até”, “até mesmo” e “inclusive” indicam argumentos em uma escala argumentativa mais forte em favor da conclusão e, por outro lado, os operadores “ao menos”, “pelo menos” e “no máximo” que introduzem um argumento mais fraco, “deixando subentendido que existe outro mais forte” (Koch, 1987, p. 106) orientados para uma conclusão.

Quando os argumentos que apresentam uma escala de negação podem ser encadeados pelos operadores “nem” e “nem mesmo”. Segundo Koch e Elias (2016), esses operadores marcam uma relação de adição que indica um acréscimo de um segundo segmento a um primeiro segmento negativo, dando sequência ao discurso em uma mesma direção.

Há também operadores que indicam a oposição de elementos semânticos, ou seja, são orientados para uma argumentação conclusiva contrária. Seus operadores são: “mas”, “porém”, “contudo”, “todavia”, “não obstante”, “no entanto”, “embora”, “apesar de”, “ainda que”, “posto que”, etc. De acordo com Koch e Elias (2016), a construção “A **mas** B” se remete a argumentos a favor de duas conclusões opostas. Isso significa dizer que, geralmente, quando usamos “mas” informamos que o argumento seguinte é mais forte que o anterior.

Além disso, é importante ressaltar o que as autoras descrevem a respeito dos operadores argumentativos “embora” e “mas”. Koch e Elias (2016) explicam que esses operadores funcionam de modo semelhante do ponto de vista semântico, mas diferente do ponto de vista da estratégia argumentativa. Isso porque o uso do “mas” é

visto como uma estratégia de suspense, pois o locutor pensa primeiro em uma dada conclusão e depois apresenta o argumento que levará à conclusão contrária. Por outro lado, o uso do “embora” é marcado pela estratégia de antecipação, isto é, o sujeito argumentante anuncia que o argumento introduzido pelo “embora” vai ser anulado, de modo que não terá nenhum valor.

Os operadores que introduzem um valor semântico de conclusão com relação aos argumentos apresentados em enunciados anteriores são encadeados pelos operadores: “logo”, “portanto”, “pois”, “por isso”, “por conseguinte”, “em decorrência”, etc. Existem, também, os operadores que fazem uma introdução a uma justificativa ou explicação em relação ao enunciado anterior, denominado de operadores de explicação, os quais são introduzidos pelas pistas textuais “porque”, “porquanto”, “já que”, “pois”, “que”, “visto que”, “como”, etc.

Os operadores que expressam o valor semântico de comparação, que estabelecem relação de um termo comparante e outro comparado, visando uma determinada conclusão são reconhecidos pelas pistas textuais “mais que”, “menos que”, “tanto... quanto”, “tanto... como”, etc. Os operadores de alternância, por sua vez, levam aos argumentos alternativos que associam dois fatos e duas ideias, negando a junção deles, levando a conclusões diferentes, são encadeados pelas marcas linguísticas “ou”, “ou então”, “quer... quer”, “seja... seja”, etc. Os que introduzem nos enunciados conteúdos pressupostos, seus elementos podem ser encadeados pelos operadores “já”, “ainda”, “agora”, etc.

Os operadores argumentativos, como destacam Koch e Elias (2016), são responsáveis pela estruturação do texto, bem como pela orientação argumentativa que está escrita na língua. Além disso, Koch (2021) descreve que esses operadores servem para articular dois atos de fala, em que o segundo toma o primeiro com referência, para justificar ou explicar, contrapor, adicionar, generalizar, especificar, concluir, comprovar a veracidade e convocar o interlocutor à concordância.

Para Scharzbold (2015), como há diversos operadores argumentativos e diferentes objetivos comunicativos, é fundamental pensar nas escolhas e nos seus efeitos no processo de estruturação e recepção do texto, uma vez que eles “introduzem as marcas enunciativas e são essenciais na orientação argumentativa do enunciado” (Vieira, 2013, p. 68). Isso significa afirmar que a seleção das marcas linguísticas é relevante para a construção textual, seja ela oral ou escrita.

Na visão de Koch (1987), todos os operadores fazem parte da gramática da língua, os quais evidenciam as instruções codificadas de um valor retórico ou argumentativo da própria gramática, nos levando a crer que a argumentação é um ato linguístico fundamental. Isso implica concluir que o valor argumentativo, construído na sequência do texto, está nas dependências dos operadores argumentativos, os quais são responsáveis para levar o interlocutor a uma determinada conclusão.

Para compreender como os autores agem retórica e argumentativamente na seção de introdução, a fim de alcançar o propósito do gênero, realizaremos uma análise da organização retórica da seção de introdução de artigos científicos da área de Linguística, bem como um olhar na construção argumentativa dessa seção, identificando os movimentos e passos retóricos, os tipos de argumentos e os operadores argumentativos utilizados pelos autores.

No próximo capítulo, traçaremos os caminhos metodológicos para a análise do *corpus* desta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa. Nele, constam a caracterização da pesquisa, os procedimentos adotados para a coleta do *corpus*, o contexto de produção dos artigos selecionados e as categorias que foram utilizadas para a análise. Esta proposta lança um olhar a partir da organização retórica da seção de introdução do gênero artigo científico, bem como na construção da estrutura argumentativa e, também, na descrição dos operadores argumentativos usados pelos autores dos artigos.

4.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa está inserida no campo da Análise de Gêneros e da Argumentação, tendo como abordagem a qualitativa, bem como a quantitativa. Caracterizamos esta pesquisa como descritiva, pois, à medida que levantamos os elementos retóricos, os tipos de argumentos e os operadores argumentativos presentes nos exemplares que compõem o *corpus*, interpretamos as informações coletadas à luz das perspectivas teóricas já mencionadas. Além disso, trata-se também de uma pesquisa documental, visto que o nosso objeto de análise é a seção de introdução de artigos científicos da área de Linguística.

No que diz respeito à abordagem qualitativa, a pesquisa intenta analisar a seção de introdução de artigo científico, tendo como fonte de coletas os periódicos com classificação *Qualis* A1, no período de 2017 a 2020, de acordo com a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES), disponíveis na Plataforma Sucupira. A escolha pelo *Qualis* A1 da revista justifica-se pelo fato de ser considerado um periódico de excelência, e os artigos serem produzidos por membros mais experientes da comunidade discursiva acadêmica.

Por outro lado, optamos pela abordagem quantitativa, porque o nosso objetivo é quantificar e registrar o número de recorrência dos passos retóricos em cada introdução analisada e a relação destes com os tipos de argumentos e os operadores argumentativos. Para isso, nos apoiamos nos pressupostos metodológicos de Swales (1990) e de Silva, Bernardino e Valentim (2020).

Sobre a pesquisa descritiva, Prodanav e Freitas (2013) justificam que o pesquisador, ao realizar um estudo, busca registrar e descrever os fatos observados sem qualquer tipo de interferência, procurando descobrir a frequência com que determinado fato ocorre. Em decorrência disso, caracterizamos esta pesquisa nesse tipo, pois descrevemos e registramos, ao mesmo tempo que interpretamos as recorrências dos diferentes passos retóricos, dos tipos de argumentos e dos operadores argumentativos encontrados na seção de introdução dos artigos científicos.

Em relação às fontes da fundamentação teórica, a nossa pesquisa está embasada com os autores no âmbito dos estudos de análise gêneros e da sociorretórica tais como: Miller (2012), Swales (1990), Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009), Biasi-Rodrigues (1998), Bawarshi e Reiff (2013), Bezerra (2022), dentre outros e para os estudos no campo da argumentação temos como autores basilares Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), Fiorin (2018) Breton (1999), Koch e Elias (2016) e Koch (1987), entre outros.

Nesse sentido, o nosso objetivo é investigar os elementos da organização retórica, da argumentação, bem como os operadores argumentativos utilizados nesta seção, de modo a analisar a relação entre eles e verificar as estratégias retóricas e argumentativas usadas pelos autores dos artigos.

4.2 Constituição do *corpus*

A fim de compreender como os autores agem retórica e argumentativamente na seção de introdução de artigo científico da área de Linguística, selecionamos um *corpus* constituído por quinze seções de introdução de artigos científicos publicados em três periódicos. Os artigos que compõem o *corpus* foram coletados nos *sites* das revistas, são todos classificados como A1, considerando a avaliação CAPES do quadriênio de 2017-2020, conforme o quadro abaixo.

Quadro 6: Informações sobre os periódicos selecionado para a pesquisa

| Periódicos | Qualis | Exemplares |
|--|---------------|-------------------|
| Alfa: Revista de Linguística | A1 | 5 |
| Revista Linguagem em discurso | A1 | 5 |
| Bakhtiniana: Revista de estudo do discurso | A1 | 5 |

Fonte: elaborado pelo autor

De acordo com o quadro, os exemplares dos artigos são de três periódicos diferentes, publicados em 2022. Nesta pesquisa, não temos critérios de seleção no que diz respeito à extensão das introduções, por se tratar de um gênero que, geralmente, as normas editoriais dos periódicos limitam a quantidade de páginas, palavras ou caracteres, esperamos encontrar seções com extensões semelhantes. Também não recorreremos aos critérios de informações para autores de elaboração da seção de introdução, pois pretendemos mostrar apenas o que é mais regular na construção dessa seção.

Durante o processo das análises, com intuito de preservarmos a identidade dos autores, seus nomes serão omitidos, utilizaremos códigos alfanuméricos para a identificação das introduções, por exemplo, I para introdução, o número irá corresponder a sequência da introdução e a letra L para identificar a área do conhecimento. Dessa forma, o *corpus* será identificado do seguinte modo: INTRODUÇÃO DE LINGUÍSTICA 1 (IL1).

4.2.1 Contexto de produção dos artigos

Para compreendermos o contexto de produção dos artigos, buscamos informações nos *dossiês* e nas normas editoriais que correspondem ao número e ao volume dos periódicos selecionados, uma vez que a temática do artigo deve estar conforme as regras previstas pela chamada. É importante destacar que o foco da pesquisa não é fazer uma análise contextual, mas mostrar como as revistas apresentam suas normas para a produção do gênero.

Para tanto, o contexto foi reconhecido pelas normas e instruções disponíveis nos *sites* das revistas, de modo a orientar a produção do texto. Cada contexto influencia o modo de produção dos artigos, exigindo formas específicas de produção do gênero, as quais são interpretadas pelos autores, de modo que possam compartilhar o conhecimento com a comunidade discursiva, e produzir seus artigos e serem aceitos pelo periódico.

Todas as revistas que selecionamos apresentam, em seu *site*, condições de submissão, às diretrizes para autores, entre outros. As publicações e submissão de artigos acontecem em fluxo contínuo ou em chamadas específicas. Em alguns casos, tivemos acesso ao *dossiê* e ao editorial da revista para compreendermos o contexto de produção. Esses gêneros contextuais são os meios de informações que orientam

os pesquisadores a produzirem e submeterem o seu trabalho e, caso seja aceito, tê-lo publicado pela revista.

O periódico 'Alfa: revista de Linguística' publica trabalhos inéditos de professores e pesquisadores doutores, vinculados a instituição de ensino e pesquisas nacionais e internacionais. Nesta revista, coletamos artigos que correspondem ao volume 66, publicados em 2022. É importante considerar que essa revista exige que todos os trabalhos sejam apresentados em bilíngues, sendo o inglês o idioma exigido.

Quanto à publicação dos artigos, neste volume, observamos que é um número atemático, já que os trabalhos são de temáticas diversas. A heterogeneidade temática de artigos, neste volume, engloba pesquisadores de todas as subáreas da Linguística, com publicação de artigos nas seguintes especialidades: Fonologia, Compreensão Leitora, Análise do Discurso e Ensino de Língua Portuguesa. Com isso, verificamos que os trabalhos estão inseridos em um contexto amplo da área disciplinar, uma vez que os organizadores não especificaram uma temática para a produção dos artigos.

É importante destacar que a revista dispõe de um *template* de artigo no qual apresenta a estrutura do artigo científico e, na seção de introdução consta uma breve explicação da construção dessa seção, a saber: "a introdução serve ao autor para demonstrar a trajetória com a qual o leitor se deparará ou para prepará-lo a isso de forma sucinta". Com isso, percebemos que a 'Alfa: revista de Linguística' dispõe de informações para que os autores construam a seção de introdução.

No que se refere a revista 'Linguagem em Discurso' é uma publicação quadrimestral que recebe trabalhos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, visando discutir o texto e o discurso como objetos de investigação. Além de artigos, a revista publica resenhas, ensaios, debates, retrospectivas (estado da arte) originais. Coletamos artigos do volume 22, número 1, os quais estão associados ao *dossiê* temático Multiletramentos e gêneros textuais/discursivos no ensino de línguas, que tem como objetivo apresentar reflexões sobre o ensino de língua com o foco no Multiletramentos.

Este volume foi publicado após um novo momento da pandemia, com a vacinação em alta e a flexibilidade das regras para evitar a proliferação do vírus e, assim, foi possível adotar novas rotinas e com menos restrições. Nesta edição, a revista, trouxe textos que apresentam novas perspectivas e saberes ligados à pesquisa sobre língua, discurso e o momento vivido, ou seja, pesquisas desenvolvidas

ao longo da pandemia da COVID 19 na seção de temática livre e artigos conforme a temática da chamada do *dossiê*.

‘Bakhtiniana: revista de estudo do discurso’ é um periódico bilíngue Português/Inglês, que publica quatro números por ano, constituídos sobretudo de artigos inéditos e resenhas, com o objetivo de divulgar pesquisas no campo dos estudos do discurso e faz parte da modalidade Ciência Aberta¹. Os artigos selecionados para o *corpus* fazem parte do volume 17, número 1 com temática livre, uma vez que, conforme o editorial deste número, os artigos foram submetidos nos anos de 2020 e 2021.

Os textos publicados, neste volume, trazem reflexões teóricas com temáticas diversas, viajando nos pensamentos de Volóchinov e Benveniste, estabelecendo um diálogo para a compreensão das particularidades da palavra e o privilégio da língua, bem como uma proposta de releitura da teoria bakhtiniana, apresentando uma reflexão sobre a noção de singularidade. Além disso, apresenta discussões de uma possível relação entre os conceitos de Intermidialidade e intericonicidade para análise de imagem no âmbito dos estudos discursivos, entre outros.

4.3 Procedimentos de análise

Após o levantamento bibliográfico sobre os pressupostos teóricos dos estudos de gêneros textuais e da argumentação, base teórica para a nossa pesquisa, fizemos uma leitura atenta dos artigos científicos que compõem o *corpus*. Após a leitura, focamos de forma específica e detalhada na seção de introdução para realizamos a análise textual, de modo a obtermos elementos de identificação das pistas linguísticas que indicam os passos retóricos encontrados com o intuito de descrever a organização retórica da seção, bem como os tipos de argumentos e os operadores argumentativos.

Para isso, tivemos como base o modelo proposto por Swales (1990) que buscou evidenciar a construção retórica em introduções de artigos científicos, apontando para os movimentos e passos retóricos que se fazem recorrentes nos textos e, atualmente, é referência para os trabalhos em diferentes gêneros textuais na

¹É um novo modo de formatar, projetar, gerir, comunicar e avaliar a pesquisa e sua comunicação, primando pela transparência dos processos e pela disponibilização dos elementos que fundamentam sua comunicação, tais como métodos, dados e programas de computador.

esfera acadêmica. Seguimos, também, o modelo de descrição de Silva, Bernardino e Valentim (2020) sobre a descrição sociorretórica da seção de Introdução de artigos acadêmicos de Linguística Aplicada.

A partir disso, buscamos identificar nos exemplares do *corpus* em análise as informações que podem se configurar como um padrão prototípico dos movimentos e dos passos retóricos da seção. Com a vista à abordagem quantitativa classificamos os passos retóricos em alta ocorrência, quando a presença desses ocorrerem igual ou superior a sete exemplares, que corresponde de 60% a 100%, baixa recorrência é quantificada entre zero a três seções, em termos percentuais corresponde de 0% a 39% e a média recorrência encontrada quando a quantidade de passos está no intervalo de 40% a 59%. Desse modo, optamos por descrever apenas os passos que apresentaram recorrência igual ou superior a dois exemplares.

Após a análise dos movimentos e passos retóricos, partimos para os elementos da argumentação. Com intuito de compreender como os autores constroem a argumentação com relação à organização retórica da seção de introdução nos artigos científicos na área de Linguística. Dessa forma, lançamos o desafio de dialogar com duas teorias distintas: a Argumentação e a Análise de Gênero. Também partimos da concepção acerca da argumentação a partir das contribuições de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) e sobre os tipos de argumentos como elementos importante para a construção da argumentação, considerando Koch e Elias (2016) e Koch (1987) para descrição dos operadores argumentativos.

Dessa forma, analisamos o *corpus* nas seguintes etapas: na primeira etapa, após a leitura detalhada da seção de introdução, fizemos a segmentação em movimentos e passos retóricos, conforme a adaptação do modelo CARS elaborado por Swales (1990) para a seção de introdução de artigos acadêmicos e de Silva, Bernardino e Valentim (2020) para artigos da área de Linguística Aplicada. Por se tratar de um modelo flexivo que atualmente apresenta algumas modificações, ressaltamos que, à medida que as análises foram realizadas, encontramos a presença de outros passos que não estavam descritos nos modelos norteadores deste estudo.

Na etapa seguinte, após a identificação e a quantificação dos movimentos e passos retóricos, a fim de encontramos uma estrutura padrão nas seções de introdução da área de Linguística, tecemos para as descrições e interpretações dos dados apresentados no *corpus*, realizando as considerações sobre os passos retóricos, exemplificando por meio de trechos do texto. A partir desse levantamento,

registramos a quantidade de ocorrência dos passos com o intuito de expô-los, resultando em um quadro com dados quantitativos.

Na próxima etapa, procedemos para a descrição dos tipos de argumentos utilizados com base nos postulados de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) e interpretamos conforme o conceito definido pelos autores, visando perceber como os autores os utilizam para conduzir a argumentação. Dessa maneira, compreendemos que, para argumentar ao longo do texto e justificar uma proposta, o autor utiliza-se de vários tipos de argumentos para a construção da argumentação. Nesta etapa, após identificado o trecho que corresponde a presença de um passo retórico, verificamos a presença dos tipos de argumentos elencados para a análise desta pesquisa, discutido anteriormente.

Na etapa seguinte, buscamos identificar e descrever, nos exemplares, os operadores argumentativos, fazendo as devidas considerações, exemplificando com trechos do texto. Em seguida, estabelecemos uma relação entre os passos retóricos e os tipos de argumentos encontrados, identificando a presença destes nos passos.

Para isso, identificamos, no *corpus* analisado, os tipos de argumentos que são: argumento de identificação e definição, argumento de comparação, argumento de probabilidade, argumento de vínculo causal e argumento de autoridade, como também os operadores argumentativos. Desse modo, observamos como os autores agem retoricamente na seção de introdução para construir a argumentação.

Enfim, compreendemos que a seção de introdução é uma parte do artigo científico que apresenta de forma resumida o contexto da temática abordada, o objetivo, a problematização e o objeto investigado, dentre outros, bem como a área do conhecimento a que está vinculado. É importante destacar que a seção de introdução é responsável por convencer o leitor da importância do artigo, uma vez que é a porta de acesso para as demais seções deste gênero textual.

Apontada a metodologia da nossa investigação, no capítulo seguinte, passamos para as análises do *corpus*.

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Neste capítulo, apresentamos as análises realizadas nas seções de introdução de artigos científicos da área de Linguística. Partimos, primeiramente, da descrição e organização retórica dos exemplares selecionados. Tais análises buscam descrever as informações a partir da configuração retórica proposta por Swales (1990) e presente em Silva, Bernardino e Valentim (2020). Em seguida, apresentamos a descrição dos tipos de argumentos e dos operadores argumentativos presentes nos passos retóricos e, por fim, buscamos apontar a relação entre os passos retóricos e os tipos de argumentos contidos no *corpus* analisado.

5.1 Descrição da organização retórica da seção de introdução da área de Linguística

A partir das análises realizadas com as quinze seções de introdução de artigos científicos que correspondem ao *corpus* desta pesquisa, há variação em relação aos modelos de Swales (1990) e de Silva, Bernardino e Valentim (2020). Com base no modelo desses autores, elaboramos um modelo de organização retórica no qual nos guiamos pelas descrições retóricas já realizadas, isto é, os movimentos e passos já encontrados.

A elaboração do modelo contou com a identificação de marcas linguísticas que determinaram as informações dadas na sentença. Em relação aos modelos de Swales (1990) e Silva, Bernardino e Valentim (2020), observamos uma recorrência semelhante ao *corpus* desta pesquisa. Isso implica afirmar que a maioria dos movimentos e passos retóricos registrados no modelo dos autores aparecem no *corpus* analisado.

Tais passos são considerados estratégias utilizadas pelos autores do texto para atender ao propósito comunicativo determinado pela seção. Em nossa análise, identificamos a presença de um passo não encontrado nos modelos basilares para esta pesquisa. Com base nisso, a seguir, demonstramos como os movimentos e os passos retóricos se comportam enquanto unidades informacionais em nossos exemplares e, assim, chegamos ao seguinte modelo.

Quadro 7: Descrição retórica da seção de introdução de artigos científicos da área de Linguística

| Movimento 1 Construir o objeto da pesquisa | Quantidade de ocorrências | |
|---|----------------------------------|-----|
| Passo 1 Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto | 9/15 | 60% |
| Passo 2 Construindo problematização em torno do objeto por meio de discussão com literatura prévia | 11/15 | 73% |
| Passo 3 Apresentando objeto de pesquisa | 11/15 | 73% |
| Movimento 2 Estabelecer um nicho | | |
| Passo 4 Apresentando argumentos contrários a pesquisas anteriores | 2/15 | 13% |
| Passo 5 Provocando questionamentos | 6/15 | 40% |
| Movimento 3 Ocupar o nicho | | |
| Passo 6 Apresentando objetivo | 14/15 | 93% |
| Passo 7 Apresentando a metodologia | 6/15 | 40% |
| Passo 8 Indicando a estrutura do artigo | 11/15 | 73% |

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Swales (1990) e Silva, Bernardino e Valentim (2020)

No quadro 8, temos a quantidade de ocorrências encontrada no *corpus* desta pesquisa. A descrição acima apresenta a frequência de movimentos e passos retóricos resultantes da análise das quinze seções de introdução de artigos científicos da área de Linguística. Podemos observar que o modelo descrito neste estudo apresenta três movimentos e oito passos retóricos, os quais são considerados estratégias usadas pelos autores dos artigos ao escreverem sua introdução.

No movimento 1 “Construir o objeto da pesquisa” há três passos, a saber: o passo 1 “Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto”, passo 2 “Construindo problematização em torno do objeto por meio de discussão com literatura prévia” e o passo 3 “Apresentando objeto de pesquisa”. O passo 1 foi identificado em 60% do *corpus* analisado. Neste passo, o autor do artigo constrói o cenário sócio-histórico, apresentando o contexto do objeto a ser investigado, de modo que o leitor esteja ciente de que o objeto da pesquisa se encontra em um cenário. Vejamos no trecho abaixo:

Exemplo 1: *Provas oficiais de âmbito nacional e estadual vêm evidenciando as condições não satisfatórias dos estudantes do Ensino Fundamental no que se refere à Língua Portuguesa e à Matemática*, gerando preocupações sociais e acadêmicas. Conforme os resultados do SAEB 20171, em Língua Portuguesa e Matemática, nos anos iniciais, não diferente dos anteriores, 5,94 é a média padronizada das escolas públicas, com pouco acréscimo em relação a 2015 (5,74) (IL2).

No exemplo acima, os autores do artigo científico constroem um cenário espacial e social do objeto da pesquisa. Com isso observamos, quando eles fazem referências às provas no âmbito nacional e estadual nas áreas de Língua Portuguesa e de Matemática, situando o leitor para um campo específico investigado que é o ensino de Língua Portuguesa. Este passo tem a finalidade de contextualizar o objeto de pesquisa, sendo um importante recurso para chamar a atenção do leitor quanto ao objeto investigado. Ainda, quanto à presença deste passo em nosso *corpus*, destacamos o seguinte trecho:

Exemplo 2: Até meados do século XVIII, as populações se deslocavam de forma regular, sem grandes entraves. É com o aparecimento dos Estados-nações, no século XIX, que a gestão dos fluxos migratórios passa a ser um problema, já que a “invenção” da fronteira (tomada como uma linha oficial que divide territórios) passa a distinguir os nacionais dos não nacionais: os estrangeiros/migrantes, gerando mecanismos de inclusão e de exclusão e tornando-se, assim, um elemento-chave na constituição da identidade e da alteridade (IL3).

O exemplo 2 refere-se a uma situação temporal em que observamos no trecho “Até meados do século XVIII, as populações se deslocavam de forma regular, sem grandes entraves”, possibilitando ao leitor compreender o contexto do objeto investigado. Observamos que os autores afirmam que no século XVIII as populações se deslocavam de um país ao outro sem nenhum problema, e a partir de século XIX esse fenômeno passa a ser um problema, devido ao aparecimento dos Estados-nações que distinguiu os nacionais do não nacionais, os estrangeiros/migrantes, criando um mecanismo de inclusão e exclusão.

Já no excerto 3, os autores apontam para uma caracterização sociocultural, de modo que o leitor tenha conhecimento do contexto e a sua relação com o objeto investigado.

Exemplo 3: A redução das relações hierárquicas nas democracias não deixou à margem o emprego da falsa deferência, da falsidade e da mentira manipulada em proveito próprio. A deferência exige tempo, que é muito restrito na sociedade atual, caracterizada por sujeitos que se apresentam apressados, intempestivos e autossuficientes (IL4).

No exemplo apresentado, observamos que os autores do artigo apresentaram um relato sobre “a redução das relações hierárquicas nas democracias”, deixando claro para o leitor que tal redução não permitiu o emprego da falsidade e da mentira manipuladora em proveito próprio. Essa afirmação auxilia o leitor a compreender que o objeto da pesquisa gira em torno das falas manipuladoras, as quais são ditas em benefício próprio enquanto falam mal do seu adversário.

Os exemplos acima mostram como os autores constroem seus textos por meio do cenário histórico e social de seus objetos de investigação. Como observamos, o passo retórico 1 “Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto” apresenta ao leitor o cenário no qual um dado objeto é tomado para investigação, direcionando-o para o centro da pesquisa.

Com isso, concluímos que o passo “Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto”, já descrito no trabalho de Silva, Bernardino e Valetim (2020), tem a função retórica de apresentar o cenário do objeto da pesquisa. Nos exemplos é possível observar as pistas linguísticas que apontam para a localização de espaço como em (1) “Provas oficiais de âmbito nacional e estadual vêm evidenciando as condições não satisfatórias dos estudantes do Ensino Fundamental”, de tempo em (2) “Até meados do século XVIII, as populações se deslocavam de forma regular, sem grandes entraves” e de social em (3) “A redução das relações hierárquicas nas democracias não deixou à margem o emprego da falsa deferência, da falsidade e da mentira manipulada em proveito próprio”.

Já o passo 2 “Construindo problematização em torno do objeto por meio de discussão com literatura prévia” se mostrou uma frequência alta ocorrendo em 73% do *corpus*. Segundo Silva, Bernardino e Valentim (2020), isso se justifica pelo lugar de destaque que o objeto da pesquisa ocupa entre os pesquisadores. Este passo se configura em apresentar pesquisas prévias que se tornam relevantes para a pesquisa realizada. Nestas pesquisas, o autor encontra informações importantes para o seu trabalho, conforme exemplificamos no excerto abaixo:

Exemplo 4: Pesquisas ultrassonográficas anteriores sobre redução de encontros consonantais em crianças com desenvolvimento típico falantes do português brasileiro (VASSOLÉR; BERTI, 2018; OLIVEIRA; BERTI, 2018) revelaram diferenças nos movimentos da língua entre a produção de encontros consonantais e a redução dos encontros consonantais (IL1).

Observamos no trecho acima que o objeto da pesquisa está inserido no campo das pesquisas ultrassonográficas da língua, ancorado nas pesquisas de Vassoler; Berti (2018) e Oliveira; Berti (2018). A sentença em destaque chama a atenção do leitor para o reconhecimento deste passo, uma vez que, no início do parágrafo, os autores do artigo fornecem a informação “pesquisas ultrassonográficas anteriores”, deixando o leitor ciente da existência deste passo.

No trecho a seguir as informações dadas sobre este passo são reconhecidas a partir da sentença “segundo dados *World Migration Report 2020* divulgados pela Organização Internacional para as Migrações (OIM)” na qual indica a discussão de estudos prévios, cujo objeto de investigação gira em torno do movimento migratório no mundo. Vejamos no trecho abaixo:

Exemplo 5: Ainda que a migração não seja um fenômeno recente, nas últimas duas décadas é possível observar um aumento significativo dos movimentos migratórios no mundo. ***Segundo dados do World Migration Report 2020, divulgados pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), o mundo possui hoje cerca de 272 milhões de migrantes internacionais*** (IL3).

Verificamos que, neste exemplo, as informações mencionadas sobre os dados do *World Migration Report 2020* são feitas com o intuito de embasar a afirmação de que o mundo tem cerca de 272 milhões de migrantes internacionais. Já no exemplo 6, as discussões de literaturas prévias partem dos estudos desenvolvidos por Paulo Freire, cuja pesquisa mencionada fornecem informações para o desenvolvimento do estudo a ser realizado. Vejamos o exemplo:

Exemplo 6: Cumpre lembrar que ***a educação, como direito humano, sempre foi de primordial importância nos estudos desenvolvidos por Paulo Freire (1987, 1994, 1997)*** (IL7).

No exemplo apresentado, o objeto de investigação faz relação com os estudos de Paulo Freire em consonância com os estudos da Linguagem para refletir acerca do ensino de Língua Portuguesa numa perspectiva crítica. Para isso, os autores do artigo mencionam as obras escrita por Paulo Freire, deixando o leitor a par das informações a serem desenvolvidas no artigo. A partir disso, podemos afirmar que este passo retórico ocorre para estabelecer uma relação de pesquisas já existentes com a pesquisa que está sendo desenvolvida.

Para Solange (1996), neste passo, os nomes dos autores mencionados e uma breve revisão de seu trabalho é feita para embasar o estudo atual. Nesse sentido, a revisão de literatura prévia em torno do objeto da pesquisa tem a função retórica de apresentar de forma concisa informações de pesquisas anteriores importantes para o trabalho atual. Assim, constatamos que os autores dos artigos recorrem às pesquisas anteriores para fundamentar o seu trabalho e construir o objeto de pesquisa.

Quanto ao passo 3 “Apresentando objeto de pesquisa”, este também ocorreu em alta recorrência, das quinze seções de introdução analisada 73% apresentaram este passo retórico, conforme demonstramos nos exemplos abaixo. Levando-nos a crer que apresentar o objeto da pesquisa é apontar o alvo do estudo que o pesquisador delimita para ser estudado. Tal passo consiste em apresentar ao leitor o objeto investigado, de modo que ele possa acionar conhecimentos prévios sobre ele. Conforme o exemplo abaixo:

Exemplo 7: *Diante desse quadro, interessa-nos, no presente artigo, examinar o discurso de brasileiros* que migraram para a Europa, particularmente, para Portugal, França e Inglaterra, países escolhidos em função de suas diferenças não só linguísticas e culturais, mas também em relação às políticas migratórias (IL3).

Neste exemplo, os autores do artigo buscam expor o objeto da pesquisa, de maneira que o leitor possa ter conhecimento do objeto investigado. Pelo trecho acima, é possível perceber que o trabalho tem foco na Análise do Discurso. Desse modo, os pesquisadores pretendem examinar o discurso de brasileiros que migram para outros países, dando a esses sujeitos oportunidade de relatar suas experiências de vida. No exemplo 8, seguindo a mesma linha teórica do exemplo 7, os autores estão amparados nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso. Vejamos o trecho:

Exemplo 8: *Para tal, analisaremos enunciados extraídos dos debates televisivos de 14, 16 e 24 de outubro de 2014 e de 9 e 17 de agosto, 26 e 30 de setembro e de 4 de outubro de 2018, tomando-os como enunciados capazes de revelar as formas de violência presentes em discursos de campanha, bem como suas estratégias e graus de intensidade* (IL4).

Observamos a partir do trecho constante no exemplo que o objeto de estudo é constituído a partir dos enunciados de candidatos da campanha eleitoral de 2014 e

2018, os quais são extraídos dos debates televisivos. Com isso, os autores buscam analisar esses enunciados como intuito de revelar as formas de violências verbais presentes no discurso e as estratégias empregadas pelos candidatos.

Já no trecho seguinte, o objeto de estudo gira em torno da Análise de Gênero Textual em que os autores se utilizam de um gênero oral para que os alunos realizem uma produção de escrita.

Exemplo 9: Para atingir o objetivo proposto neste artigo, ***apresentamos o modelo didático do gênero exposé oral e análise das produções dos alunos utilizando o gênero (IL9).***

Como destacado no exemplo acima, os autores do artigo relatam que o objeto de pesquisa gira em torno das análises das produções dos alunos. Para estimular as produções dos alunos foi necessário apresentar o modelo didático do gênero *exposé* oral. Com isso, inferimos que o objeto de investigação desta pesquisa é o gênero *exposé* e as produções dos alunos, uma vez que a intenção dos autores do artigo é desenvolver a escrita dos alunos por meio desse gênero.

Quanto aos exemplos acima, observamos que os pesquisadores dos artigos introduzem o objeto de investigação de forma contextualizada, além disso dão preferências aos verbos, o que nos apresentou dúvidas em sua verificação, se tal passo estava apresentando o objeto de investigação ou o objetivo da pesquisa. Cabe ressaltar que, na pesquisa de Silva, Bernardino e Valentim (2020), a maioria deste passo apareceu conjugado com o passo “Apresentando objetivos”. No entanto, em nosso *corpus*, verificamos que, embora tenhamos verificados os verbos, os autores apresentam o objeto da pesquisa em momento diferente nas introduções, em alguns casos, no mesmo parágrafo dos objetivos.

No movimento 2 “Estabelecer um nicho” há dois passos retórico, o passo 4 “Apresentando argumentos contrários a pesquisas anteriores” e o passo 5 “Provocando questionamentos”. Quanto ao passo 4 foi identificado em 13% das amostras, sendo o único classificado com baixa recorrência. Isso significa afirmar que este passo é pouco utilizado pelos pesquisadores no momento de apresentar os argumentos contrários. Assim, constatamos que Indicar argumentos contrários à pesquisa prévia é estabelecer um nicho na área do conhecimento, bem como argumentar que pesquisas anteriores possam apresentar alguma limitação e que

surgiram novas investigações a respeito do tema pesquisado. A seguir, destacamos os únicos casos de ocorrência deste passo:

Exemplo 10: *No entanto, estudos anteriores não mostraram informações sobre o deslocamento da língua durante a produção desses padrões silábicos.* Com base na literatura (VASSOLER; BERTI, 2018; OLIVEIRA; BERTI 2018) de que crianças apresentam maior uso da massa de língua em produções atípicas, resultando em maior deslocamento de língua e em maior duração, esta pesquisa pretende corroborar/refutar achados anteriores (IL1).

No exemplo 10, os autores constroem o seu contra-argumento, explicando que os estudos anteriores não mostraram informações necessárias para o estudo do deslocamento da língua no que diz respeito a produção dos padrões silábicos. Sendo assim, eles afirmam que, com base nos estudos de Vassoler; Berti (2018) e Oliveira; Berti (2018) sobre o deslocamento da língua em maior duração, a pesquisa atual pretende corroborar e refutar achados de pesquisas anteriores.

No trecho abaixo, os autores do artigo buscam apresentar seus argumentos contrários em torno dos estudos do PCNs e da BNCC em relação aos gêneros. No exemplo, os autores buscam destacar que os estudos de gêneros, tanto nos PCNs como na BNCC, apresentam diversas mudanças. Vejamos o exemplo:

Exemplo 11: Várias décadas após a publicação dos PCNs, nada contraria essa concepção, que também está presente em documentos oficiais mais recentes – por exemplo, a BNCC (BRASIL, 1997). *No entanto, temos observado inúmeras mudanças no que diz respeito aos textos e gêneros* que materializam as trocas linguageiras, impulsionadas pelos avanços tecnológicos (IL9).

No exemplo 11, observamos que as informações apresentadas dos estudos anteriores dizem respeito aos textos e aos gêneros nos PCNs e na BNCC. Para afirmar isso, os autores do artigo utilizam a pista linguística “no entanto”, assim, indicando ao leitor que nesses trabalhos foram identificadas inúmeras mudanças em torno do texto e do gênero, impulsionados pelos avanços das tecnologias, assim, motivando-os a refletir sobre a multimodalidade.

De acordo com os exemplos acima, os autores dos artigos utilizam-se da pista linguística “no entanto” para contra-argumentar as pesquisas anteriores, abrindo caminho para uma nova investigação, no caso do exemplo 10, que busca refutar ou colaborar os achados anteriores e, no exemplo 11, refletir sobre uma nova perspectiva metodológica do gênero e do texto. Segundo Aranha (1996), este passo é iniciado por

uma conjunção adversativa, sendo a mais comum o uso do “no entanto”, mas também podem ser encontrado os outros operadores, por exemplo, “como”, “contudo” e “mas”.

Já o passo 5 “Provocando questionamentos” foi verificado em 40% das introduções analisadas, considerado média ocorrência. Este passo tem a função de apresentar os questionamentos que foram a motivação para ser desenvolvida a pesquisa os quais serão respondidos durante a realização do trabalho. O trecho, a seguir, apresenta a presença deste passo:

Exemplo 12: À luz da Análise do Discurso Francesa (ADF), com incursões na Análise Dialógica do Discurso (ADD), buscaremos apreender as diferentes estratégias linguístico-discursivas mobilizadas na construção dessas vozes marginais, ***de modo a responder às seguintes perguntas:*** 1) como esse *outro*/migrante brasileiro se apresenta naquilo que diz (e mesmo naquilo que não diz)?; 2) como ele avalia sua situação atual (num novo país) em comparação com a situação anterior (no Brasil), sua relação com os nativos e a própria possibilidade (ou não) de retorno? (IL3).

No exemplo 12, os autores sinalizam a área do conhecimento na qual a pesquisa está situada, argumentando que tentarão compreender as diferentes estratégias linguístico-discursivas nas vozes marginais, recorrendo a algumas perguntas. Dessa forma, observamos que os questionamentos giram em torno do objeto da pesquisa que é o discurso dos brasileiros que migraram para outros países.

No exemplo abaixo, a pista linguística “busca-se responder a algumas questões” contribui para a identificação do passo. Observamos que, conforme as questões norteadoras, a pesquisa busca refletir sobre as dificuldades do ensino de Língua Portuguesa no período da pandemia sobre a perspectiva freiriana.

Exemplo 13: ***Para este artigo, busca-se responder a algumas questões*** acerca do ensino de língua portuguesa em tempo de crise. Por que falar de Freire, no caso específico da educação, durante a pandemia? Quais desafios pandêmicos a LAC e a pedagogia freiriana nos ajudam a superar, especialmente em se tratando de tecnologia e multimodalidade? (IL7).

No exemplo citado, os pesquisadores investigam o ensino de Língua Portuguesa em tempo de pandemia, utilizando os estudos freirianos para responder às questões que motivaram a pesquisa, assim, estabelecendo relação com a Linguística Aplicada Crítica. As questões apresentadas pelos autores do artigo nos mostram que o desafio do estudo é refletir sobre ensino-aprendizagem em Língua

Portuguesa no período da pandemia COVID 19, principalmente, no que diz respeito as tecnologias e a multimodalidade.

Já no exemplo 14, os questionamentos para a investigação da pesquisa pretendem aproximar os estudos de Saussure e Bakhtin, com intuito de refletir sobre os estudos linguísticos. Para isso, os autores precisam retomar algumas questões que nortearão a investigação, conforme observamos no trecho abaixo:

Exemplo 14: Assim sendo, ***cumpre-nos retomar algumas questões que nortearão nossa investigação***: seria possível uma leitura que aproxime Saussure e Bakhtin, ressignificando-os e mesmo reposicionando-os no campo dos estudos linguísticos? E se o for, em que medida, e por quais razões, buscar diálogos entre esses autores seria pertinente à pesquisa linguística hoje? (IL13).

No exemplo apresentado, os autores do artigo levantam as questões em torno dos teóricos Saussure e Bakhtin, estabelecendo uma relação entre eles para o desenvolvimento da pesquisa. Tais questões apontam para uma contribuição que a pesquisa pretende apresentar, uma vez que eles buscam aproximar os estudos desses teóricos e observar em que medida o diálogo entre eles contribuiriam para os estudos no campo da linguística.

Desse modo, observamos que os exemplos acima estão identificados com as expressões “às seguintes perguntas”, como no exemplo 12, e “algumas questões”, como nos exemplos 13 e 14, as quais contribuiriam para o reconhecimento deste passo. Sendo assim, o passo “Provocando questionamentos” tem a função retórica de apresentar as questões que motivaram a pesquisa, guiando o leitor para as possíveis discussões a serem encontradas no estudo.

O movimento 3 “Ocupar o nicho” apresenta três passos. O passo 6 “Apresentando objetivos” se mostrou em alta recorrência, esteve presente em 93% do *corpus* analisado. Isto evidencia a importância dadas pelos autores na apresentação do propósito da pesquisa, uma vez que os objetivos são imprescindíveis em qualquer trabalho científico. Para Swales (1990), este passo é considerado obrigatório, uma vez que aparece com frequência na maioria das introduções de artigos científicos que foram analisados pelo estudo do autor. Aranha (2004) acrescenta, ainda, que a obrigatoriedade deste passo diz respeito aos propósitos ou ao anúncio da pesquisa que será desenvolvida pelo trabalho.

Cabe destacar que este passo está descrito no modelo de Swales (1990) e de Silva, Bernardino e Valentim (2020). É importante ressaltar que, em algumas das introduções do nosso *corpus*, os pesquisadores, além de enfatizarem o objetivo geral, também mencionaram os objetivos específicos, conforme o exemplo 17. A seguir, destacamos alguns trechos em que verificamos a presença deste passo.

Exemplo 15: Assim, ***este estudo teve como objetivo caracterizar*** o deslocamento de língua nas produções de crianças desvio fonológico e de crianças com desenvolvimento típico falantes do português brasileiro (IL1).

No exemplo apresentado, observamos que os autores do artigo utilizam a pista linguística “objetivo” acompanhado do verbo no infinitivo “caracterizar”, evidenciando o propósito comunicativo da pesquisa, de modo que o leitor consiga compreendê-lo. Percebemos que o objetivo da pesquisa é caracterizar o deslocamento de língua a partir da fala de crianças com desvio fonológico e com desenvolvimento típico do português brasileiro.

No exemplo 16, assim como no 15, os autores do artigo usam o termo nominal “objetivo” seguido de um verbo no infinitivo, a fim de mostrar o propósito que a pesquisa pretende alcançar.

Exemplo 16: ***A pesquisa aqui relatada definiu como seu objetivo examinar*** a compreensão leitora de alunos de escolas públicas brasileiras do Ensino Fundamental, em suas relações com a escolaridade, a tarefa e a categoria inferencial de questão (IL2).

No exemplo 16, observamos que o propósito da pesquisa é examinar a compreensão leitora de alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública brasileira em suas relações com o nível de escolaridade e as tarefas propostas. Para expor essa afirmação, os autores usam a seguinte sentença “a pesquisa aqui relatada definiu como seu objetivo”, deixando o leitor a par da intenção da pesquisa. Já no exemplo 17, além do objetivo geral, os autores do artigo apresentam também os objetivos específicos. Vejamos o exemplo:

Exemplo 17: ***O objetivo deste trabalho***, portanto, é ***apresentar*** a sequência didática projetada, refletindo sobre as dinâmicas da escrita colaborativa. ***Os objetivos específicos incluem: avaliar*** como se deu a apreensão do gênero resenha pelos estudantes; ***refletir*** sobre os movimentos retóricos da escrita deste tipo de resenha e ***explicitar*** a constituição do gênero resenha acadêmica colaborativa advindo desta experiência (IL10).

Observamos que, neste exemplo, os propósitos comunicativos apontados pelos autores seguem uma sequência que auxilia o leitor para a conclusão do estudo. Percebemos que no primeiro momento eles pretendem apresentar uma sequência didática, cujo objetivo se configura como o geral, em seguida os objetivos específicos que são avaliar como se deu a apreensão do gênero resenha, logo após refletir sobre os movimentos retóricos e, por fim, explicitar a constituição do gênero resenha. Com essa sequência, os autores buscam impulsionar o leitor para a leitura do artigo como o todo.

Ao destacar os objetivos de suas pesquisas, os autores tentam explicar e esclarecer para o leitor o que pretendem pesquisar, motivando-o para a leitura do artigo e do conhecimento do objeto investigado. Percebemos que este passo é identificado pelas pistas linguísticas “este estudo teve como objetivo” “a pesquisa aqui relatada definiu como seu objetivo” e “o objetivo deste trabalho”, contribuindo para a construção dessa informação e, assim, ocupar um nicho e situar o leitor do propósito comunicativo da pesquisa.

Cabe mencionar que, em alguns casos, este passo tanto é manifestado pelo termo nominal “objetivo” quanto pela forma verbal “analisamos”, como é possível conferir no trecho selecionado abaixo:

Exemplo 18: *Neste artigo, analisamos a ocorrência de pequenos acontecimentos* que vão produzindo essas rupturas nos modos de dizer, ora suspendendo, ora intensificando a agressão (IL4).

Por meios deste passo, os autores dos artigos apresentam os objetivos que indicam a direção que desejam seguir com a pesquisa, uma vez que parte das informações gerais para a mais específica. Dessa forma, o objetivo da pesquisa tem a finalidade de centralizar o leitor no alvo do estudo, apontando para o que se pretende alcançar. Como podemos observar nos exemplos acima, as formas verbais direcionam o leitor para a ideia central do trabalho.

O passo 7 “Apresentando a metodologia”, cuja descrição não aparece nos modelos de Swales (1990) e nem de Silva, Bernardino e Valentim (2020), ocorreu em 40% do *corpus*. Este dado revela que, ao escreverem sua introdução, os autores dos artigos se preocupam em informar aos leitores o caminho percorrido para realização da pesquisa. A função deste passo é descrever a metodologia ou os procedimentos que foram utilizados para a coleta e análise do *corpus* da pesquisa. Este passo,

geralmente, se apresenta com os termos “metodologia”, “procedimentos metodológicos” ou, somente, com a descrição das etapas da investigação. Vejamos o exemplo a seguir:

Exemplo 19: Dados o tema e o objetivo, *a metodologia se caracterizou* pelo uso de quatro tipos de tarefa – Questionário, Múltipla Escolha e Verdadeiro ou Falso – com correspondências das questões no conteúdo e nas características inferenciais –, e Cloze, que possibilitaram a obtenção de dados, a realização de análises e a chegada a resultados conforme o objetivo estabelecido (IL2).

No exemplo 19, é possível verificar que os autores especificam que para obter os resultados da pesquisa, serão empregados na metodologia quatro itens: o questionário, múltipla escolha, verdadeiro ou falso e o Cloze, que é uma tarefa de eliminação de palavras de um texto, para chegar ao resultado conforme os objetivos estabelecidos pela pesquisa. Dessa forma, percebemos que para situar o leitor, os autores listam os instrumentos utilizados para coletar os dados e realizar o estudo.

No exemplo, a seguir, a identificação do processo metodológico é indicada pela enumeração de cada etapa empregada na metodologia da pesquisa. No trecho, percebemos que os autores explicam o que será feito em cada etapa realizada para coletar os dados da pesquisa.

Exemplo 20: *Para tanto, é necessário, num primeiro momento*, descrever os enunciados para, posteriormente, conseguir enxergar uma série de transformações mais amplas. Partiremos da descrição linguística, da materialidade discursiva, para então conseguir estabelecer as séries e os acontecimentos, uma vez que são as práticas discursivas que farão a transformação (IL4).

Observamos que, neste exemplo, os autores descrevem a sequência dos procedimentos metodológicos da pesquisa que se inicia na descrição das etapas realizadas até as análises. Notamos que ao iniciar as fases da metodologia, eles empregam o termo “num primeiro momento”, o que nos leva a inferir que se trata dos procedimentos metodológicos do trabalho, uma vez que, em seguida, eles apontam para coleta dos dados.

No exemplo, a seguir, a informação sobre a metodologia do trabalho se dá a partir da descrição dos passos desenvolvidos para chegar ao resultado da pesquisa, sendo reconhecida pelo termo em destaque no início da sentença. Neste exemplo, os

autores afirmam que o objeto da pesquisa está vinculado ao campo jornalísticos e, em seguida descreve o que pretende realizar com o estudo.

Exemplo 21: Como procedimento metodológico, utilizamos o cotejamento entre textos pertencentes ao campo jornalístico, procurando retomar contextos do passado e antecipar contextos futuros. Sendo assim, partimos de editoriais *on-line* do *El País* publicados durante o mês de fevereiro de 2020. Para o movimento retrospectivo, tomamos como fundamental o *Libro de estilo* (EL PAÍS, 2014) (IL11).

No exemplo apresentado, os autores do artigo especificam o gênero e um recorte temporal do objeto da pesquisa, os quais foram coletados na página on-line do jornal *El país* e, em seguida, explicam o que pretendem realizar com cada etapa. No exemplo, a pista linguística “como procedimento metodológico” contribui para a identificação do passo. Ressaltamos que, geralmente, este passo é descrito em um único parágrafo, em alguns casos, em um mesmo parágrafo com os objetivos.

Outro aspecto que destacamos e consideramos importante é que, mesmo as informações da metodologia estando contidas na introdução, na maioria dos artigos analisados não apresentam a seção de metodologia. Com exceção de quatro exemplares, sendo que em dois desses artigos, os autores apresentam na introdução, brevemente, a metodologia e, no corpo do artigo inserem uma seção para descrevê-la detalhadamente. Isso nos levar a inferir que tal ação é escolha dos autores, uma vez que nas normas dos periódicos não constam que é obrigatório apresentar a metodologia.

Nos exemplos acima, observamos que os autores relatam, detalhadamente, o processo de execução da pesquisa, apontando os elementos da metodologia utilizada. Notamos que, em alguns casos, eles listam os instrumentos metodológicos e, em outro, descrevem as etapas e o que pretendem alcançar com elas. Assim, esta estratégia indica as características específicas aplicadas no estudo, a fim de obter os resultados, apresentando as informações das etapas da investigação e os procedimentos utilizados.

Concluindo a descrição do modelo retórico que construímos a partir da análise do *corpus*, apresentamos o passo 8 “Indicando a estrutura do artigo”, sendo identificado em 73% das seções de introdução (alta recorrência). Em trabalhos anteriores este passo foi ora descrito como passo em Swales (1990), ora por movimento em Silva, Bernardino e Valetim (2020), assim, optamos pela descrição

inicial, uma vez que esse modelo foi o pioneiro para as pesquisas em análise de gêneros e funciona como instrumento de análise para as pesquisas posteriores.

Este passo consiste em uma estratégia retórica em que os autores buscam anunciar as partes que estruturam o artigo, antecipando a organização do texto, vindo sempre, no *corpus* analisado, no último parágrafo da introdução. Este passo vem geralmente seguido das pistas linguísticas “o artigo está organizado nas seguintes seções” ou o “artigo apresenta os seguintes tópicos”, como podemos ver nos trechos seguintes:

Exemplo 22: O artigo está organizado nas seguintes seções, além desta introdução. A seção 1 apresenta o que são estilos de aprendizagem, com foco nas chamadas preferências sensoriais (IL5).

No exemplo 22, percebemos que a presença deste passo retórico contribui para que o leitor tenha uma visão geral do trabalho. Neste exemplo, o autor do artigo indica as seções que constam no artigo com um numeral próximo do termo “seção”, apresentada de forma sucinta o que cada parte vai abordar, de modo que o leitor fique sabendo do conteúdo discutido e o número de seções que o artigo apresenta.

No exemplo seguinte, assim como no anterior, para identificar as partes do artigo, os autores indicam a estrutura por um numeral, mas sem a palavra seção.

Exemplo 23: O artigo apresenta em sequência os seguintes tópicos: 1) os estudos freirianos à luz da Pedagogia Crítica e da Linguística Aplicada Crítica (LAC) (PENNYCOOK; MAKONI, 2020), e Bakhtin (1992a) relativamente ao ensino de línguas como prática social (IL7).

No exemplo 23, ao apresentar a estrutura do artigo, os pesquisadores apresentam as seções com base nos teóricos discutidos em cada parte, influenciando o leitor a ler o artigo completo e conhecer a reflexão sobre a temática na visão de cada teórico mencionado. No exemplo seguinte, os autores informam que o artigo está organizado em três seções, levando o leitor a construir um esquema dos pontos principais de cada seção por meio de resumo apresentado e, assim, fazer com ele prossiga na leitura do trabalho.

Exemplo 24: Este artigo está organizado em três seções: em primeiro lugar, discorremos sobre o conceito de gêneros do discurso, bem como sobre a noção de forma arquetípica, dada sua centralidade para o desenvolvimento da análise (IL11).

No exemplo citado, percebemos que os autores, para identificar as seções do artigo, usam a expressão “em primeiro lugar” para que o leitor compreenda que a expressão corresponde a uma seção e saiba o que ela está abordando. Ressaltamos que, em alguns casos, há pistas linguísticas iguais aos exemplos anteriores e, em outros casos, não havia a presença destas pistas. Para identificarmos este passo, nestes casos, foi necessário retomar a leitura do artigo para sabermos que um determinado trecho correspondia ao passo “Indicando a estrutura do artigo”. Vejamos o exemplo:

Exemplo 25: Para tanto, ***retomaremos a seguir a leitura de autores*** como Brait (2016) sobre as apropriações teóricas de Saussure por Bakhtin. Em seguida, aventaremos possibilidades atuais que nos têm sido oferecidas para se visitar o pensamento de Saussure. Por fim, buscaremos promover um encontro a partir de algumas bases epistemológicas desses autores que, em certa medida, poderá colaborar com as pesquisas que tomam a língua como objeto humano, social (IL14)

Conforme o exemplo 25, percebemos que os autores anunciam o percurso que será feito até a conclusão da pesquisa. Observamos que, na seção um, será feita uma retomada da leitura de Brait (2016) para identificar apropriações teóricas de Saussure por Bakhtin, em seguida expor as possibilidades atuais para visitar o pensamento de Saussure, para depois promover um encontro desses autores, apresentando em que medida suas pesquisas poderão colaborar para os estudos em torno do objeto. Para constatarmos que esse trecho, de fato, pertence ao passo 8 retornamos a estrutura do artigo como um todo e, assim, identificamos nos subtítulos palavras-chaves que serviram para o reconhecimento do passo.

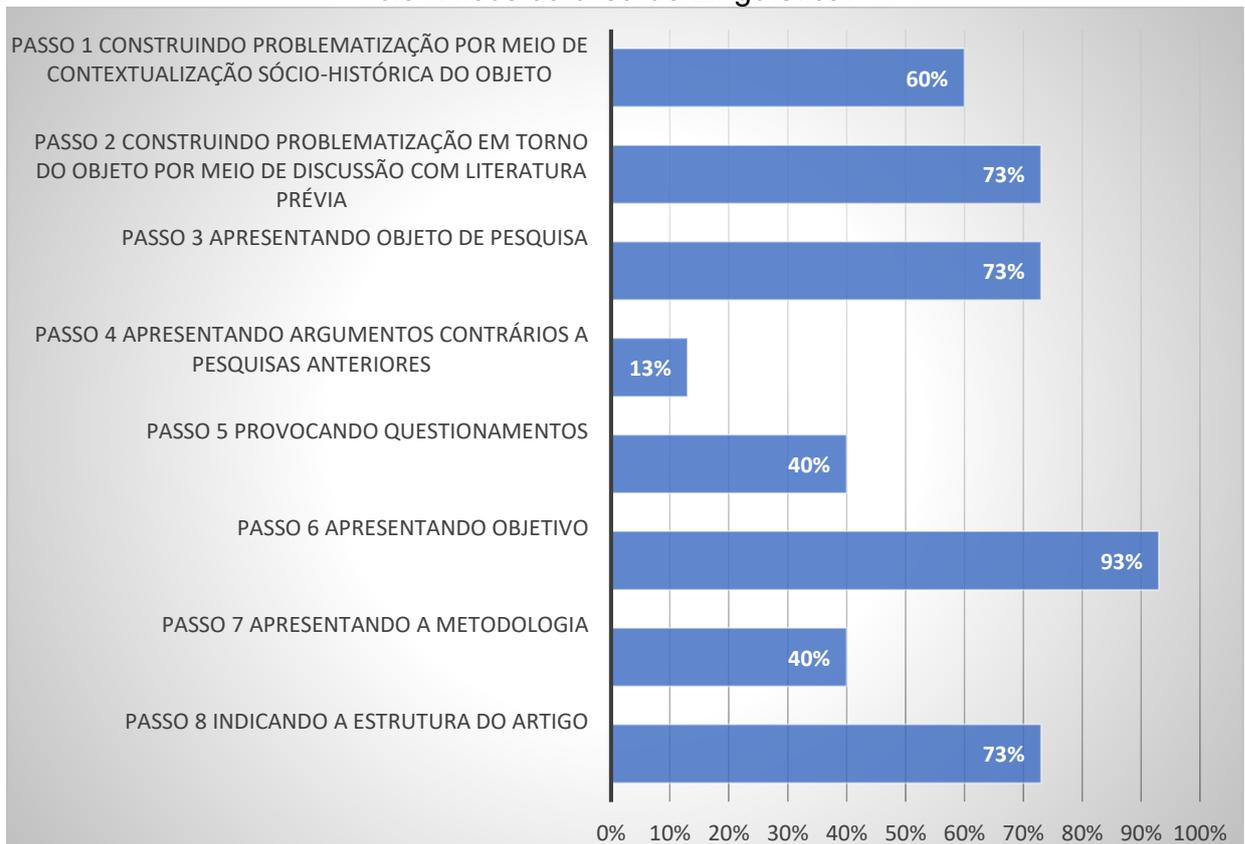
Nos exemplos apresentados, o referido passo retórico busca apresentar a visão geral da organização do artigo que, por sua vez, auxilia o leitor a antecipar os pontos temáticos que serão tratados. Para Motta-Roth e Hendges (2010), esta estratégia é usada para o leitor construir um enquadramento mental das seções, e que os autores organizam o texto em tópicos para facilitar a compreensão dos pontos temáticos.

Assim, a partir das discussões desta análise retórica das quinze seções de introdução de artigo da área de Linguística, verificamos que o nosso *corpus* está próximo do modelo de análise de Swales (1990) e de Silva, Bernardino e Valentim (2020), uma vez que a maioria dos passos encontrados estão descritos nos modelos, exceto o passo 7 “Apresentando a metodologia”. Desse modo, diante das análises

realizadas verificamos que os autores dos artigos constroem a introdução partindo da construção do objeto, contextualizando-o, apresentando uma problematização em torno dele por meio de literaturas prévias e, em seguida, estabelece um nicho que passam pelos contra-argumentos das pesquisas anteriores e os questionamentos e, por fim, ocupam um nicho em que apresentam os objetivos, a metodologia, culminando com a organização do artigo.

Feitas as observações quanto os passos retóricos, para melhor compreendemos o grau de recorrência, apresentamos os resultados em porcentagens das quinze seções de introdução dos artigos científicos da área de Linguística. Vejamos o gráfico abaixo:

Gráfico 1: Presença dos passos retóricos nas seções de introduções de artigos científicos da área de Linguística.



Fonte: Elaborado pelo autor

O gráfico permite visualizarmos, em termos percentuais, a ocorrência dos passos retóricos que compõe o nosso corpus. Observamos que o passo 1 “Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto” está presente em 60% do *corpus* analisado. Já os passos “Construindo problematização em torno do objeto por meio de discussão com literatura prévia, o

passo “Apresentando o objeto da pesquisa” e o passo “Indicando a estrutura do artigo se mostraram em 73% do *corpus*, enquanto o passo 4 “Apresentando argumentos contrários a pesquisas anteriores” ocorreu em 13% do *corpus* analisado.

Por outro lado, os passos “Apresentando questionamentos” e o passo “Apresentando a metodologia” aparecem em 40%. Quanto ao passo 6 “Apresentando os objetivos” ocorreu na maioria das seções de introdução com 93%. Isso nos leva a verificar que os autores dos artigos científicos da área de Linguística desenvolvem sua seção de introdução semelhante aos modelos metodológicos de Swales (1990) e de Silva, Bernadino e Valentim (2020).

Diante disso, a análise realizada nos mostram que há diferenças entre os modelos anteriores, nos revelando que os exemplares apresentam a presença e ausência de movimentos e passos retóricos descritos no modelo de Swales (1990) e de Silva, Bernadino e Valentim (2020). Nesta direção, visando reforçar os resultados, no quadro a seguir, comparamos essa informação em relação ao nosso *corpus* e aos esquemas das pesquisas que tomamos como base.

Quadro 8: Movimentos e passos retóricos presentes/ausentes em pesquisas prévias

| Movimentos retóricos Passos retóricos | Quantidade de ocorrências | Pesquisas prévias | |
|---|---------------------------|-------------------|-------------------------------------|
| | | Swales (1990) | Silva, Bernardino e Valentim (2020) |
| Movimento 1 Construir o objeto da pesquisa | | Ausente | Presente |
| Passo 1 Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto | 9/15 | Ausente | Presente |
| Passo 2 Construindo problematização em torno do objeto por meio de discussão com literatura prévia | 11/15 | Ausente | Presente |
| Passo 3 Apresentando objeto de pesquisa | 11/15 | Ausente | Presente |
| Movimento 2 Estabelecer um nicho | | Presente | Ausente |
| Passo 4 apresentando argumentos contrários a pesquisas anteriores | 2/15 | Presente | Ausente |
| Passo 5 Provocando questionamentos | 6/15 | Presente | Ausente |
| Movimento 3 Ocupar o nicho | | Presente | Ausente |
| Passo 6 Apresentando objetivos | 14/15 | Presente | Presente |
| Passo 7 Apresentando a metodologia | 6/15 | Ausente | Ausente |
| Passo 8 Indicando a estrutura do artigo | 11/15 | Presente | Presente |

Fonte: Elaborado pelo autor

Dentre os movimentos e passos analisados, verificamos que o movimento retórico 1 e seus respectivos passos retóricos estão presentes no modelo de Silva, Bernardino e Valentim (2020). Já os movimentos 2 e 3 notamos a presença no modelo de Swales (1990). Quanto ao passo 8 “Indicando a estrutura do artigo,” identificamos nos dois modelos. No entanto, este passo é descrito no modelo de Silva, Bernardino e Valentim (2020) como movimento retórico e no de Swales (1990) como passo retórico. Por outro lado o passo 7 “Apresentando a metodologia,” é ausente nos modelos, isso porque consideramos um passo novo descrito, no momento, em alguns exemplares do *corpus* desta pesquisa.

Assim, constatamos que a seção de introdução é o lugar apropriado para apresentar, resumidamente, a pesquisa como um todo, nos levando a concordar com Pereira (2012) no sentido de que as informações contidas na seção de introdução devem abrigar os pontos importantes para a compreensão da pesquisa, de modo a dar suporte ao objetivo da investigação. Assim como as estratégias retóricas utilizadas pelos autores na seção de introdução, eles lançam mãos de argumentos para construir a sua introdução. Sobre isso, discutiremos no próximo subtópico.

5.2 Descrição dos argumentos na seção de introdução

Ao tratarmos da organização retórica na seção de introdução em artigos da área de Linguística, no tópico anterior, observamos também a presença de argumentos utilizados pelos pesquisadores, os quais direcionamos nosso foco neste tópico. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 24), para que o orador consiga persuadir um auditório com pessoas diferenciadas pelo caráter, vínculos ou função, [...] “ele deverá utilizar argumentos múltiplos para conquistar os diversos elementos de seus auditórios” [...]. Com isso, as técnicas argumentativas se mostram fundamentais para a persuasão, resultando na escolha de argumentos para conseguir a adesão do outro.

Nas análises realizadas, identificamos elementos linguísticos que sinalizam a presença de tipos de argumentos na seção de introdução. Com isso, compreendemos que é comum os autores dos artigos utilizarem estratégias argumentativas para conseguir a adesão/simpatia dos seus leitores, uma vez que, segundo Charaudeau (2008), argumentar é uma prática discursiva em que o sujeito argumentante participa de uma dupla busca.

Em vista disso, a seguir, selecionamos do *corpus* analisado trechos que ilustram argumento de identidade e definição. Esse tipo de argumento consiste em definir um objeto em um certo contexto, em que é colocado em jogo para a discussão. Vejamos o exemplo:

Exemplo 26: Mas, além dessa migração forçada, a que se sujeitam os ditos “refugiados”, ***muitos se deslocam para outros países em busca de melhores condições de vida (oportunidades profissionais ou de estudo) e/ou para se juntarem a familiares já imigrados, constituindo, nesse caso, o que se costuma chamar de “migrantes econômicos” ou, simplesmente, migrantes*** (IL3).

No exemplo acima, identificamos a presença do argumento por definição que se enquadra na técnica de argumentos quase lógicos. Os autores do artigo apresentam o conceito do termo migrantes econômicos, cuja pesquisa gira em torno. Eles explicam para o leitor como se caracteriza um migrante econômico, que é aquele sujeito que se desloca para outro país em busca de melhores condições de vida. Esse trecho apresenta uma definição descritiva, isso ocorre porque os autores buscam identificar o conceito do objeto investigado, de modo que identifique o sentido da palavra (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2002).

No exemplo 27, verificamos a definição de dois objetos que se relacionam, a noção de acontecimentos discursivo e condições de emergência em que os autores tomam como base para sua pesquisa, uma vez que o artigo trata do discurso de candidatos das eleições presidenciais. Vejamos:

Exemplo 27: Amparando-se em pressupostos teóricos dos estudos do discurso, este artigo pretende mobilizar a ***noção de acontecimentos discursivo que está estreitamente ligada às condições de emergência, uma vez que é produzida a partir de um regime de enunciabilidade***. Segundo Foucault (1996b), todos os enunciados devem ser compreendidos como um acontecimento, visto que apresentam uma singularidade e, ao mesmo tempo, uma regularidade (IL4).

Neste exemplo, os autores ao explicarem tal conceito, apresentam uma relação entre “noção de acontecimentos discursivo” e “condições de emergência”, levando-nos a crer que a definição remete aos dois elementos, visto que um está estreitamente ligado ao outro. Nesse caso, temos uma definição normativa que,

segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), indica a maneira como a palavra deve ser entendida no discurso, resultando em uma regra a ser seguida por todos.

Em uma argumentação por definição o objeto é construído a partir de noções convocadas para dar a esse objeto materialidade linguístico-discursiva que precisa ser justificado (Fonseca, 2015). Assim como nos exemplos anteriores, o trecho abaixo, apresenta uma definição, cujo objeto definido é a educação. Ao explicar esse termo, os autores defendem a tese principal de seu artigo que é uma proposta de uma educação humanizadora sobre o Ensino de Língua Portuguesa e gêneros discursivos. Conforme vemos abaixo:

Exemplo 28: Cumpre lembrar que ***a educação, como direito humano***, sempre foi de primordial importância nos estudos desenvolvidos por Paulo Freire (1987, 1994, 1997) (IL7).

No exemplo 28, assim como no exemplo 27, temos uma definição normativa que se configura em uma regra a ser seguida, uma vez que os pesquisadores se apropriam de ideias do mestre Paulo Freire para sustentar sua definição sobre a educação “como direito humano”, afirmando que sempre foi de primordial importância dos estudos do referente autor. Desse modo, podemos perceber que os pesquisadores dos artigos acima definem o objeto do discurso a partir de um contexto, de modo que fique claro para o leitor as características desse objeto.

Identificamos também, em nossa análise, argumento de comparação, que consiste na ligação de dois objetos do discurso utilizados para estabelecer uma relação entre tais elementos, atribuindo suas qualidades e, especificando-o para o leitor. No trecho abaixo, observamos a presença desse argumento:

Exemplo 29: No entanto, ***estudos anteriores não mostraram informações sobre o deslocamento da língua durante a produção desses padrões silábicos***. Com base na literatura (VASSOLER; BERTI, 2018; OLIVEIRA; BERTI 2018) de que crianças apresentam maior uso da massa de língua em produções atípicas, resultando em maior deslocamento de língua e em maior duração (IL1).

No exemplo apresentado, ao citar pesquisas já existentes, os autores pretendem estabelecer uma relação com a sua pesquisa, de modo a corroborar e/ou refutar achados anteriores. Desse modo, eles estão comparando realidades distintas, uma vez que os autores apresentam duas pesquisas, fazendo uso da comparação por

oposição que, de acordo com Perelman e Olbrechts-tyteca (2002), a comparação também pode ser por oposição, já que os autores do artigo pretendem mostrar novos resultados que podem contrapor o estudo anterior. Nesse caso, a argumentação está apoiada nas informações das pesquisas já realizadas, bem como nos teóricos mencionados, já que, para argumentar, os autores utilizaram-se dessas informações.

O argumento seguinte busca estabelecer a comparação entre diferentes objetos, de modo a demonstrar as qualidades de igualdade ou desigualdade entre eles, já que os autores discutem tais objetos para chegar ao discurso e os seus efeitos de sentidos. Vejamos:

Exemplo 30: Antes, porém, de tentar responder a essas perguntas, julgamos importante discutir brevemente a ***relação complexa e movente que se estabelece entre a linguagem e o mundo, entre as palavras e os objetos/sujeitos*** que designam. É a partir dessa discussão que buscaremos chegar ao discurso e a seus (efeitos de) sentidos (IL3).

No exemplo 30, o argumento de comparação aparece na relação entre os termos “linguagem” e “mundo” e entre “palavras e os objetos/sujeitos”, em que os pesquisadores comparam os objetos em foco, mostrando ao leitor as qualidades entre eles para chegar a uma conclusão. Nesse caso, temos uma comparação de ordenamento que, segundo Perelman e Olbrechts-tyteca (2002), se configura na apresentação de um objeto com mais peso, ou seja, aquele que possui mais qualidade. Assim, a comparação tem o benefício de mediar dois objetos aos quais são atribuídas qualidades a eles, sendo que um pode apresentar um peso maior que outro.

No exemplo 31, assim como no 29, temos uma comparação por oposição em que os autores confrontam duas realidades, mostrando ao leitor as situações que acontecem em cada lado. Vejamos no trecho em destaque que eles apresentam dois objetos, de um lado os docentes e, do outro, os discentes para confrontá-los.

Exemplo 31: Situações de opressão são comuns na prática educativa, considerando um momento de distanciamento em função da pandemia, o que acarreta diferentes metodologias não necessariamente alicerçadas para promover a construção do conhecimento. ***Ou seja, de um lado, os docentes encontram-se numa situação de opressão tendo de cumprir horas e horas de trabalho para ministrar as aulas; de outro, os alunos se encontram na condição de “oprimidos” frente à realidade das aulas, uma vez que o ensino remoto nem sempre facilita a interação professor-aluno*** (IL7).

O argumento de comparação por oposição, neste trecho, busca comparar realidades opostas: de um lado temos a situação dos docentes que se encontram na condição de opressão por cumprir horas e horas de trabalhos e, do outro os discentes por estarem em situações de oprimidos diante do ensino remoto. Nesse caso, para conseguir a adesão dos leitores, os autores tentam apontar fragilidades dos dois lados, uma vez que as situações de opressão se tornaram comuns na prática educativa no período da pandemia.

No processo argumentativo, os argumentos quase lógicos são de natureza demonstrativa e conclusiva, visto que nos valem das coisas possíveis, plausíveis e prováveis que buscam a adesão, mostrando credibilidade dos argumentos ao auditório. Dessa forma, destacamos o argumento de probabilidade, cuja explicação se apresenta a partir da concretude dos fatos e na probabilidade da concretização deles. Os trechos abaixo apresentam um exemplo desse tipo de argumento.

Exemplo 32: Conforme os resultados do SAEB 2017, em Língua Portuguesa e Matemática, nos anos iniciais, não diferente dos anteriores, **5,94 é a média padronizada das escolas públicas, com pouco acréscimo em relação a 2015 (5,74). O IDEB 2017, nas escolas públicas, nos anos iniciais foram 5,5 e, nos anos finais, 4,4. Em 2015, nesse mesmo âmbito, o resultado foi de 5,3 nos anos iniciais, e 4,2 nos anos finais, indicando um crescimento muito discreto (IL2).**

Neste trecho, o argumento está em torno das médias que correspondem aos resultados não satisfatórios das provas de Língua Portuguesa e Matemática realizado pela SAEB para medir o IDEB nas escolas públicas. Para buscar a adesão do leitor e mostrar os resultados, os pesquisadores utilizam-se do argumento de probabilidade. Notamos que, no trecho acima, eles valem-se dos números para sustentar seu argumento, uma vez que esse tipo de argumento se fundamenta pela lógica quantitativa. Desse modo, a argumentação está apoiada na veracidade dos dados reais, informações oficiais que estão registradas em banco de dados qualificados, nesse caso o SAEB e o IDEB.

O argumento de probabilidade está fundamentado numa lógica quantitativa, fazendo apelo aos números como vimos no exemplo 32. Por outro lado, argumentar por probabilidade acarreta redução dos dados, ou seja, quando não pretende quantificá-los (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002), sendo identificados apenas pela afirmação ou negação das informações. O exemplo abaixo, refere-se a um argumento

de probabilidade que não apresenta dados quantitativos, fazendo uso apenas das informações dadas como verdade.

Exemplo 33: *Que estratégias foram empregadas nas duas últimas campanhas eleitorais presidenciais ocorridas no Brasil nos anos de 2014 e de 2018, para serem consideradas tão violentas? A estratégia da docilidade foi substituída pela da agressividade? Os candidatos da campanha de 2014 recorreram a estratégias para afastarem de si as formas de agressão e aproximarem-se das formas harmoniosas que seriam condizentes com a eficiência, o equilíbrio e o governo de si (FOUCAULT, 2010)?* (IL4).

No exemplo acima, observamos que os pesquisadores partem dos questionamentos os quais remetem aos fatos que ocorreram nos anos eleitorais de 2014 e 2018. Ao mesmo tempo que trazem esses questionamentos, eles afirmam que tais fatos ocorreram. Esse aspecto é evidenciado quando fazem o seguinte questionamento “que estratégias foram empregadas nas duas últimas campanhas eleitorais presidenciais ocorridas no Brasil nos anos de 2014 e de 2018, para serem consideradas tão violentas?” Os autores fazem usos dos acontecimentos destes dois anos para construir sua argumentação. Assim, o argumento de probabilidade é utilizado para constatar que, durante as eleições presidenciais dos anos de 2014 e 2018, os candidatos utilizaram diferentes estratégias em prol de si mesmo e de agressão ao seu adversário.

Ao citar tais perguntas, os autores recorrem a dados reais que fundamentam sua argumentação, assegurando ao leitor que sua tese está sendo sustentada pelos fatos comprovados. Diante disso, de acordo com as informações apresentadas, a probabilidade de ter existido as agressões entre os candidatos, tem resultado afirmativo. Isso ocorre porque as eleições dos respectivos anos, o índice de agressão entre os candidatos foram frequentes.

O argumento de probabilidade é considerado irrefutável, uma vez que são argumentos com forte carga persuasiva e são comprovados por meio dos fatos, sendo mais difícil de serem negados pelo interlocutor. Como observamos nos exemplos acima, dos argumentos de probabilidade, os autores apresentam os dados com base nas informações de duas instituições com credibilidade, no exemplo 32, e o outro, pelos fatos que são levantados no decorrer do texto, exemplo 33.

No que se refere a técnica argumentativa dos argumentos baseados na estrutura do real, em nosso *corpus*, identificamos a presença do argumento por

vínculo causal e por autoridade. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), o argumento por vínculo causal ocorre quando o orador relaciona dois acontecimentos e evidencia o efeito que dele pode causar. A seguir, apresentamos trechos que exemplificam essa afirmação.

Exemplo 34: Este trabalho aborda, *no contexto dos estilos de aprendizagem, como as preferências sensoriais (visual, auditiva, cinestésica e tátil) (OXFORD, 1990, 2003) podem orientar estratégias de uso de dicionários para o ensino de vocabulário* no contexto do ensino de português como língua materna (PLM) e não materna (PLNM) (IL5).

Diante do excerto acima, o pesquisador constrói a sua tese por meio do argumento de vínculo causal. Ele estabelece um vínculo entre os termos “estilos de aprendizagem” e o “uso do dicionário”, assegurando para o leitor que no contexto de estilos de aprendizagem pode apresentar um efeito favorável ao uso do dicionário para o ensino. Ao utilizar esse tipo de argumento, o orador faz uma relação de causa e efeito, fazendo com que um argumento apareça por condição da existência do outro.

Como no exemplo acima, em que os estilos de aprendizagem podem resultar em boas estratégias quanto ao uso do dicionário, no exemplo abaixo, o vínculo causal aparece entre a pedagogia freiriana e os estudos da Linguística Aplicada Crítica, em que observamos que a pedagogia de Paulo Freire pode ajudar a refletir sobre os estudos da Linguística Aplicada Crítica.

Exemplo 35: Para este artigo, busca-se responder a algumas questões acerca do ensino de língua portuguesa em tempo de crise. Por que falar de Freire, no caso específico da educação, durante a pandemia? ***Quais desafios pandêmicos a LAC e a pedagogia freiriana nos ajudam a superar, especialmente em se tratando de tecnologia e multimodalidade? Em que medida a pandemia traz reflexos à aprendizagem do aluno pelo novo formato de aula on-line? Qual a importância de uma educação humanizadora no contexto da pandemia?*** (IL7).

No exemplo 35, os questionamentos apontam para um vínculo causal. Isso ocorre quando os autores da introdução questionam por que é tão importante discutir as propostas de Freire durante a pandemia e como os desafios da pandemia a LAC e a pedagogia freiriana podem ajudar a superar a tecnologia e a multimodalidade, bem como os efeitos de uma educação humanizadora no contexto da pandemia, assim, apresentando os estudos de Freire como principal causa para realizar esses efeitos.

De acordo com Fiorin (2018), expor a causa de um fenômeno é uma forma de argumentar. Diante disso, o argumento de vínculo causal busca estabelecer uma relação entre dois fatos, em que um acontecimento ocorre em decorrência de outro. Esse tipo de estratégia é caracterizada pela defesa de uma ação, levando em consideração o efeito que dela pode produzir.

Nesse sentido, percebemos que os autores dos artigos, para produzirem efeito de um determinado objeto, apresentam um acontecimento, cuja causa vai em direção aos seus efeitos. Conforme os exemplos 34 e 35, em que eles evidenciam a relação de ligação entre dois acontecimentos, sendo um causado pela existência de outro. Portanto, para conseguir a adesão à tese, os autores estabelecem os meios de ligações entre os objetos, determinando a relação de efeito entre eles.

Na sequência, apresentamos trechos de argumentos de autoridade que consistem em convocar a palavra de outros para sustentar um ponto de vista sobre um determinado assunto. Desse modo, o sujeito argumentante vale-se dessa estratégia para ganhar a credibilidade do seu interlocutor, uma vez que ele chama para o discurso a voz de uma pessoa com mais experiência no assunto abordado para defender a sua tese e, assim, legitimar o discurso.

Exemplo 36: Desse modo, por meio da análise e descrição dos enunciados, das práticas discursivas, poderemos encontrar as transformações, a novidade, o acontecimento. E ao descrever o acontecimento, veremos quais são as condições de emergência **“que determinam a materialidade própria do enunciado”** (CASTRO, 2009, p. 25) (IL4).

Neste exemplo, observamos que os autores do artigo iniciam a sua argumentação, apresentando a proposta do estudo. A tese defendida pelos autores é analisar os enunciados e as práticas discursivas dos pequenos acontecimentos que ora suspendem, ora intensificam a agressão no modo de dizer. Para legitimar seu argumento os autores apresentam a fala de Castro (2009, p. 25), a fim de mostrar ao leitor que seu trabalho tem prestígio e está fundamentado com uma autoridade da área a ser tratado na pesquisa. Nesse tipo de argumento, o sujeito argumentante apoia-se no discurso de uma autoridade ou especialista respeitado da área.

No exemplo 37, os autores do artigo introduzem em seu texto duas autoridades para sustentar a tese defendida em sua pesquisa. Observamos que a tese defendida está relacionada com os estudos dos teóricos mencionados, por isso que os autores do artigo os convocam para o estudo apresentado.

Exemplo 37: *É importante considerar, neste ponto, que, ao falarmos de “primazia da palavra frente a outros tipos de signos” e em “lugar ímpar para a língua, em face dos outros sistemas de signos”, estamos, com base em Volóchinov (2018a) e Benveniste (2006b) – respectivamente –, dando destaque a propriedades que, no conjunto dos sistemas de signos, são exclusivas da língua (IL12).*

No exemplo acima, os pesquisadores, para melhor fundamentar a sua tese, apresentam, de início, a fala de dois teóricos basilares para a sua pesquisa para sustentar o seu argumento. Notamos que ao defender a tese de que, a primazia da palavra frente a outros tipos de signos e em lugar ímpar para a língua, os autores recorrem a Volóchinov (2018a) e a Benveniste (2006b) teóricos com prestígio na área da linguagem. Desse modo, a argumentação busca validar a fala do outro, reconhecendo-a como autoridade importante do texto.

Os argumentos de autoridade estão ligados a técnica argumentativa dos argumentos baseados na estrutura do real que implicam a realidade e a aproximação dos objetos (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2002). Para defender seu ponto de vista, o sujeito que argumenta busca convencer o seu interlocutor com base na autoridade de quem enuncia para o campo da pesquisa.

No exemplo 38, para justificar a tese de que o efeito de sentido pode alterar com a mudança da mídia, os autores validam o seu argumento citando um pesquisador da área. No exemplo, a tese defendida afirma que a mudança de suporte implica a alteração do sentido de um dado texto e com isso o estudo apresentado considera relevante discutir sobre a mídia.

Exemplo 38: Com efeito, não é incomum pré-admitirmos que a mudança de suporte implica necessariamente uma alteração no sentido, sem que isso fique explicitado na análise. Desse modo, pela demonstração de como os efeitos de sentido se alteram com a mudança de mídia, atrelamos a relevância da discussão sobre a mídia – ***“toda imagem deve ser analisada a partir do médium, isto é, do suporte material que é o seu” (COURTINE, 2013, p. 43)*** – a uma reflexão sobre o funcionamento do discurso (IL14).

Neste exemplo, observamos que os autores pontuam que o seu trabalho irá pesquisar “a relação entre sentido e produto de mídia”, lançando mão de uma citação direta para validar a sua tese e conseguir a adesão do interlocutor. Esta estratégia argumentativa consiste em apresentar no texto a voz de outro indivíduo que seja confiável e experiente na temática apresentada. Com isso, os autores supõem que o leitor reconhece a citação mencionada, uma vez que a autoridade é reconhecida por uma área específica.

Posto isto, notamos que a seção de introdução é composta de tipos de argumentos, os quais são utilizados pelos autores dos artigos para defender a tese e para buscar promover a sua pesquisa. Além disso, com base nas discussões dos tipos de argumentos, percebemos que os autores também usam de operadores argumentativos para a construção da argumentação, assim, confirmando a nossa hipótese de que os autores do artigo científico ao usarem os tipos de argumentos lançam mão de operadores argumentativos. Sobre isso, discutiremos no próximo subtópico.

5.2.1 Os operadores argumentativos

Após tratarmos dos tipos de argumentos na seção de introdução de artigo científico da área de Linguística no tópico anterior, seguimos, neste subtópico, para as análises dos operadores argumentativos com base nos estudos de Koch e Elias (2021) e Koch (1987). Assim, verificaremos em que medida os autores dos artigos científicos utilizam tais operadores para marcar a argumentação e direcionar o sentido do enunciado em relação aos tipos de argumentos. Nesse sentido, observamos que a combinação entre tipos de argumentos e operadores argumentativos são estratégias que indicam a força argumentativa dos enunciados para uma conclusão.

Desse modo, apresentamos, a seguir, uma tabela com os principais operadores argumentativos encontrados nos tipos de argumentos presentes nas seções analisadas.

Tabela 1: Operadores argumentativos utilizados nos argumentos

| Tipos de argumentos | Operadores argumentativos |
|-------------------------------------|--|
| Argumento de identidade e definição | Para tanto, mas, embora, e, ou seja, não como, também, ainda, além dessa, muito, nesse caso, ou...ou, uma vez que, entretanto, visto que, assim, portanto. |
| Argumento de comparação | No entanto, e, porém, também, ou seja, uma vez que, um pouco, como, assim sendo, portanto, já que, bem como, mas. |
| Argumento de probabilidade | E, pouco, uma vez que, ademais, então. |
| Argumento de vínculo causal | Como, e, por isso, mas como, tal que, que, apesar de, inclusive, nesse sentido. |
| Argumento de autoridade | Ora, assim, desse modo, e, porém, mas, isto posto, desse modo, portanto, apesar de, inclusive, ainda, nesse sentido, diante disso, como. |

Fonte: Elaborada pelo autor

A tabela apresentada mostra a presença dos operadores argumentativos nos tipos de argumentos. Com base nisso, percebemos que há uma heterogeneidade em cada operador usado pelos autores, ou seja, existem várias manifestações de operadores em um único enunciado, desempenhando diferentes funções quanto ao seu uso e, assim, direcionando o leitor quanto ao sentido do texto. É importante destacar que o operador “e” que somam argumentos para uma mesma conclusão é utilizado com mais frequência.

Por outro lado, os operadores que estabelecem relação de comparação aparecem com menor frequência. Sendo que, os argumentos com maior quantidade de operadores argumentativos são de identidade e definição e de autoridade. Para exemplificar essa afirmação, apresentamos trechos dos textos em que os operadores aparecem com maior frequência.

Os exemplos abaixo correspondem ao argumento por identidade e definição, observamos que os autores dos artigos usam diferentes marcadores com valor semântico de adição, os operadores “assim”, “além do”, “não como”, “também” “mas como”, “e”, são os que aparecem nos trechos. Vejamos:

Exemplo 39: Fundamentam nossa análise os escritos de Bakhtin (1993, 2016) e de Volóchinov (2018, 2019). **Assim, além do** conceito de gêneros do discurso, assumimos que todo uso da palavra é permeado pelo outro **e, portanto**, determinado por valores sociais, históricos **e** ideológicos, pensamento partilhado pelos integrantes do Círculo (IL12).

No exemplo 39, após o início do parágrafo, os autores usam os operadores “assim” e “além do” em sequência, estabelecendo uma relação de adição com o propósito de enfatizar o termo seguinte “o conceito de gênero”. Observamos que ao utilizarem os operadores “e” e “portanto”, na sequência, eles acrescentam um enunciado ao mesmo tempo, que concluem. O operador “e” adiciona mais termo no enunciado, com a intenção de direcionar o leitor à conclusão de que o uso da palavra é permeado pelo outro e que determina valores históricos e ideológico.

Nesse caso, a argumentação direciona o leitor para uma conclusão, a definição de gênero. Assim, constatamos que os autores constroem seu argumento lançando mão dos operadores argumentativos que somam para uma mesma conclusão, havendo a presença do operador “portanto”, que assume a função de conclusão do enunciado. Nesse sentido, caso o operador conclusivo “portanto” fosse retirado do enunciado, não havia alteração no sentido, uma vez que o marcador argumentativo “e” mantém relação com o enunciado anterior.

No exemplo seguinte, os operadores contribuem para a definição da expressão singularidade, levando à tese defendida pelo autor do artigo. Os argumentos defendem a tese de que a singularidade é determinada a partir de uma situação única, de tempo-espaço único e concreto que se encontra o sujeito. Vejamos no trecho.

Exemplo 40: Um dos conceitos centrais em *Para uma filosofia do ato responsável* é o de *singularidade*, mobilizado por Bakhtin para expor suas reflexões sobre o dever **não como** princípio universal, **mas como** determinado justamente a partir de uma situação única **e** de um tempo-espaço **também** único **e** concreto no qual se encontra o sujeito (que é igualmente único), **ou seja**, a partir de uma conjuntura e de um sujeito singular (IL15).

Para defender a tese que gira em torno do termo “singularidade”, o autor lança mão dos operadores que apresentam valor semântico de adição. O operador “não como” marca uma relação de adição, acrescentando ao enunciado um segundo argumento com valor negativo em relação ao primeiro. Os operadores “mas como”, “também” e “e” ligam os argumentos do mesmo valor semântico para uma mesma direção. Com base nisso, Koch (1987) afirma que esses marcadores argumentativos pressupõem uma intenção do orador de considerar o primeiro argumento, atribuindo-lhe exclusividade para uma conclusão. Já o operador “ou seja” foi utilizado para esclarecer e dar uma explicação adicional em relação ao conteúdo em questão.

A seguir, analisaremos trechos que correspondem ao argumento de comparação. A reflexão teórica de Perelman e Olbrecht-Tyteca (2002) apontam que os argumentos de comparação são apresentados para constatar um fato, sinalizando a relação de igualdade ou desigualdade entre os objetos.

Exemplo 41: Antes, **porém**, de tentar responder a essas perguntas, julgamos importante discutir brevemente a relação complexa e movente que se estabelece entre a linguagem e o mundo, entre as palavras e os objetos/sujeitos que designam. É a partir dessa discussão que buscaremos chegar ao discurso e a seus (efeitos de) sentidos (IL3).

Observamos, no exemplo citado, que os pesquisadores usam o operador “porém” para dar ênfase a uma ação que será realizada antes de outra. Eles afirmam que é pertinente discutir a relação complexa e movente entre os termos linguagem e o mundo, entre as palavras e os objetos/sujeitos, apontando uma comparação entre os objetos. Nesse caso, o operador fortalece o argumento dos autores de que a ação realizada antes, é importante para a pesquisa apresentada e com essa ação chegaram ao discurso e seus efeitos de sentido.

No trecho a seguir, os autores do artigo usam diferentes operadores argumentativos, exercendo funções variadas quanto ao sentido, sendo que há repetição do operador “portanto”, cuja função, muitas vezes, é para enfatizar uma ação realizada na pesquisa. Vejamos:

Exemplo 42: Não se trata, **portanto**, apenas de efetuar uma revisão epistemológica, em que se esmiúça cada parte da estrutura desse objeto em busca de essências. Trata-se, antes, de um retorno contemplativo, no sentido filosófico do termo, em que nos colocamos diante do objeto língua não para decompô-la em formas dispostas para usos, **mas** para enxergar o *homem na língua*. Isso é a *episteme*, lugar em que neste artigo pretendemos nos colocar, **já que** buscamos em certo sentido não repisar os conceitos, as informações apreendidas dos estudos de Saussure e Bakhtin, os dois estudiosos em diálogo neste estudo. Buscamos desvelar o que é transversal aos dois pensadores, em um esforço de antecipar as concepções de língua(gem) neles presentes, a fim de lançarmos reflexões sobre esse importante objeto que nos constitui como humanos. É, **portanto**, a mesma direção conceitual de *episteme* em perspectiva foucaultiana, como se verá mais adiante (IL14).

Observamos que no primeiro uso do operador “portanto”, os autores enfatizam uma ação do seu trabalho de que não se trata apenas de uma revisão epistemológica,

mas de um retorno contemplativo diante do objeto língua. O trecho direciona o leitor ao assunto abordado no artigo. Em relação à segunda marcação desse operador, observamos a conclusão de todo o parágrafo, direcionando o leitor para a intenção pretendida do enunciado. Posto isto, de acordo com Koch e Elias (2021), os operadores de conclusão introduzem um enunciado de valor conclusivo em relação a dois ou mais atos de fala anteriores.

Já o operador argumentativo “mas” coordena dois enunciados, sendo que o segundo se opõe ao primeiro, usado como estratégia de eliminação do argumento anterior, isto é, uma quebra de expectativa criada no leitor (Koch e Elias, 2021). Enquanto o operador “já que” introduz um enunciado explicativo ao anterior, nesse caso, ao termo episteme. Dessa forma, os autores acrescentam um novo argumento de que o artigo não pretende repetir as mesmas informações dos estudiosos Saussure e Bakhtin sobre o tema investigado, mas desvelar o que é transversal nos dois pensadores ao ponto de trazer novas reflexões do objeto língua.

Outro aspecto identificado no argumento de comparação são os operadores argumentativos, que em uma escala argumentativa, funcionam para a afirmação da totalidade, bem como aqueles que são considerados explicativos e que a partir desses operadores é possível chegar a uma conclusão da tese defendida. Analisemos o exemplo a seguir:

Exemplos 43: Para acrescentar um pouco mais de complexidade a esse panorama, é produtivo abordarmos um discurso que costuma gerar não raras discordâncias e polêmicas: o religioso cristão. Vivemos em uma sociedade dividida por diversas crenças e práticas religiosas. Algumas restringem-se a pequenos grupos de adeptos, enquanto outras abarcam uma grande parcela da população mundial, como é o caso do cristianismo, considerada uma das religiões com o maior número de fiéis no mundo (IL15).

Diante do trecho acima, identificamos argumento de comparação, uma vez que o autor do artigo busca abordar as discordâncias e as polêmicas do discurso religioso cristão, defendendo que há religiões que se restringem a poucos fiéis e outras com um número maior. Em relação aos operadores argumentativos destacados no exemplo, é importante destacar a presença do operador “um pouco” devido seu sentido no texto, pois ele funciona numa escala orientada para a afirmação do todo (Koch; Elias, 2021) e (Koch, 1987).

Assim sendo, o operador “um pouco” no trecho contribui para a sequência do texto e para afirmar que o discurso religioso cristão é complexo e apresenta discordância e polêmica. O operador “que” é usado com a função de explicar e limitar o sentido do enunciado anterior, nesse caso, a palavra discurso. Além disso, o operador “e” introduzido indica a inclusão dos termos “polêmicas” e “práticas religiosas”, direcionando para o objeto de estudo que é o discurso religioso cristão. Já o operador “como” cumpre a função de enfatizar o termo cristianismo, ao mesmo tempo que tenta explicá-lo, quando argumenta que é “considerado uma das religiões com o maior número de fiéis no mundo”.

No próximo exemplo, apresentamos um argumento de vínculo causal, em que o autor do artigo busca criar uma relação entre dois objetos, sendo um causado pela existência do outro. No trecho que segue, aborda o objeto da pesquisa, que gira em torno dos estilos de aprendizagem, cuja ação aponta para uma melhoria no ensino de português.

Exemplo 44: Este trabalho aborda, no contexto dos estilos de aprendizagem, **como** as preferências sensoriais (visual, auditiva, cinestésica e tátil) (OXFORD, 1990, 2003) podem orientar estratégias de uso de dicionários para o ensino de vocabulário no contexto do ensino de português como língua materna (PLM) e não materna (PLNM) (IL5).

No exemplo 44, identificamos a presença do operador argumentativo “como”, cuja função é de causa, uma vez que ele aponta para as preferências sensoriais no contexto dos estilos de aprendizagem, assim, causando um efeito. Isso ocorre quando o autor do artigo argumenta que trabalhar com as preferências sensoriais podem causar um efeito positivo no ensino de português, que é a orientação de estratégias de uso de dicionário.

O trecho abaixo também representa argumento de vínculo causal, uma vez que os autores do artigo defendem que a obra bakhtiniana “Para uma filosofia do ato responsável” cumpre a função de um projeto de filosofia moral e auxilia na produção posterior do Círculo de Bakhtin. Desse modo, a argumentação leva o leitor a compreender o sentido da pesquisa, direcionando-o a conclusão de que os conceitos da obra de Bakhtin possibilitam e auxiliam a pensar outros conceitos da teoria dialógica do discurso.

Exemplo 45: Apesar de a teoria bakhtiniana ter passado a integrar e subsidiar diversas discussões sobre a linguagem, compondo, inclusive, parte da grade curricular dos cursos de Letras e dos documentos oficiais que orientam e regulam a educação no país, há uma obra inicial de Bakhtin que permanece ainda pouco explorada no contexto brasileiro: *Para uma filosofia do ato responsável*, escrita entre 1920 e 1924 e publicada postumamente. Entre os que se dedicaram a estudá-la, uma das chaves de leitura é de que tal obra cumpra a função de um projeto de filosofia moral (SOBRAL, 2008a; BUBNOVA, 2013) que guia a produção posterior do Círculo de Bakhtin, perspectiva que adotamos neste estudo. Nesse sentido, entendemos que esse projeto inicial é empreendido na produção subsequente bakhtiniana, de forma que os conceitos nele contidos possibilitem e auxiliem a pensar outros conceitos da teoria dialógica do discurso (IL15).

Em relação aos operadores argumentativos neste exemplo, observamos que há variados e com diferentes sentidos. Para alcançar o propósito comunicativo, os autores configuram a orientação argumentativa por meio do operador “apesar de”, que busca contrapor o enunciado seguinte à teoria bakhtiniana, ao mesmo tempo que tentam enfatizá-lo, usando o operador “inclusive”, que em uma escala argumentativa, indica argumento mais forte (Koch; Elias, 2021), pois a teoria bakhtiniana está presente na grade curricular dos cursos de Letras e dos documentos oficiais.

Por outro lado, o operador “ainda pouco” é usado para introduzir um argumento a favor de uma determinada conclusão (Koch, 1987), exercendo uma função afirmativa de que há uma obra de Bakhtin que foi pouco explorada no contexto brasileiro. Já o operador “que tal” justifica a importância de estudar a obra bakhtiniana, enquanto o operador “que” justifica, ao mesmo tempo que aponta a causa do estudo da obra de bakhtiniana. O uso do operador “nesse sentido” adiciona enunciados para a conclusão da tese inicial justificados com a presença do operador “que”, explicando a importância do projeto inicial, bem como o uso do “de forma que”, estabelecendo uma ligação entre os enunciados em favor de uma conclusão.

Na sequência, no exemplo 46, analisamos um argumento de probabilidade em que os autores do artigo recorrem aos dados matemáticos para argumentar e mostrar algo concreto sem a possibilidade de serem contestados. Neste argumento identificamos a presença de operador que orienta o sentido de negação de totalidade.

Exemplo 46: Em 2017, nos anos finais, a pontuação de Língua Portuguesa foi 253,74, superando **pouco** o resultado de 2015 (247,33). Em relação à média padronizada de Língua Portuguesa e Matemática, o resultado de 2017 (5,09) apresentou uma evolução **muito** pequena em relação a 2015 (4,97). O IDEB 2017, nas escolas públicas, nos anos iniciais foram 5,5 e, nos anos finais, 4,4. Em 2015, nesse mesmo âmbito, o resultado foi de 5,3 nos anos iniciais, e 4,2 nos anos finais, indicando um crescimento muito discreto (IL2).

No exemplo citado, a tese apresenta corresponde aos resultados das provas no âmbito nacional e estadual em Língua Portuguesa e Matemática, conforme o SAEB. O uso do operador argumentativo “pouco”, de acordo com Koch e Elias (2021), funciona numa escala para negar o todo. Nesse caso, o operador visa informar um pequeno aumento entre os resultados de 2017 e 2015, sendo confirmado com a uso do operador “muito”, reforçando a ideia do enunciado anterior. Assim, constatamos que o uso desses operadores visam dar ênfase aos dados empregados pelo SAEB.

No excerto, a seguir, passamos para a discussão dos operadores argumentativos identificados no argumento de autoridade. Esse tipo de argumento visa unir enunciados dito por uma autoridade considerada apta a emitir juízo de valor em relação ao objeto discutido. Nesse caso, a tese defendida tenta trazer o conceito de discursividade e transversalidade para criar possibilidade de diálogo entre Saussure e Bakhtin em relação ao objeto língua.

Exemplo 47: Diante disso, nós o enxergamos como fundador de discursividade, no sentido foucaultiano de conceber o autor – e sua autoria – tendo em vista, *a priori*, a voz de um autor que ressoa no conjunto da obra, que a atravessa. Essa transversalidade, **como** nos esclarece Arán (2014), perpassa a produção do Círculo nos três períodos de produção científica (IL13).

Neste exemplo, observamos a ênfase que os autores do artigo dão aos teóricos mencionados para discutir o conceito de discursividade e transversalidade em seu trabalho. Para isso, mobilizam o operador argumentativo “diante disso”, que tem a função de sintetizar o enunciado anterior e seguir no sentido do texto e, assim, acrescentando outros enunciados. Já o operador “como” indica um argumento de comprovação, isto é, a forma como o termo transversalidade é defendido por Arán (2014) para dar sequência ao texto.

Tendo em vista as discussões dos exemplos apresentados constatamos que os operadores argumentativos, em alguns casos, têm valor e uso semântico diferentes

dos quais, geralmente, são definidos e, assim, [...] “estabelecendo novas relações de sentido em função das intenções dos falantes” (Vieira, 2013, p. 146). Assim sendo, percebemos que o uso dos operadores argumentativos é uma atividade argumentativa que possibilita a estrutura e a continuidade do texto, uma vez que tais elementos são responsáveis pela articulação dos parágrafos e dos enunciados, exercendo relações pragmáticas, retóricas ou argumentativa (Koch; Elias, 2021).

5.3 Argumentação e organização retórica: uma relação possível

O ato argumentativo é um processo comunicativo que envolve sujeitos em um jogo de posições: de um lado quem profere o discurso, neste o caso, o orador, do outro lado quem ouve, representado pelo auditório. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), a argumentação se dá em um acordo que pode ocorrer por um processo de ligação e de dissociação. Esse acordo tem por objeto o conteúdo da premissa, as ligações particulares e como são servidas essas ligações. Nesse caso, o orador utiliza-se das premissas que servirão para a construção da sua tese.

Diante disso, nesta seção, apontarmos a relação entre a organização retórica e os tipos de argumentos encontrados na seção de introdução descritos nos itens 5.1 e 5.2. Buscamos uma aproximação entre a análise da organização retórica e a análise da argumentação desta seção, uma vez que a finalidade de quem escreve a seção de introdução é argumentar em favor de uma tese, neste caso, apresentar e justificar a pesquisa, buscando fazer com que o leitor tenha interesse pelo estudo apresentado.

Assim, identificamos, em alguns trechos, que correspondem a presença dos movimentos e passos retóricos, há tipos de argumentos, dando base para dialogar com as teorias da Análise de Gênero e a Argumentação, ao mesmo tempo que confirmamos as nossas hipóteses de que os autores dos artigos científicos, ao desenvolverem seu texto, utilizam estratégias retóricas e argumentativa para promover o texto/pesquisa e de que os passos retóricos apresentam relações com os argumentos. Posto isto, a tabela abaixo mostra em quais passos retóricos encontramos os argumentos.

Tabela 2: Relação entre construção retórica e tipos de argumentos

| Movimentos e passos retóricos | Tipos de argumentos |
|---|---|
| Movimento 1 Construir o objeto da pesquisa | |
| Passo 1 Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto | Argumento de identidade e definição Argumento de comparação Argumento de probabilidade Argumento de autoridade |
| Passo 2 Construindo problematização em torno do objeto por meio de discussão com literatura prévia | Argumento de identidade e definição Argumento de comparação Argumento de autoridade |
| Passo 3 Apresentando objeto de pesquisa | Argumento de identidade e definição Argumento de vínculo causal Argumento de autoridade |
| Movimento 2 Estabelecer um nicho | |
| Passo 4 apresentando argumentos contrários a pesquisas anteriores | Argumento de comparação Argumento de autoridade |
| Passo 5 Provocando questionamentos | Argumento de comparação Argumento de probabilidade Argumento de vínculo causal |
| Movimento 3 Ocupar o nicho | |
| Passo 6 Apresentando objetivos | Argumento de comparação Argumento de autoridade |
| Passo 7 Apresentando a metodologia | Argumento de vínculo causal |
| Passo 8 Indicando a estrutura do artigo | Argumento de identidade e definição Argumento de comparação Argumento de autoridade |

Fonte: elaborado pelo autor

Com base na tabela 2, observamos uma relação significativa entre os tipos de argumentos e os passos retóricos. Isso nos leva a constatar que essa relação é comum na organização do texto, uma vez que os autores utilizam de estratégias argumentativas para orientar o leitor em prol da defesa de sua tese e dos propósitos pretendidos. Desse modo, a escolha dos argumentos e da organização retórica desempenham um papel importante para a estrutura do texto, já que eles estão aliados para atender os propósitos comunicativos esperados na seção.

No passo 1 “Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto” encontramos argumentos de identidade e definição, de comparação, de probabilidade e de autoridade. Neste passo, os autores constroem o cenário histórico e social que o objeto investigado é tomado para a discussão. Vejamos o trecho:

Exemplo 48: A crise de Covid-19 deixou clara a existência, por muitas vezes, fútil e precária de nossas vidas. Permitiu-nos entender quão dissociados da realidade e de uma cosmovisão estamos. [...]. No momento, impera uma atitude de quase total desrespeito pelas mais de 525 mil vidas perdidas em um momento de mentiras e de corrupção [...]. Ademais, entendemos a ausência de cuidado com o viver, como explica Butler (2020, fala em live, tradução nossa): “Se buscarmos consertar o mundo ou o planeta, então ele deve ser libertado da economia de mercado que lucra com sua distribuição de vida e morte” (IL7).

No exemplo citado, temos argumento de comparação por oposição identificado na sentença “a crise de Covid-19 deixou clara a existência, por muitas vezes, fútil e precária de nossas vidas. Permitiu-nos entender quão dissociados da realidade e de uma cosmovisão estamos”, na qual os autores do artigo comparam a qualidade de vida antes e depois da crise da Covid 19. Com isso, observamos que os autores apresentam duas realidades, cuja intenção é mostrar como a população vivia antes e depois da pandemia, fazendo transferência de uma realidade para a outra. Além disso, verificamos argumentos de probabilidade manifestados pelos números de mortes ocorridas durante a pandemia da Covid 19, bem como argumento de autoridade identificado na citação direta.

Já o trecho abaixo representa a combinação entre o passo retórico 2 “Construindo problematização em torno do objeto através de discussão com literatura prévia” e os argumentos de identidade e definição e de autoridade. Este passo tem como função descrever as literaturas prévias que estão próximas ao objeto investigado.

Exemplo 49: Fundamentam nossa análise os escritos de Bakhtin (1993, 2016) e de Volóchinov (2018, 2019). Assim, além do conceito de gêneros do discurso, assumimos que todo uso da palavra é permeado pelo outro e, portanto, determinado por valores sociais, históricos e ideológicos, pensamento partilhado pelos integrantes do Círculo. **Mais especificamente, adotamos o pressuposto de que o gênero (seu conteúdo temático, construção composicional e estilo) é determinado por uma unidade construtiva, por uma forma arquitetônica (IL12).**

De acordo com o exemplo acima, observamos que o passo 2 se manifesta quando os pesquisadores introduzem no parágrafo as pesquisas prévias que se relacionam com a pesquisa atual, construindo um argumento de autoridade. Nesse caso, os autores apresentam os teóricos basilares para embasar a sua pesquisa,

demonstrando argumentos em prol de sua tese. Ao fazer esse levantamento eles destacam a importância dos teóricos, ao mesmo tempo que os utilizam em favor de sua argumentação, de modo que lhe confere prestígio.

Além disso, os autores apresentam uma definição do termo gênero com base nos teóricos mencionados. Desse modo, a definição se estabelece pela caracterização do objeto gênero que é uma unidade construtiva, por uma forma arquitetônica. Posto isto, quando os pesquisadores definem um objeto, eles estão apresentando argumentos para convencer o interlocutor de que a definição desse objeto deve ser levada em conta, uma vez que está sendo fortalecido por uma autoridade na área que assim a defende.

No trecho abaixo, representado pelo passo 2 “Construindo problematização em torno do objeto por meio de discussão com literatura prévia” observamos a presença dos argumentos de identidade e definição, de autoridade e de comparação.

Exemplo 50: A compreensão de que *a comunicação verbal se estabelece por meio de textos, produzidos em determinadas situações de interação, e que estes, por sua vez, se organizam em gêneros*, não é recente. Para não ir muito longe, podemos dizer que, desde o século XX, encontramos autores como **Volochinov (1979) e Bakthin (1985)** que já mostravam o papel dos gêneros na comunicação e interação humanas. No Brasil, essa concepção tem permeado o ensino-aprendizagem *de língua materna e estrangeira* desde, no mínimo, a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – **PCNs (BRASIL, 1997)**. Do ponto de vista acadêmico, várias pesquisas com base em pressupostos diversos, tais como **o Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999), a Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985) a Sociorretórica (SWALES, 1990)**, entre outros, também investigaram o papel dos textos/discursos e dos gêneros na comunicação (IL9).

Observamos, no exemplo apresentado, argumento por definição do termo comunicação verbal, do tipo descritiva que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), indica o sentido conferido a uma palavra em um certo momento. Apontam também argumento de autoridade manifestado pela fundamentação teórica. Também identificamos argumento de comparação sinalizado pelos termos língua materna e estrangeira, bem como quando citam as pesquisas de Bronckart (1999), Halliday (1985) e Swales (1990), de modo a agregar valor à pesquisa.

No passo 3 “Apresentando o objeto da pesquisa” foi verificado argumento de identidade e definição, argumento de vínculo causal e argumento de autoridade. Neste passo, os autores do artigo buscam apresentar ao leitor o objeto de investigação que a pesquisa abordará. Vejamos no exemplo abaixo que corresponde ao argumento de autoridade:

Exemplo 51: Diante desse quadro, interessa-nos, no presente artigo, examinar o discurso de brasileiros que migraram para a Europa, particularmente, para Portugal, França e Inglaterra [...]. Ora, se, por um lado, os debates públicos sobre as migrações contemporâneas têm-se limitado, muitas vezes, a mencionar números, gráficos ou porcentagens – *incidindo naquilo que Bréant (2012) chama de “retórica numérica”* – e têm contemplado muito mais o que dizem os especialistas, os agentes governamentais e os jornalistas do que a fala dos próprios migrantes (IL3).

Neste exemplo, os autores do artigo defendem a sua tese em torno do objeto de estudo a ser investigado, de modo que o leitor tenha noção da realização da pesquisa. Eles mencionam dados sobre o debate público em torno do termo migração, uma vez que o objeto da pesquisa é o discurso de brasileiros que migram para outros países. Para isso, os autores apoiam-se no argumento de autoridade, quando citam a expressão “retórica numérica” se referindo ao discurso de outro indivíduo, nesse caso, Bréant (2012). Dessa forma recorrem ao prestígio da citação para gerar credibilidade na defesa de sua tese.

No trecho abaixo, representado pelo passo 4 “Apresentando argumentados contrários a pesquisas anteriores”, verificamos a presença de argumento de comparação e argumento de autoridade. Este passo tem a função retórica de contrargumentar achados encontradas em pesquisa prévias, as quais serviram de base para o estudo atual.

Exemplo 52: Várias décadas após a publicação dos PCNs, nada contraria essa concepção, que também está presente em documentos oficiais mais recentes – por exemplo, a BNCC (BRASIL, 1997). No entanto, temos observado inúmeras mudanças no que diz respeito aos textos e gêneros que materializam as trocas linguageiras, impulsionadas pelos avanços tecnológicos. *Por um lado, os textos verbais, que já combinavam várias semioses (DIONÍSIO, 2005), passaram a se construir de maneira ainda mais multimodal e invadiram vários espaços da sociedade. Por outro lado, a chegada da web 2.0 intensificou a interação na internet, favorecendo a consolidação de redes sociais, combinando várias semioses e permitindo a interação online[.]* (IL9).

O passo retórico “Apresentando argumentados contrários a pesquisas anteriores” busca contrapor pesquisas já realizadas, buscando enfatizar a necessidade de um novo estudo sobre o tema. Observamos no trecho transcrito no exemplo 52 que os autores do artigo ressaltam a publicação dos PCNs e da BNCC acerca dos estudos do texto e do gênero. Logo em seguida, apresentam um contra-argumento sobre o estudo, afirmando que têm observado inúmeras mudanças a respeito da temática, ocorridas devido ao avanço das tecnologias.

Após isso, para defender a tese sobre o texto e o gênero, os autores fazem uso do argumento de comparação, apresentando a diferença entre duas realidades para relacionar os fatos entre elas. Esses fatos colaboram para a defesa dos objetos comparados, nesse caso, os textos verbais e a chegada da *web 2,0*, mediando valor entre eles. Já o argumento de autoridade aparece na citação indireta comprovada pela autora Dionísio (2005) que aponta a inter-relação dos textos verbais e outras semioses.

Com o argumento de probabilidade foram verificados trechos dos passos retóricos 1 “Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto”, passo 2 “Construindo problematização em torno do objeto por meio de discussão com literatura prévia” e passo 5 “Provocando questionamentos”. Sendo assim, podemos afirmar que a realização destes passos é comum em seções de introdução, já que eles aparecem com frequência no *corpus* analisado responsáveis para que os autores contextualizem, apontem literaturas prévias e apresentem os questionamentos sobre o objeto investigado. O exemplo a seguir apresenta um argumento por probabilidade, bem como argumento de autoridade:

Exemplo 53: *Que estratégias foram empregadas nas duas últimas campanhas eleitorais presidenciais ocorridas no Brasil nos anos de 2014 e de 2018, para serem consideradas tão violentas? Os candidatos da campanha de 2014 recorreram a estratégias para afastarem de si as formas de agressão e aproximarem-se das formas harmoniosas que seriam condizentes com a eficiência, o equilíbrio e o governo de si (FOUCAULT, 2010)? (IL4).*

Sob o viés da análise retórica, o trecho acima se configura no passo retórico provocando questionamento. Ao expor as questões que norteiam a pesquisa, os autores buscam estabelecer um espaço no campo do conhecimento em que a pesquisa se insere, cuja finalidade é respondê-las durante a realização da pesquisa.

Quando os pesquisadores pontuam as questões, fazem levantamentos de dados em favor de sua argumentação. Desse modo, eles apresentam dados que tratam das estratégias utilizadas nos anos 2014 e 2018 sobre as agressões verbais desferida por candidatos durante a campanha eleitoral.

Podemos perceber que esses dados ocorrem em forma de perguntas, as quais serão respondidas na pesquisa. Os autores recorrem a argumentos que comprovam os atos de agressões verbais ocorridos durante a campanha eleitoral de 2014 e 2018, afirmando em favor de sua tese que há estratégias empregadas na formulação do discurso político eleitoral própria da contemporaneidade. Assim, o argumento de probabilidade funciona para consolidar o provável que são as estratégias no discurso eleitoral das campanhas de 2014 e 2018.

Identificamos também a presença da argumentação no passo 6 “Apresentando os objetivos”, verificamos os argumentos de comparação e autoridade. O argumento de comparação busca provar a relação entre os objetos por meio de fatos, seja de forma de igualdade ou de desigualdade (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2022). O argumento de autoridade dá crédito à criação intelectual de outros autores citados/mencionados, utilizando sua opinião em relação ao assunto abordado como meio de prova a favor da tese defendida (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2022). O exemplo abaixo ilustra essa combinação:

Exemplo 54: Dessa forma, o objetivo deste estudo consiste em estabelecer uma reflexão de natureza teórico-conceitual acerca das noções de **singularidade e polifonia** a partir das obras ***Para uma filosofia do ato responsável [1920-1924]*** e ***Problemas da poética de Dostoiévski [1963]*** (IL15).

De acordo com o exemplo citado, observamos que os autores do artigo objetivam estabelecer uma reflexão entre os objetos, singularidade e polifonia, de modo a apresentar relações possíveis entre eles, seja de forma de igualdade ou desigualdade. Por conseguinte, essa relação será feita a partir da leitura das obras ‘Para uma filosofia do ato responsável’ (1920-1924) e ‘Problemas da poética de Dostoiévski’ (1963).

Em relação ao passo 7 “Apresentando a metodologia” identificamos a presença do argumento de vínculo causal. Este passo consiste em apresentar brevemente os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. O exemplo, a seguir, ilustra essa relação:

Exemplo 55: A sequência didática criada teve como suporte tecnológico uma plataforma de escrita colaborativa denominada *Pbworks*. Nela, uma proposta de apreensão do gênero resenha intitulada *Developing your Academic Writing* se deu e envolveu três módulos [...]. Durante nosso processo de pesquisa, 17 estudantes de graduação em Letras-Inglês realizaram quatro atividades de escrita colaborativa em língua inglesa, **o que gerou 19 resenhas**, sobre as quais discorreremos mais adiante (IL10).

O argumento de vínculo causal é caracterizado pela ocorrência de um acontecimento em relação a outro, evidenciando o efeito que pode acarretar. Nesse caso, a argumentação se apoia nas informações do argumento anterior, encadeando fatos e determinando a causa. No exemplo apresentado, os autores do artigo apresentam sua metodologia, defendendo que o trabalho teve como procedimentos a sequência didática por meio de uma plataforma de escrita colaborativa, acrescentando, ainda, que a proposta envolveu três módulos.

Após esse primeiro acontecimento, os autores relatam a participação dos estudantes de Letras-Inglês para o desenvolvimento da proposta, os quais realizaram quatro atividades, determinando o efeito que o acontecimento anterior causou a escrita de dezenove resenhas, assim, estabelecendo uma ligação de vínculo causal entre os acontecimentos. A ocorrência do acontecimento posterior é importante para mostrar ao leitor que todas essas atividades geraram as resenhas escritas por esses estudantes, as quais compõem o *corpus* de análise da pesquisa.

Quanto ao passo 8 “Indicando a estrutura do artigo” identificamos a presença dos argumentos de identidade e definição, de comparação e de autoridade. Em relação a este passo, Motta-Roth e Hendges (2010) descrevem ser uma estratégia retórica usada para apresentar a organização do texto, resumizando as seções existentes no artigo. A seguir, analisaremos um trecho que mostra a relação dos argumentos com este passo:

Exemplo 56: O artigo apresenta em sequência os seguintes tópicos: **1) os estudos freirianos à luz da Pedagogia Crítica e da Linguística Aplicada Crítica (LAC) (PENNYCOOK; MAKONI, 2020), e Bakhtin (1992a) relativamente ao ensino de línguas como prática social; 2) Bakhtin (1992b) e a origem dos estudos sobre gêneros discursivos e multimodalidade da linguagem;** 3) uma proposta de educação humanizadora: repensar a prática educativa por meio de um projeto de oficina de leitura [...]. (IL7).

Neste exemplo, os autores do artigo, para melhor fundamentar a sua argumentação, apontam no primeiro tópico os estudos que fazem parte de cada seção, utilizando argumento de autoridade ao citarem os autores basilares para a discussão da Pedagogia Crítica e da Linguística Aplicada Crítica. Logo após utilizam o argumento de identidade e definição, quando definem o ensino de línguas como prática social sobre os estudos de Bakhtin (1992a), sendo uma definição do tipo normativa que, conforme a reflexão teórica de Perelman e Olbrechts-tyteca (2002), indica a forma como o termo é utilizado no texto.

Diante dos trechos apresentados, centrado na relação entre tipos de argumentos e passos retóricos, observamos que os argumentos de comparação e autoridade aparecem na maioria dos passos retóricos. Esses dados nos levam à compreensão de que os autores dos artigos utilizam o argumento de comparação para aproximar um objeto de outros, estabelecendo relação com o objeto investigado da pesquisa, de modo que suas características sejam expostas. Enquanto o argumento de autoridade é usado como estratégia de legitimar a pesquisa e levar o leitor a aceitar a tese com base em uma autoridade de prestígio.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, investigamos a construção da argumentação e da organização retórica na seção de introdução de artigos científicos da área de Linguística, com o intuito de descrever as estratégias retóricas, identificar os tipos de argumentos, bem como os operadores argumentativos e sua relação com os passos retóricos. Para tanto, tivemos como objeto de investigação quinze introduções de artigos científicos da área de Linguística publicados em 2022 em três periódicos *Qualis A1*, conforme a avaliação do quadriênio de 2017 e 2020.

Assim, para análise textual da organização retórica, apoiamo-nos no modelo analítico da seção de introdução de artigos de pesquisa presentes em Swales (1990) e em Silva, Bernardino e Valentim (2020), o último trabalho descreveu a seção de artigos científicos de Linguística Aplicada. Para identificamos os tipos de argumentos, nos reportamos nos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) e Fiorin (2018), entre outros, e para os estudos dos operadores argumentativos utilizamos as reflexões teóricas de Koch e Elias (2021).

Os referidos modelos nos levaram a constatar que os movimentos e passos retóricos, já descritos, estão presentes nas seções de introdução da área de Linguística do nosso *corpus*. Então, a partir das análises e discussões dos quinze exemplares verificamos a presença de três movimentos, a saber: movimento 1 “Construir o objeto da pesquisa”, movimento 2 “Estabelecer um nicho” e o movimento 3 “Ocupar o nicho”, e oito passos retóricos: passo 1 “Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto”, passo 2 “Construindo problematização em torno do objeto por meio de discussão com literatura prévia”, passo 3 “Apresentando objeto de pesquisa”, passo 4 “Apresentando argumentos contrários a pesquisas anteriores”, passo 5 “Provocando questionamentos”, passo 6 “Apresentando objetivos”, passo 7 “Apresentando a metodologia” e o passo 8 “Indicando a estrutura do artigo”. Verificamos que, dentre os passos retóricos recorrentes, há presença de um passo não descrito nos trabalhos anteriores consultados: o passo 7 “Apresentando a metodologia”.

Dessa forma, identificamos alta ocorrência em cinco passos retóricos: o passo 1 “Construindo problematização por meio de contextualização sócio-histórica do objeto”, passo 2 “Construindo problematização em torno do objeto por meio de discussão com literatura prévia”, passo 3 “Apresentando objeto de pesquisa”, passo 6

“Apresentando objetivos e o passo 8 “Indicando a estrutura do artigo”. Sendo a maioria presente no movimento 1 “Construir o objeto da pesquisa”, nos levando a concordar com Silva, Bernardino e Valetim (2020) que os passos do movimento 1 devem estar em um lugar de destaque na pesquisa, de modo que o leitor tenha conhecimento do que será investigado.

Verificamos que todos os passos do movimento 1 se manifestaram em alta ocorrência e, assim, concluímos que, em relação a este movimento, os autores dos artigos com o propósito de construir o objeto da pesquisa, os fazem a partir da contextualização sócio-histórica do objeto, da relação por meio da problematização com literatura prévia em torno do objeto para depois apresentar o objeto a ser investigado e, em seguida, sinalizar o campo do conhecimento da pesquisa.

Quanto ao movimento 2, os passos se manifestaram em baixa e média ocorrência, sendo que o passo 4 “Apresentando argumentos contrário a pesquisas anteriores” foi o único com baixa ocorrência com 13% e o passo 5 “Provando questionamentos” com 40%. No movimento 3, os passos se manifestaram em alta e média ocorrência, sendo o passo 6 “Apresentando objetivos” com maior porcentagem 93%. Neste movimento, os autores dos artigos buscam ocupar o nicho da pesquisa, seguindo a estratégia retórica de apresentação dos objetivos, da metodologia e culminando na estrutura do artigo.

Dessa forma, concluímos que, sobre a organização retórica da seção de introdução de artigos científicos da área de Linguística, os autores dos artigos se valem dessa seção para construir o objeto da pesquisa, de modo que o leitor possa compreendê-lo a partir de um contexto, orientando-o para o objetivo que pretendem alcançar. E, assim, reconhecemos que não há uma estrutura prototípica fixa da seção de introdução, uma vez que utilizamos neste estudo a fusão de dois modelos distintos e concluímos que os pesquisadores ao construírem a seção de introdução podem utilizar diferentes estratégias retóricas.

Considerando o segundo e o terceiro objetivos deste estudo: identificar os tipos de argumentos usados pelos autores dos artigos; e descrever os operadores argumentativos. Identificamos, na maioria do *corpus* analisado, argumentos que buscam definir um objeto, de modo que o leitor conheça a sua definição para, assim, defendê-lo durante o estudo.

Os argumentos que buscam estabelecer relação de comparação entre os objetos tiveram uma presença significativa na construção dos passos retóricos. Esses

argumentos ora servem para estabelecer relação de igualdade, ora para mostrar a diferença de realidade entre os objetos. Identificamos, ainda, argumentos de probabilidade que visam apresentar os fatos com base nos valores numéricos e também argumentos que buscam estabelecer relação de vínculo causal, esses argumentos estabelecem uma ligação entre dois argumentos, sendo o antecedente causador de um dado efeito; bem como o argumento de autoridade, que recorre a um indivíduo com experiência na área do estudo.

Pela análise do *corpus*, das reflexões teóricas apresentadas e com base nos resultados, compreendemos que os autores dos artigos da área de Linguística utilizam-se das diversas técnicas argumentativa e dos tipos de argumentos para reforçar a defesa da tese na introdução dos artigos. Assim, defendemos que os argumentos estabelecem uma relação com os passos retóricos, uma vez que as estratégias retóricas e os argumentos determinam a direção que os autores pretendem alcançar.

Assim, concluímos que os argumentos de comparação e de autoridade predominam na maioria dos passos retóricos. Dessa forma, ressaltamos que argumentar por comparação exige esforço por parte do sujeito que argumenta, uma vez que é preciso construir a imagem dos objetos, seja para qualificar, seja para desqualificar e, assim, apresentá-lo ao interlocutor. E argumentar por autoridade consiste em buscar apoio em outras vozes, chamar para o discurso alguém que está apto a emitir valor sobre o objeto apresentado.

A análise dos recursos linguísticos, como os operadores argumentativos permitiram-nos identificar o uso de diversos operadores nos passos retóricos e nos argumentos, sendo o mais frequente os operadores argumentativos com valor semântico de adição. Verificamos que, em alguns casos, eles assumem valor semântico diferente dos quais já conhecemos, exercendo novas relações de sentidos em prol da argumentação. Dessa forma, observamos que os autores dos artigos usam os operadores argumentativos para orientar a argumentação, a fim de alcançar o propósito comunicativo.

Com base nas reflexões teóricas e nas análises realizadas, concluímos que os movimentos retóricos agrupam os passos retóricos, os quais ganham sentido em cada pista linguística encontrada. E, assim, tendo em vista os argumentos selecionados, observamos serem usados conforme o interesse do autor para defender a tese apresentada, bem como os operadores argumentativos que orientam os

enunciados para uma determinada conclusão. Dessa forma, é possível visualizar a relação entre passos retóricos e os argumentos, os quais entram em conexão para atender ao propósito comunicativo.

Desse modo, reforçamos que há muito que se discutir sobre a organização retórica e a argumentação nos gêneros acadêmicos, sobretudo, na seção de introdução, uma vez que é a parte que apresenta o tema central do trabalho, a contextualização do problema da pesquisa no campo do conhecimento pertencente a ele (Motta-Roth; Hendges, 2010) e os objetivos da pesquisa.

Assim, esperamos que esta pesquisa possa contribuir com a comunidade acadêmica, proporcionando um maior entendimento sobre a seção de introdução de artigo científico, bem como para futuras investigações no campo da Análise de Gênero e da Argumentação. Além disso, esta pesquisa pode ajudar alunos de graduação e de pós-graduação a escrever a seção de introdução dos artigos científicos.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Francisco. Como mestrandos agem retoricamente quando precisam justificar suas pesquisas. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 131-158, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/BzL9Srv4STd9vzWw5cC3tVB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 maio 2023

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalístico**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARANHA, Solange. **Contribuições linguísticas para a argumentação da introdução acadêmica**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2004.

ARANHA, Solange. **A argumentação nas introduções de trabalho científico na área de Química**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1996.

ASKEHAVE, Inger; SWALES, John M. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASERODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica (org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p. 221-247.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. 2. ed. Campinas Grandes: Edfcg, 2021.

BAWARSHI, Anis S; REIFF, Mary Jo. **Gênero história, teoria, pesquisa, ensino**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

BHATIA, Vijay kumar. Análise de gênero hoje. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Orgs). **Gênero e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p. 159-195.

BERNARDINO, Cibele Gatelha; PACHECO, Jorge Tércio Soares. Uma análise sociorretórica de Introduções em artigos originais da cultura disciplinar da área de Nutrição. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 1749-1766, mar. 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51808/1/2017_art_cgbernardinojtpacheco.pdf. Acesso em: 02 maio 2023.

BEZERRA, Benedito Gomes. **O gênero como ele é (e como não é)**. 1. ed. São Paulo: parábola, 2022.

BEZERRA, Benedito Gomes. **A distribuição das informações em resenhas acadêmicas**. 141 f. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal do Ceará, 2001. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3585/1/2001_dis_bgbezerra.pdf. Acesso em: 02 maio 2023.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teórica e conceituais. 1º ed. São Paulo: Parábola, 2017.

BIASI-RODRIGUES, Bernardete, BEZERRA, Benedito Gomes. Propósito comunicativo em análise de gênero. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 231-249, jan./abr. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ld/a/Z8X5dZZgcTMCmTs5H3LnDXb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 maio 2023.

BIASI-RODRIGUES, Bernadete. **Estratégias de condução de informação em resumo de dissertação**. Tese (doutorado). Florianópolis: 1998. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19111>>. Acesso em: 02 maio 2023

BIASI-RODRIGUES Bernadete; HEMAIS, Barbara; ARAÚJO, Júlio Cesar. Análise de gênero na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos. In. BIASI-RODRIGUES Bernadete; HEMAIS, Barbara; ARAÚJO, Júlio Cesar; SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de. (orgs). **Gêneros textuais e comunidade discursiva**: um diálogo com John Swales. Belo Horizonte: Autêntica. 2008. p 17-32.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias, *et al.* **Escrita acadêmica no campo da educação**: orientação retórica em introduções e conclusões de artigos científicos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 64, p. 1-22, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8668219>>. Acesso em 15 de set. 2023.

BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação**. Bauru SP: EDUSC, 1999.

CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 130-149.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FONSECA. Caros Magno Viana. **Uma abordagem retórico-argumentativa para as não coincidências do dizer**. Mossoró: UERN, 2015.

FONTINELE, Simone Rego. **Estratégias retóricas**: uma análise da seção introdução do gênero dissertação de mestrado nas áreas de Letras e Matemática. Dissertação (Mestrado): Universidade Estadual do Piauí, 2022. Disponível em: ><https://sistemas2.uespi.br/handle/tede/334>>. Acesso em: 15 de agosto 2023

FONTINELE, Simone Rego; MELO, Bárbara Olímpia Ramos de. Um estudo sociorretórico da seção introdução em dissertações de mestrado. **Revista do Sell**, Uberaba, v. 11, n. 2, p. 20-36, jul./dez., 2022. Disponível em:

<<https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/6223>>. Acesso em: 15 agosto 2023.

GOMES, Leonildo Leal; RODRIGUES, Maria das Graças Soares. O uso de operadores argumentativos na construção da fundamentação teórica em artigos científicos. *Verbum*, v. 8, n. 2, set., 2019, p. 23-38. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/44917>>. Acesso em: 15 agosto 2023.

HEMAS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sociorretórica de John M. Swales para os estudos de gêneros. In: MEURER J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 108-129.

JUCÁ, D. **A organização retórico-argumentativa da seção de justificativa do gênero textual projeto de dissertação**. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal do Ceará, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3586/1/2006_dis_dcnjuca.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetórias e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MILLER, Carolyn Rae. **Gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola, 2012.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDEGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

MOURA, João Benvindo de. **Análise discursiva de editoriais do jornal Meio Norte, do estado do Piauí: a construção de imagens e as emoções suscetíveis através da argumentação**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte – MG, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-974H6D>>. Acesso em: 02 maio 2023.

OLIVEIRA, John Hélio Porangaba de. **Os gêneros resumo: agrupamentos, relações e inter-relações contextuais nos eventos acadêmicos**. Tese (Doutorado). Universidade Católica de Pernambuco, 2022. Disponível em: <<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1571>>. Acesso em: 16 de agosto de 2023

PEREIRA, Maria Elisaudia de Almeida. **A construção da argumentação em artigos de opinião produzidos por alunos do ensino médio**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará, 2008.

PEREIRA, Maurício Gomes. **Artigos científicos**: como redigir, publicar e avaliar. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TITECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Trabalho científico**: métodos e técnica de pesquisa e do trabalho acadêmico. 2º ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SCHWARZBOLD, Caroline. **Uma abordagem dos operadores argumentativos em artigos de opinião**: uma proposta de sequência didática para o 9º ano. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Urubelândia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16770>. Acesso em: 15 julho 2023.

SILVA, Ametista de Pinho Nogueira; BERDANRDINO, Cibele Gadelha; VALENTIM, Dawton Lima. A construção sociorretórica da seção de introdução em artigos acadêmicos de linguística aplicada. **Trabalhos em linguística aplicada**. Campinas, v. 59, n. 1, p. 686 - 714, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ta/a/JyHJRvQm75BKT9NktFYmhgk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 15 maio 2023.

SILVA, Tatiane Sousa da; PACHECO, Jorge Tércio Soares. A configuração retórica da seção de introdução em artigos acadêmicos da área de Educação Física. **Revista de letras**, v.21, n. 32, p. 1 - 20, 2019. Disponível em: <<https://revistas.utfpr.edu.br/rl/article/viewFile/8666/6243>>. Acesso em: 15 maio 2023.

SILVA, Francisco Herbert da. **A construção da argumentação em textos jornalísticos referente à operação Carne seca**. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual do Piauí. 2019.

SOUZA, Gilton Sampaio de; COSTA, Rosa Leite de; LIMA, Sueilton Junior Braz de. A argumentação no texto acadêmico: teses nas introduções/considerações iniciais de monografias de cursos de Letras. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 20, n. 31, jul./dez. 2018, p. 1 - 18. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/3284>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SOUZA, Marcelo Freitas; RIBEIRO, Luiz Antônio. O uso de operadores argumentativos em produções textuais de alunos do ensino técnico integrado. In: **Jornada de Linguagens, Tecnologia e Ensino**, 1, 2017. Timóteo. Atas da [...]. Timóteo: CEFETMG, 2017, p. 98 -112.

SWALES, Jhon Malcom. **Reflections on the concept of discourse community**. Asp, v. 69, mar., 2016, p.7-19.

SWALES, Jhon Malcom. World of genre: metaphors of genere. In: BAZERMAN, Charles; BONINI, Adair; FIGUEIREDO, Débora. **Genre in a changing world**. 2009.

SWALES, Jhon M. Sobre modelos de análise do discurso. In. BIASI-RODRIGUES, Bernardete; ARAÚJO, Júlio CESAR; SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de. (orgs). **Gêneros textuais e comunidade discursiva**: um diálogo com John Swales. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

SWALES, Jhon Malcom. **Genre analysis**: English in Academic and Research Setting. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VIEIRA, Silvia Maria. **A construção do argumento no ensino médio**: uma investigação dos recursos argumentativos no gênero dissertativo-argumentativo escolar. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, 2013. Disponível em: < <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11399>>. Acesso em: 15 julho 2023.

ANEXOS

(ANEXO A – SEÇÕES DE INTRODUÇÃO)

INTRODUÇÃO 1

CONTORNO DE LÍNGUA DE CRIANÇAS BRASILEIRAS COM DESVIO FONOLÓGICO: MEDIDAS DE DURAÇÃO E DESLOCAMENTO DA LÍNGUA

A ultrassonografia de língua tem se estabelecido como uma técnica nova e útil para analisar a fala, particularmente no que refere à investigação e à intervenção por meio da *biofeedback* nos distúrbios dos sons da fala (BRESSMANN HENG; IRISH, 2005; CLELAND; SCOBIE; WRENCH, 2015; BACSFALVI; BERNHARDT, 2011; CLELAND *et al.*, 2016). Especialmente, tem-se interesse na análise dos gestos complexos de língua envolvidos na produção de encontros consonantais e nas reduções do encontro consonantal observadas em crianças com desenvolvimento atípico da fala (ALBANO, 2001; BACSFALVI; BERNHARDT, 2011; ZHARKOVA; GIBBON; LEE, 2017).

A aquisição dos encontros consonantais (CCV) são um desafio para as crianças com desvio fonológico. Pesquisas envolvendo análise acústica de Miranda e Silva (2011) e Mezzomo, Mota e Giacchini (2008) investigaram diferenças entre a produção de encontros consonantais por crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico. Os resultados de Miranda e Silva (2011) demonstraram maior duração na produção das sílabas CCV realizadas por crianças com desvio fonológico se comparada às crianças com desenvolvimento típico. Esses resultados foram interpretados como um indicativo de que crianças com desvio fonológico fazem uso do alongamento das vogais (alongamento compensatório) para diferenciar entre os dois padrões silábicos: CCV (percebidos auditivamente como CV pelos ouvintes) e CV. Isso mostra que as crianças com desvio fonológico possuem conhecimento fonológico abstrato estruturas silábicas.

Mezzomo, Mota e Giacchini (2008) também por meio de pistas acústicas identificaram o uso da estratégia de alongamento compensatório entre crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico durante a produção do encontro consonantal. A análise acústica validou o conhecimento fonológico em relação à presença do encontro consonantal mesmo quando este ainda não está preenchido

com os segmentos-alvo (CC), ou seja, a implementação da análise acústica permite a descrever de maneira mais confiável as realizações fonológicas.

Com base em dados de ultrassom e ressonância magnética, Gick *et al.* (2007) descreveram diferenças articulatórias nas substituições de líquidas em crianças com desvio fonológico. Os autores argumentaram que os erros que envolvem o [w] para [r], são o resultado de graus de liberdade linguais reduzidos. Com outro instrumento de análise da articulação, Lee *et al.* (2014) utilizaram a eletropalatografia para investigar a produção de vogais em crianças com desvio fonológico e típico. Os autores identificaram padrões de contato linguopalatal mais amplos nas crianças com desvio fonológico, indicando pior controle temporal e espacial dos movimentos de língua.

Pesquisas ultrassonográficas anteriores sobre redução de encontros consonantais em crianças com desenvolvimento típico falantes do português brasileiro (VASSOLER; BERTI, 2018; OLIVEIRA; BERTI, 2018) revelaram diferenças nos movimentos da língua entre a produção de encontros consonantais e a redução dos encontros consonantais. Ao comparar a produção dos sons alvo [r] e [l] no padrão silábico CV, por meio da sobreposição dos contornos da língua, Barberena (2016) analisou a produção de crianças com desenvolvimento fonológico típico, atípico e adultos. A autora verificou que durante a produção de [l], os grupos de crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico apresentaram diferença estatística entre as médias dos desvios-padrão dos contornos de língua, o mesmo ocorreu na produção de [r], uma vez que também houve diferença entre os dois grupos para o contexto da vogal /a/. Além disso, observou-se para o grupo de crianças com desvio fonológico, ambos os sons-alvo [r] e [l] apresentaram dois gestos distintos (ponta e raiz da língua), sendo diferentes entre si, pois em [r] apresenta maior retração da raiz da língua em direção à faringe e maior elevação da ponta da língua e dorso se comparado à [l]. Como é necessário maior constrição da ponta e da raiz da língua para atingir os resultados acústicos esperados para /r/, o desvio fonológico tende a realizar os sons [l], [j] ou mesmo a omissão do som alvo (/r/), devido à dificuldade de dissociar os gestos articulatórios duplos em um articulador oral único.

Berti, Boer e Bressmann (2016) compararam as produções de crianças com desenvolvimento fonológico típico e atípico, utilizando a medida de deslocamento de língua durante a produção de sons líquidas do português brasileiro (/l/, /ʎ/, /r/ e /R/ no contexto da vogal /a/). Os resultados mostraram que crianças com desvio fonológico

realizaram maior deslocamento de língua na produção de // e // se comparado às crianças com desenvolvimento típico. Os autores interpretaram esse resultado como a falta de controle anatômico da língua durante a produção dos segmentos envolvidos (corroborando estudo anterior de Gibbon, 1999).

No que diz respeito à produção das líquidas, no interior do padrão silábico CCV, Vassoler e Berti (2018) analisaram a produção típica e atípica CCV em que o segundo C corresponde a [r], medindo a área entre a ponta e a lâmina da língua no ponto máximo da constrição do tepe. Os autores identificaram que crianças com desvio fonológico apresentaram, em ambos os padrões silábicos (CCV e CV), maiores valores de área entre ponta e lâmina de língua em comparação com crianças típicas, indicando que crianças com desvio fonológico utilizam maior área da língua, e possivelmente, não diferenciam os gestos articulatórios da ponta e do corpo da língua na produção de CV e CCV.

Em outro estudo, Oliveira e Berti (2018) também investigaram também investigaram a produção de CV e CCV de crianças com desenvolvimento fonológico típico e com desvio fonológico por meio de medidas de razões entre a ponta e a lâmina de língua, entre a ponta e o dorso de língua e entre a lâmina e o dorso de língua. O valor positivo da razão entre a ponta e a lâmina da língua significa que a ponta da língua está em uma posição mais elevada em relação à lâmina, enquanto o valor negativo da relação significa que a ponta está mais baixa se comparada à lâmina da língua. Os resultados sugerem que crianças com desenvolvimento típico parecem estar na direção esperada do padrão de sílaba CCV (maior elevação da ponta) quando comparada à sílaba CV. Para as crianças com desvio fonológico, as razões evidenciaram elevação da ponta da língua para ambas as sílabas, sugerindo, para a produção do tepe, a presença de elevação da ponta da língua com magnitude reduzida e com gestos não sobrepostos do alvo CCV (gestos indiferenciados).

Os estudos (VASSOLER; BERTI, 2018; OLIVEIRA; BERTI, 2018) mostraram que maior área e elevação na região anterior da língua de crianças com desvio fonológico se comparam às crianças típicas. Pesquisas envolvendo as consoantes no contexto silábico CV (BERTI; BOER; BRESSMANN, 2016; BARBERENA, 2016; VASSOLER; BERTI, 2018) indicaram que crianças com desvio fonológico apresentam maior deslocamento de língua que pode ser marcado por maior duração.

Assim, é possível verificar que a análise ultrassonográfica quantitativa tem contribuído para diferenciar as produções típicas do desvio fonológico em diferentes

sons e padrões silábicos. A literatura já aponta que medidas quantitativas ultrassonográficas são capazes de diferenciar grupos de crianças (com desenvolvimento fonológico típico e com desvio fonológico) durante a produção dos sons líquidos tanto no padrão silábico CV (BARBERENA, 2016), quanto no CCV (VASSOLER; BERTI, 2018). Assim, em relação a todas as medidas analisadas anteriormente, pode-se inferir que há uma maior elevação da região anterior da língua durante a produção do CCV nos casos de crianças com desvio fonológico.

No entanto, estudos anteriores não mostraram informações sobre o deslocamento da língua durante a produção desses padrões silábicos. Com base na literatura (VASSOLER; BERTI, 2018; OLIVEIRA; BERTI 2018) de que crianças apresentam maior uso da massa de língua em produções atípicas, resultando em maior deslocamento de língua e em maior duração, esta pesquisa pretende corroborar/refutar achados anteriores, a partir das seguintes hipóteses:

(1) No português brasileiro, as crianças com desvio fonológico são caracterizadas por maiores durações se comparado às crianças típicas;

(2) As crianças com desvio fonológico apresentam maior deslocamento de língua se comparada às produções infantis típicas.

Assim, este estudo teve como objetivo caracterizar o deslocamento de língua nas produções de crianças desvio fonológico e de crianças com desenvolvimento típico falantes do português brasileiro.

INTRODUÇÃO 2

COMPREENSÃO LEITORA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II: UM ESTUDO SOBRE DESEMPENHOS, UTILIZANDO DIFERENTES TIPOS DE TAREFAS E CATEGORIAS INFERENCIAIS

Provas oficiais de âmbito nacional e estadual vêm evidenciando as condições não satisfatórias dos estudantes do Ensino Fundamental no que se refere à Língua Portuguesa e à Matemática, gerando preocupações sociais e acadêmicas. Conforme os resultados do SAEB 2017¹, em Língua Portuguesa e Matemática, nos anos iniciais, não diferente dos anteriores, 5,94 é a média padronizada das escolas públicas, com pouco acréscimo em relação a 2015 (5,74). Em 2017, nos anos finais, a pontuação de Língua Portuguesa foi 253,74, superando pouco o resultado de 2015 (247,33). Em relação à média padronizada de Língua Portuguesa e Matemática, o resultado de 2017 (5,09) apresentou uma evolução muito pequena em relação a 2015 (4,97). O IDEB 2017, nas escolas públicas, nos anos iniciais foi 5,5 e, nos anos finais, 4,4. Em 2015, nesse mesmo âmbito, o resultado foi de 5,3 nos anos iniciais, e 4,2 nos anos finais, indicando um crescimento muito discreto. As preocupações com a situação se justificam, considerando os desempenhos em si e suas repercussões no acesso ao conhecimento dos demais campos, na evolução da escolaridade e na inserção social.

A observação desses dados e dessas informações indica todas as séries como de potenciais necessidades. A escolha aqui, entretanto, é pelos 6^o, 7^o e 8^o anos do Ensino Fundamental II, dando continuidade a um processo de compreensão iniciado e preparando o atendimento às expectativas de compreensão mais complexa nos anos seguintes.

Nesse quadro, o artigo aqui apresentado tem como tema a compreensão leitora na escola, na perspectiva da Psicolinguística, com privilégio para a perspectiva inferencial das questões (GIASSON, 2000; GRAESSER; SINGER; TRABASSO, 1994; VIDALABARCA; RICO, 2003). PESQUISAS PREVIAS

A pesquisa aqui relatada definiu como seu objetivo examinar a compreensão leitora de alunos de escolas públicas brasileiras do Ensino Fundamental, em suas relações com a escolaridade, a tarefa e a categoria inferencial de questão. Dados o tema e o objetivo, a metodologia se caracterizou pelo uso de quatro tipos de tarefa – Questionário, Múltipla Escolha e Verdadeiro ou Falso – com correspondências das questões no conteúdo e nas características inferenciais –, e Cloze, que possibilitaram

a obtenção de dados, a realização de análises e a chegada a resultados conforme o objetivo estabelecido.

Tais resultados constituem-se em contribuição para colocar luz sobre o problema e estimular reflexões que conduzam a soluções possíveis. Nessa perspectiva, neste artigo, os autores expõem primeiramente os fundamentos teóricos sobre leitura, focalizando compreensão leitora, inferência e avaliação da compreensão leitora. A seguir, apresentam a pesquisa, em sua definição, organização e realização. Posteriormente, disponibilizam os resultados e as conclusões da pesquisa, favorecendo o entendimento, pelo leitor, dos processos desenvolvidos e produtos obtidos.

INTRODUÇÃO 3

VOZES E OLHARES DE MIGRANTES BRASILEIROS NA EUROPA

Pelo termo “imigração” (do latim *immigratio*) deve-se entender a entrada num Dado país de uma pessoa, vinda do estrangeiro, que aí se estabelece. Trata-se de um Processo histórico que liga países num processo de dependência: a sociedade que “exporta” seus emigrantes e aquela que os acolhe, transformando-os em imigrantes. Mais do que um fenômeno geográfico, os movimentos migratórios constituem uma característica universal da história da humanidade, remontando a muitos milhares de anos e assumindo uma diversidade cada vez maior (LAACHER, 2012; BARTRAM *et al.*, 2014; BLANCHARD *et al.*, 2016).

Até meados do século XVIII, as populações se deslocavam de forma regular, sem grandes entraves. É com o aparecimento dos Estados-nações, no século XIX, que a gestão dos fluxos migratórios passa a ser um problema, já que a “invenção” da fronteira (tomada como uma linha oficial que divide territórios) passa a distinguir os nacionais dos não nacionais: os estrangeiros/migrantes,² gerando mecanismos de inclusão e de exclusão e tornando-se, assim, um elemento-chave na constituição da identidade e da alteridade (LAACHER, 2012; BOUDON, 2018; BARTRAM *et al.*, 2014). Em outras palavras: a percepção da condição de estrangeiro é um componente essencial do conceito de migrante.

É da oposição entre a legitimidade do *nós* (nacionais) e a ilegitimidade do *eles* (os outros/não nacionais) que surgem, sobretudo nos momentos de crise econômica e/ou política, questões envolvendo os custos sociais dos migrantes, frequentemente, associados ao aumento da delinquência, à redução de empregos e salários, a algo, enfim, que ameaça a identidade e a coesão nacional, ainda que pesquisadores como Laacher (2012) e Portes (2019) se empenhem em demonstrar que essas acusações são, no mínimo, exageradas, apontando, ao contrário, para os impactos positivos da migração (como, por exemplo, o de preencher lacunas específicas no mercado de trabalho). Isso não impede, porém, que surjam atitudes discriminatórias e xenófobas e que as políticas migratórias se tornem cada vez mais restritivas.

Ainda que a migração não seja um fenômeno recente, nas últimas duas décadas é possível observar um aumento significativo dos movimentos migratórios no mundo. Segundo dados do *World Migration Report 2020*,³ divulgados pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), o mundo possui hoje cerca de

272 milhões de migrantes internacionais. Em 2019, 80 milhões dessas pessoas foram deslocadas à força devido a fatores como conflitos, perseguições, violência ou violações de direitos humanos, como informa o relatório *Global Trends: Forced Displacement in 2019*.⁴ Mas, além dessa migração forçada, a que se sujeitam os ditos “refugiados”, muitos se deslocam para outros países em busca de melhores condições de vida (oportunidades profissionais ou de estudo) e/ou para se juntarem a familiares já imigrados, constituindo, nesse caso, o que se costuma chamar de “migrantes econômicos” ou, simplesmente, migrantes.

Nessa perspectiva, embora os termos *refugiado* e *migrante* sejam, com frequência, utilizados como sinônimos, eles têm significados muito diferentes. Calabrese (2018), por exemplo, explica que o termo *refugiado* faz parte do vocabulário jurídico e, como tal, constitui uma categorização social que dá acesso a proteção, ao contrário de *migrante* que não dispõe de definição jurídica. Assim, se refugiado, do ponto de vista legal, é qualquer pessoa que muda de país, buscando escapar de conflitos armados, perseguições (política, étnica, religiosa etc.) ou violação de direitos humanos (Convenção de Genebra, 1951), migrante é aquele que se desloca por vontade própria, mesmo que seja na tentativa de escapar da pobreza ou de buscar melhores condições de vida. Muitos pesquisadores (CLOCHARD, 2007; BARTRAM *et al.*, 2014; AKOKA, 2018, entre outros) têm questionado essa dicotomia, propondo, ao contrário, um *continuum* entre os dois termos (e entre as categorias que representam).

É importante considerar, de qualquer forma, que os brasileiros que se deslocam para a Europa atualmente não se sujeitam a uma migração forçada. Se, nas décadas de 1960-1970, existiu a figura do “exilado político”, oriundo da ditadura militar no Brasil, hoje aqueles que decidem mudar de país o fazem por vontade própria, a partir de motivações diversas que vão além da questão política. E mesmo que não possamos falar propriamente de situação de vulnerabilidade para esses sujeitos – quando pensamos, por exemplo, em pessoas vivendo em acampamentos com pouca ou nenhuma infraestrutura ou empreendendo travessias arriscadas para chegar ao país de destino –, lembremos que a decisão de migrar não deixa de ser um processo doloroso de “desenraizamento”, que envolve múltiplos fatores (familiares, culturais, geográficos, econômicos), nada tendo a ver com uma escolha aleatória ou impulsiva (BERNARD, 2002, p. 161). Além disso, os migrantes, sobretudo aqueles em situação

irregular, sujeitam-se, com frequência, a condições precárias de trabalho e moradia, o que não deixa de ser uma forma de fragilizá-los.

Diante desse quadro, interessa-nos, no presente artigo, examinar o discurso de brasileiros que migraram para a Europa, particularmente, para Portugal, França e Inglaterra, países escolhidos em função de suas diferenças não só linguísticas e culturais, mas também em relação às políticas migratórias. Ora, se, por um lado, os debates públicos sobre as migrações contemporâneas têm-se limitado, muitas vezes, a mencionar números, gráficos ou porcentagens – incidindo naquilo que Bréant (2012) chama de “retórica numérica” – e têm contemplado muito mais o que dizem os especialistas, os agentes governamentais e os jornalistas do que a fala dos próprios migrantes, é nosso objetivo dar a esses sujeitos a oportunidade de contar suas histórias, de textualizar suas experiências de vida, ampliando seus espaços de fala para além da esfera privada.

Pretendemos, portanto, analisar narrativas de vida – coletadas por meio de entrevistas – de brasileiros que migraram para a Europa. À luz da Análise do Discurso Francesa (ADF), com incursões na Análise Dialógica do Discurso (ADD), buscaremos apreender as diferentes estratégias linguístico-discursivas mobilizadas na construção dessas vozes marginais, de modo a responder às seguintes perguntas:

1) como esse *outro*/migrante brasileiro se apresenta naquilo que diz (e mesmo naquilo que não diz)?;

2) como ele avalia sua situação atual (num novo país) em comparação com a situação anterior (no Brasil), sua relação com os nativos e a própria possibilidade (ou não) de retorno?;

3) que imagens (discursivas), afinal, ele nos dá a ver em suas narrativas de vida?

Antes, porém, de tentar responder a essas perguntas, julgamos importante discutir brevemente a relação complexa e movente que se estabelece entre a linguagem e o mundo, entre as palavras e os objetos/sujeitos que designam. É a partir dessa discussão que buscaremos chegar ao discurso e a seus (efeitos de) sentidos.

INTRODUÇÃO 4

DA FALSA HARMONIA À FALA FRANCA: AS AGRESSÕES VERBAIS EM CAMPANHAS ELEITORAIS PRESIDENCIAIS

As sociedades democráticas, ao suplantarem a sociedade de corte, encorajaram novos modos de comportamento e de tratamento. Se a aristocracia exigia a moderação, a postura, a deferência nos gestos e nas maneiras de ser (HAROCHE, 2008), a sociedade contemporânea distingue-se, em seus modos, pela crescente desaparecimento de expressões de formalidade, de rituais cerimoniais, de formas de reconhecimento que sustentavam as distinções hierárquicas em diversas esferas como as sociais, as jurídicas e as políticas.

O fim da corte, entretanto, parece não ter abolido atitudes de conchavo, de adulação ou de baixarias. Essas continuaram presentes nas relações sociais expressas por acordos verbais e gestuais, capazes de expor apreço, bajulações, obsequiosidades, bem como insolência, arrogância e grosseria.

A redução das relações hierárquicas nas democracias não deixou à margem o emprego da falsa deferência, da falsidade e da mentira manipulada em proveito próprio. A deferência exige tempo, que é muito restrito na sociedade atual, caracterizada por sujeitos que se apresentam apressados, intempestivos e autossuficientes. Se, no Antigo Regime, dedicava-se a atenção somente aos membros da Corte, e portanto a maioria não recebia nenhum tipo de reconhecimento e atenção, na democracia espera-se que a atenção seja dedicada igualmente a todos, o que de fato não ocorre. Não raro, o gesto de deferência e reconhecimento que deveria ser dado a outro, passa a ser dedicado a si mesmo, uma vez que se vive em uma sociedade que exige e valoriza um dispositivo de visibilidade (FOUCAULT, 2014; HAROCHE, 2008) que venha a lançar luz sobre si na competição das hierarquias políticas. É isso que se vê repetidamente em campanhas eleitorais, nas quais o sujeito candidato ocupa-se de falar bem de si e assim abre caminho para falar mal de seu adversário.

Reconhecemos que há estratégias empregadas na formulação do discurso político eleitoral próprias da contemporaneidade (SARGENTINI, 2017a) como a estratégia de (i) segmentação, na qual interpela-se o eleitor por um seu perfil - profissional, de gênero, de crença religiosa; a de (ii) docilização, quando se oferece ao eleitor uma postura do candidato político que reflete amabilidade, valorização e

respeito das diversidades e de (iii) estetização, que atribui valor à encenação política sobretudo em emissões televisivas (SARGENTINI, 2017b). Que estratégias foram empregadas nas duas últimas campanhas eleitorais presidenciais ocorridas no Brasil nos anos de 2014 e de 2018, para serem consideradas tão violentas?1 A estratégia da docilidade foi substituída pela da agressividade? Os candidatos da campanha de 2014 recorreram a estratégias para afastarem de si as formas de agressão e aproximarem-se das formas harmoniosas que seriam condizentes com a eficiência, o equilíbrio e o governo de si (FOUCAULT, 2010)? Na campanha de 2018, agiu-se diferentemente, uma vez que na figura de um dos candidatos pareceu afastar-se muito da preocupação de manter condutas que protejam a imagem do governo de si, apostando mais na exposição desqualificadora do outro, fazendo isso de forma direta, insultuosa, por um falar supostamente franco? Enfim, se em 2014, a campanha foi considerada muito violenta e em 2018 essa característica se intensificou, a suposta fala franca representa e autoriza certo abandono dos fundamentos das sociedades democráticas?

Amparando-se em pressupostos teóricos dos estudos do discurso, este artigo pretende mobilizar a noção de acontecimento discursivo que está estreitamente ligada às condições de emergência, uma vez que é produzida a partir de um regime de enunciabilidade. Segundo Foucault (1996b), todos os enunciados devem ser compreendidos como um acontecimento, visto que apresentam uma singularidade e, ao mesmo tempo, uma regularidade. Entretanto, tratar cada enunciado como algo singular, que produz um acontecimento, não nos impede de, num estudo de curta duração, por exemplo, deflagrar uma regularidade que forma uma rede de enunciados singulares, provocando uma ruptura, uma descontinuidade em relação às práticas discursivas anteriores. Neste artigo, analisamos a ocorrência de pequenos acontecimentos que vão produzindo essas rupturas nos modos de dizer, ora suspendendo, ora intensificando a agressão. Podemos, assim, considerar os enunciados enquanto práticas discursivas, históricas, por meio das quais a novidade é produzida. Desse modo, por meio da análise e descrição dos enunciados, das práticas discursivas, poderemos encontrar as transformações, a novidade, o acontecimento. E ao descrever o acontecimento, veremos quais são as condições de emergência “que determinam a materialidade própria do enunciado” (CASTRO, 2009, p. 25).

Para tanto, é necessário, num primeiro momento, descrever os enunciados para, posteriormente, conseguir enxergar uma série de transformações mais amplas. Partiremos da descrição linguística, da materialidade discursiva, para então conseguir estabelecer as séries e os acontecimentos, uma vez que são as práticas discursivas que farão a transformação. No interior dessa transformação, há descontinuidades, de modo que, mesmo numa série marcada pela polidez, por exemplo, há ocorrências, ainda que escassas, de ironias, acusações, dentre outras formas do dizer agressivo. Observaremos os jogos de força e poder, e as estratégias empenhadas.

Para tal, analisaremos enunciados extraídos dos debates televisivos de 14, 16 e 24 de outubro de 2014 e de 9 e 17 de agosto, 26 e 30 de setembro e de 4 de outubro de 2018, tomando-os como enunciados capazes de revelar as formas de violência presentes em discursos de campanha, bem como suas estratégias e graus de intensidade.

INTRODUÇÃO 5

ESTILOS DE APRENDIZAGEM E ESTRATÉGIAS DE USO DE DICIONÁRIOS PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS

Este trabalho aborda, no contexto dos estilos de aprendizagem, como as preferências sensoriais (visual, auditiva, cinestésica e tátil) (OXFORD, 1990, 2003) podem orientar estratégias de uso de dicionários para o ensino de vocabulário no contexto do ensino de português como língua materna (PLM) e não materna (PLNM). O trabalho justifica-se (i) pelo reconhecimento da importância do dicionário como um suporte na aprendizagem de línguas (BOULTON; DE COCK, 2016); (ii) pelo simultâneo e crescente interesse em pesquisas sobre o uso do dicionário em contexto de aprendizagem de vocabulário (CHEN, 2011); e (iii) pela necessidade de superar o consenso sobre a função do dicionário, atestado mesmo entre profissionais envolvidos com o ensino de línguas (MAIA-PIRES; VILARINHO, 2016).

Com base nessa justificativa, os objetivos deste artigo são: (i) superar o consenso sobre a função e o uso dos dicionários; e (ii) associar as características dos estilos de aprendizagem a estratégias explícitas e mais gerais que otimizem o uso de dicionários no contexto de ensino de línguas, indicando (a) tipos de obras mais adequadas (dicionário impresso, eletrônico, *online*), (b) tipos de busca mais consistentes (e quais recursos estão disponíveis ao consulente para tanto) e (c) sugestão de obras a serem adotadas.

Para tanto, os passos metodológicos seguidos foram: (i) descrição dos estilos de aprendizagem dentro da dimensão de preferências sensoriais (OXFORD, 2003); (ii) cotejamento das estratégias de aprendizagem associadas a cada um desses estilos, a partir de levantamento bibliográfico (OXFORD, 1990, 2003; WONG; NUNAN, 2011); (iii) identificação de aspectos lexicais privilegiados em cada uma das estratégias; e (iv) subsequente elaboração de propostas de uso de dicionários consistentes com os estilos e estratégias avaliados.²

O artigo está organizado nas seguintes seções, além desta introdução. A seção 1 apresenta o que são estilos de aprendizagem, com foco nas chamadas preferências sensoriais. A seção 2 discute as estratégias de aprendizagem comumente associadas a cada um desses estilos. A seção 3 explicita quais aspectos lexicais podem ser associados a cada estilo de aprendizagem, de modo a substanciar as ações de formadores interessados em ensinar vocabulários. A seção 4 propõe algumas

estratégias de uso de dicionários, com base na discussão das seções anteriores. A seção 5 destaca a importância de se conhecer a tipologia de obras lexicográficas a partir do roteiro de Faulstich (2011). Finalmente, a última seção traz as considerações finais do artigo e resume as suas contribuições para os estudos lexicográficos e para o desenvolvimento do ensino de português.

INTRODUÇÃO 6

LIGA BRASILEIRA CONTRA O ANALPHABETISMO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE SUA 'CRUZADA' EM PROL DA LEITURA (LINGUAGEM EM DISCURSO)

Em nossas pesquisas, temos nos dedicado aos discursos sobre a leitura e, entre eles, aqueles de seu incentivo¹. Nosso objetivo é o de levantar e analisar regularidades e variações em discursos em prol dessa prática manifestos em textos de diferentes origens e temporalidades.

Assim, depois de estudarmos o funcionamento dos discursos sobre a leitura em textos de incentivo a essa prática produzidos na atualidade², decidimos realizar um recuo histórico, de modo a buscar depreender, entre a segunda metade do século XIX e ao longo do século XX, eventual continuidade e descontinuidade nas formas de representá-la, manifestadas em textos cujo objetivo, *grosso modo*, era promovê-la, ou seja, incentivá-la, ensiná-la, difundi-la entre leitores e não-leitores.

Essa decisão implicou a ampliação do rol de textos a serem considerados, uma vez que, à medida que recuávamos no tempo, não dispúnhamos de textos semelhantes aos que hoje reconhecemos prontamente como textos cuja finalidade principal é a de promover a leitura, compondo propriamente verdadeiras “campanhas de incentivo” a essa prática, apresentando uma estrutura formal e tipos de argumentos relativamente comuns. Os textos de que então passamos a nos valer em nossas análises não apresentavam necessariamente as formas mais prototípicas desse *gênero discursivo*⁴. Eles são, além de mais rarefeitos, mais diversos em sua origem institucional, em seu gênero, em sua finalidade, assim como em sua função e público. São suas referências, ainda que breves e por vezes indiretas, ao que se tem concebido em geral como formas de estímulo à leitura que buscamos depreender e descrever em suas especificidades discursivas.

Compuseram o *corpus* dessa pesquisa mais recente: i) textos informativos, educacionais ou científicos contendo conselhos voltados a pais e professores, em jornais e revistas, especializados ou não, com a descrição de formas de estimular a leitura, de torná-la um hábito entre crianças e adolescentes; ii) publicações que versam sobre as ações do Instituto Nacional do Livro (INL) e do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER); iii) notícias com a divulgação de iniciativas de indivíduos, órgãos de governo ou de associações ou segmentos da sociedade de projetos e ações educativas, de erradicação do analfabetismo, por exemplo.

Neste artigo, imbuídos do objetivo geral de nossas pesquisas, dedicamo-nos à análise de enunciados advindos de uma amostra desse *corpus*, a saber, de duas matérias veiculadas em abril de 1915 pelo jornal carioca *A Noite*, considerado um dos primeiros periódicos populares em que são apresentadas, justificadas e descritas as ações da então recém-criada *Liga Brasileira contra o Analfabetismo*, cujo lema era “Combater o analfabetismo é dever de honra de todo brasileiro”, e cujas atividades seus membros designaram como “uma cruzada santa”.

Visamos a apreender representações da leitura e de seu incentivo, compartilhadas e expressas nesses textos formulados pela e sobre a Liga, instituição essa que tinha por objetivo: i) estabelecer o que considerava ser condições necessárias para o combate ao analfabetismo (leis, incentivos financeiros, punições); ii) fazer recomendações e propor ações de viés pedagógico (genéricas e consensuais) e, eventualmente, atuar em campo, junto ao público a ser alfabetizado, consistindo, portanto, em uma postura e atitude de fomento à leitura, entendida neste contexto, sobretudo, como ensino/aprendizado da técnica de decodificação.

INTRODUÇÃO 7

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E GÊNEROS DISCURSIVOS: PROPOSTA DE UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA EM TEMPOS PANDÊMICOS

Este artigo objetiva refletir acerca do ensino da Língua Portuguesa em cursos tecnológicos, no cenário da pandemia de Covid-19. A proposta é trazer os estudos realizados pelo filósofo da educação brasileira, Paulo Freire (1987, 1994, 1997), em consonância com alguns estudiosos da Linguística Aplicada Crítica (doravante LAC) para refletir acerca de uma educação linguística crítica, sobretudo o ensino de língua portuguesa em tempos pandêmicos. Com efeito, apresenta-se um trabalho realizado com alunos de 1º semestre de uma faculdade de tecnologia do estado de São Paulo, proposta essa destinada ao trabalho com gêneros discursivos e a multimodalidade em aulas de Língua Portuguesa.

Diante da realidade do ensino da língua portuguesa, diferentes paradigmas educacionais perpassaram pela educação brasileira, refletindo também em diferentes metodologias de ensino. Situações de opressão são comuns na prática educativa, considerando um momento de distanciamento em função da pandemia, o que acarreta diferentes metodologias não necessariamente alicerçadas para promover a construção do conhecimento. Ou seja, de um lado, os docentes encontram-se numa situação de opressão tendo de cumprir horas e horas de trabalho para ministrar as aulas; de outro, os alunos se encontram na condição de “oprimidos” frente à realidade das aulas, uma vez que o ensino remoto nem sempre facilita a interação professor-aluno.

Há inúmeras tentativas de pensar a educação como mola propulsora da sociedade. Falar de educação é enveredar-se pelos caminhos da leitura de mundo que, por assim dizer, precede a leitura da palavra (FREIRE, 1994). É buscar compreender que o ser, em processo de alfabetização, é aquele que inicia o processo de consciência histórica, *daí que a posteriori a leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele*. Aqui está a chave para o despertar para a linguagem, uma vez que *linguagem e realidade se prendem dinamicamente*.

Desde a década de 1960, Paulo Freire buscou uma sociedade mais igualitária com a alfabetização de adultos. A iniciativa do educador foi aplicada pela primeira vez em 1962 na cidade de Angicos, no sertão do Rio Grande do Norte, quando foram alfabetizados 300 trabalhadores da agricultura. O projeto ficou conhecido como

“Quarenta horas de Angicos”. Os fazendeiros da região chamavam o processo educativo de “praga comunista”. A proposta de Paulo Freire para a alfabetização perpassa as prescrições existentes nos métodos de alfabetização, buscando ser algo dinâmico, ao privilegiar o local de trabalho, ou seja, as especificidades desse local para, a *posteriori*, tematizar e problematizar.

Cumprir lembrar que a educação, como direito humano, sempre foi de primordial importância nos estudos desenvolvidos por Paulo Freire (1987, 1994, 1997). O educador nos deixou um legado; dentre as obras de maior relevância para esta reflexão, destacam-se: *Educação como prática da liberdade*, publicada em 1967; *Pedagogia do oprimido*, em 1968; *A importância do ato de ler*, em 1981; *Pedagogia da esperança*, em 1992, e, por fim, *Pedagogia da Autonomia*, em 1996. A finalidade de apresentar essas obras é mostrar o eixo norteador do pensamento freiriano com relação à linguagem.

Para este artigo, busca-se responder a algumas questões acerca do ensino de língua portuguesa em tempo de crise. Por que falar de Freire, no caso específico da educação, durante a pandemia? Quais desafios pandêmicos a LAC e a pedagogia freiriana nos ajudam a superar, especialmente em se tratando de tecnologia e multimodalidade? Em que medida a pandemia traz reflexos à aprendizagem do aluno pelo novo formato de aula *on-line*? Qual a importância de uma educação humanizadora no contexto da pandemia?

O artigo apresenta em sequência os seguintes tópicos: 1) os estudos freirianos à luz da Pedagogia Crítica e da Linguística Aplicada Crítica (LAC) (PENNYCOOK; MAKONI, 2020), e Bakhtin (1992a) relativamente ao ensino de línguas como prática social; 2) Bakhtin (1992b) e a origem dos estudos sobre gêneros discursivos e multimodalidade da linguagem; 3) uma proposta de educação humanizadora: repensar a prática educativa por meio de um projeto de oficina de leitura, desenvolvido por alunos de uma faculdade de tecnologia do estado de São Paulo, privilegiando o trabalho com a metodologia de projetos.

INTRODUÇÃO 8

MULTILETRAMENTO ENGAJADO PARA A PRÁTICA DO BEM VIVER

A crise de Covid-19 deixou clara a existência, por muitas vezes, fútil e precária de nossas vidas. Permitiu-nos entender quão dissociados da realidade e de uma cosmovisão estamos. Considerando os questionamentos de Krenak (2020), na epígrafe deste artigo, estaríamos acordando de um repouso e recepcionando, de fato, o novo dia ou agindo no automático? No momento, impera uma atitude de quase total desrespeito pelas mais de 525 mil vidas perdidas em um momento de mentiras e de corrupção presidenciais em ascensão. Ademais, entendemos a ausência de cuidado com o viver, como explica Butler (2020, fala em *live*, tradução nossa²): “Se buscarmos consertar o mundo ou o planeta, então ele deve ser libertado da economia de mercado que lucra com sua distribuição de vida e morte”. Essa perspectiva de necropolítica (MBEMBE, 2016), materializada continuamente em nosso viver, determina que alguns precisam dar a vida para que outros possam lucrar em um contexto de economia de morte.

Vivemos um contexto de extrema violência das estruturas e sistemas sociais. Nele, como explica Butler (2020):

[...] uma ética da não-violência não pode ser baseada no individualismo e deve assumir a liderança em fazer uma crítica ao individualismo como base da ética e da política. Uma ética e uma política de não violência teriam que dar conta da maneira como os eus estão engajados nas vidas uns dos outros, vinculados por um conjunto de relações que podem ser tão destrutivas quanto sustentáveis (BUTLER, 2020, p. 9, tradução nossa)

Nessa direção, tal engajamento parece ser central ao pensar na superação de uma perspectiva de desvalorização do viver ou de valorização apenas de alguns viventes. Esse é um dos pontos essenciais para pensar o momento em que vivemos: considerar quem tem o direito de entendê-lo, dizê-lo, transformá-lo. Na obra *Pode o subalterno falar?*, a autora indiana Spivak (2010) problematiza e contesta a autoridade intelectual eurocentrada, branca, masculina que fala no lugar da voz silenciada do subalterno, justamente, por conta de sua condição. Esse é um dado, explica Kilomba (2020, posição 513), que está ligado “à dificuldade de falar dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo”. Nessa linha, torna-se central questionar as estruturas de validação do conhecimento que, segundo Kilomba (2020), definem o

que é válido, verdadeiro e está sob o controle de uns poucos, normalmente brancos. Nessa abordagem, pensar educação em uma perspectiva libertadora implica a construção de um espaço heterogêneo, intercultural e marcado politicamente.

Em um processo que pressupõe a decolonialidade do poder e do saber (MIGNOLO, 2015), é preciso ensejar um movimento de repensar o currículo que denominamos desencapsulador (LIBERALI, 2019a). A desencapsulação pode retirar saberes, modos de aprender-ensinar, papéis sociais, posicionamentos de dentro de cápsulas para tornar o currículo escolar um espaço de construção do bem viver. Esse bem viver, na visão de Krenak (2020, p. 17), não está relacionado à distribuição de riqueza, mas à “abundância que a Terra proporciona como expressão mesmo da vida”.

Para o autor, a educação não pode continuar a atender a demanda do mercado pela formação de profissionais, técnicos e/ou gente para operar e manter o sistema. Ao contrário, é preciso que o processo educacional inspire os corpos vivos para uma Terra viva e contribua para a formação de seres humanos em processo de constituição como uma realização social.

Nessa linha e seguindo a sugestão de Mignolo (2015), a proposta a ser apresentada neste artigo pressupõe uma desobediência epistêmica como processo educacional. Implica pensar fora dos espaços e tempos predeterminados e considerar as múltiplas vozes, por vezes excluídas e silenciadas. Míguez Passada (2019) enfatiza a importância de reconhecer os sujeitos em seus espaços, tempos históricos em processo de tornarem-se.

Nesse enquadre, sublinham-se as orientações freirianas e de outros teóricos da América Latina para uma educação libertadora, ao entender que a educação e o currículo, em sentido mais específico, podem ser instrumentos de transformação das condições de opressão e podem expandir a agência dos sujeitos (VYGOTSKY, 1994). Por isso, a proposta de um Multiletramento Engajado, como organizador do trabalho em todas as áreas, pretende apontar formas de pensar a educação, não de forma ingênua, mas como um real engajamento com a vida e com sua transformação por meio do processo praxiológico, compreendido como uma possível forma de educar para o bem viver.

Além das considerações iniciais, este texto apresenta as bases freirianas e vygotkianas direcionadoras de um currículo na interface da vida cotidiana e os saberes historicamente acumulados por diferentes grupos sociais. Na sequência, a

proposta desenvolvida pelo New London Group (1996/2000), Pedagogia dos Multiletramentos, é revisitada para sua reconstituição na perspectiva do Multiletramento Engajado tendo em vista o respectivo embasamento teórico. Com o intuito de materializar esse novo olhar para os multiletramentos, este artigo apresenta uma unidade didática construída em um projeto de extensão, denominado Programa Digitmed4, e, por fim, tece algumas considerações e caminhos a serem percorridos a partir dessa nova perspectiva.

INTRODUÇÃO 9

GÊNEROS MULTIMODAIS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: O EXPOSÉ ORAL PARA APRENDER TEMÁTICAS

A compreensão de que a comunicação verbal se estabelece por meio de textos, produzidos em determinadas situações de interação, e que estes, por sua vez, se organizam em gêneros, não é recente. Para não ir muito longe, podemos dizer que, desde o século XX, encontramos autores como Volochinov (1979) e Bakthin (1985) que já mostravam o papel dos gêneros na comunicação e interação humanas. No Brasil, essa concepção tem permeado o ensino-aprendizagem de língua materna e estrangeira desde, no mínimo, a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997). Do ponto de vista acadêmico, várias pesquisas com base em pressupostos diversos, tais como o Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999), a Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985) a Sociorretórica (SWALES, 1990), entre outros, também investigaram o papel dos textos/discursos e dos gêneros na comunicação.

Várias décadas após a publicação dos PCNs, nada contraria essa concepção, que também está presente em documentos oficiais mais recentes – por exemplo, a BNCC (BRASIL, 1997). No entanto, temos observado inúmeras mudanças no que diz respeito aos textos e gêneros que materializam as trocas languageiras, impulsionadas pelos avanços tecnológicos. Por um lado, os textos verbais, que já combinavam várias semioses (DIONÍSIO, 2005), passaram a se construir de maneira ainda mais multimodal e invadiram vários espaços da sociedade. Por outro lado, a chegada da web 2.0 intensificou a interação na internet, favorecendo a consolidação de redes sociais, combinando várias semioses e permitindo a interação online, ou seja, as trocas languageiras e multimodais entre interlocutores. Todas essas mudanças tiveram um impacto considerável nos contextos educacionais em geral (LACELLE; BOUTIN; LEBRUN, 2017) e sobretudo no Brasil, pois tornou-se difícil pensar no ambiente escolar sem levar em conta essa nova realidade de compreensão e produção textual que invadiu os espaços sociais permeados pela linguagem. No ensino da língua materna, no Brasil, muitos autores preocuparam-se com essa questão, propondo a integração dos gêneros multimodais, das tecnologias, dos multiletramentos (ROJO, 2013) nos projetos escolares.

Na língua estrangeira, a situação não é diferente: textos pertencentes a diferentes gêneros também sofreram inúmeras modificações. Os exemplos são vários: a receita, gênero trabalhado tradicionalmente no ensino de LE, que, no final do século XX, era trabalhada em sala de aula a partir de textos escritos em papel, ganhou formas variadas, como, por exemplo, os vídeos. O mesmo é válido para inúmeros outros gêneros, desde notícias, que sempre existiram em vídeo, mas que estão agora acessíveis online para uso em aulas, até relatos de viagem em vídeo ou novidades como os cartões postais sonoros.

Todas essas questões nos levam a refletir sobre a pertinência de se trabalhar a multimodalidade, ainda que a preocupação maior seja com o ensino de língua. Diante dessa realidade, não se pode deixar de considerar que os textos produzidos na atualidade se constituem a partir de múltiplas semioses, e aprender a produzir textos também implica aprender a mobilizá-las. Como dissemos, isso não significa que se tenha de deixar de levar em conta a necessidade de ensino da língua, ou seja, das produções verbais, não dominadas pelos alunos. Trata-se apenas de considerar que, ao lado do ensino da língua, fundamental, é necessário levar em conta outros aspectos não verbais, já que, na atualidade, grande parte dos textos combina múltiplas semioses.

Na presente contribuição, temos por finalidade apresentar um estudo sobre o uso do gênero *exposé oral* no ensino-aprendizagem de francês como língua estrangeira (doravante FLE), em dois contextos: cursos de extensão em francês e habilitação em Letras-Francês. Em ambos os contextos, colocamo-nos na perspectiva do “speak to learn”, assim como aponta Gere (2019) em relação à escrita. Essa autora (GERE, 2019) propõe que a escrita seja um meio para a aprendizagem de outros conteúdos, assim como fizemos com o *exposé oral*: procuramos conscientizar os alunos de que, ao falar sobre uma temática por meio de um gênero oral formal, estariam aprendendo sobre a temática. Para atingir o objetivo proposto neste artigo, apresentamos o modelo didático do gênero *exposé oral* e análise das produções dos alunos utilizando o gênero.

A pesquisa, realizada em dois contextos – um curso de extensão ligado a uma universidade pública e uma disciplina da habilitação em Letras-Francês –, é relatada com destaque para a análise dos dados referentes ao curso de extensão, foco da pesquisa de doutorado de uma das autoras

INTRODUÇÃO 10

O PROCESSO DE REELABORAÇÃO DO GÊNERO RESENHA ACADÊMICA COLABORATIVA NA PLATAFORMA WIKI

A escrita como prática social e situada leva em conta o período e o contexto onde ocorre, assim como a comunidade discursiva onde a mensagem circula. Por meio das tecnologias digitais, essa prática discursiva considera, além desses elementos, o suporte digital para a escrita, o que pode influir no modo de escrever, nos meios de interação e na constituição do gênero discursivo. Neste sentido, a escrita *online* pode ser individual ou colaborativa; a interação pode se dar por meio de recursos que viabilizam a interação, como comentários e compartilhamento, permitindo que o texto escrito seja refletido pelos leitores e levado para lugares além da tela em que está. Em função disso, gêneros discursivos podem ser reelaborados, tendo em vista as diversas semioses que permeiam a produção e o consumo deles em ambiente digital, o que viabiliza modificações.

De modo mais específico, a escrita acadêmica realizada na universidade tem dado passos na empreitada colaborativa, atraindo a atenção de muitos estudiosos (DIMOKE, 2009; KESSLER, 2009; ELOLA; OSKOZ, 2010; TARDY, 2010; SANTOS, 2011; PAPADIMA-SOPHOCLEOUS; YEROU, 2013; AYDIN; YILDIZ, 2014; KING, 2015; PETERLIN; BOTSHON, 2015). Considerando que a resenha é um dos gêneros comumente requeridos na universidade, diversas pesquisas têm sido feitas sobre os movimentos retóricos que constituem este gênero em meio impresso (MOTTA-ROTH, 1995; ARAÚJO, 1996; BIASI-RODRIGUES, 1998; BEZERRA, 2001; 2002) e em meio digital, onde esse gênero está em processo de reelaboração (ARAÚJO *et al.*, 2018). Entretanto, os movimentos retóricos de gêneros discursivos escritos colaborativamente em plataformas digitais ainda merecem ser investigados.

Considerando isso, neste artigo trazemos alguns dos resultados da execução de um projeto *wiki* (curso *online*, extensão de uma disciplina de graduação em Letras- Inglês) para a escrita de resenhas acadêmicas em contexto digital colaborativo. O objetivo deste trabalho, portanto, é apresentar a sequência didática projetada, refletindo sobre as dinâmicas da escrita colaborativa. Os objetivos específicos incluem: avaliar como se deu a apreensão¹ do gênero resenha pelos estudantes; refletir sobre os movimentos retóricos da escrita deste tipo de resenha e explicitar a constituição do gênero resenha acadêmica colaborativa advindo desta experiência.

A sequência didática criada teve como suporte tecnológico uma plataforma de escrita colaborativa denominada *Pbworks*. Nela, uma proposta de apreensão do gênero resenha intitulada *Developing your Academic Writing* se deu e envolveu três módulos: 1) *Knowing the genre*, módulo que pretendeu apresentar o gênero resenha, refletir sobre o gênero e exercitar a identificação de seus movimentos retóricos; 2) *Writing the genre*, módulo de escrita colaborativa de resenhas; e 3) *Evaluating the collaborative writing experience*, módulo de avaliação da experiência de escrita colaborativa. Para o presente artigo, apresentamos um recorte, na medida em que abordamos aspectos dos dois primeiros módulos, não sendo o último módulo analisado neste texto. Durante nosso processo de pesquisa, 17 estudantes de graduação em Letras-Inglês realizaram quatro atividades de escrita colaborativa em língua inglesa, o que gerou 19 resenhas, sobre as quais discorreremos mais adiante.

A distribuição retórica das informações deste artigo está organizada, além desta introdução, em mais cinco seções: na segunda, a escrita colaborativa é abordada, seguida pelo gênero resenha e a reelaboração de gêneros, que constituem a terceira seção. Na quarta, a metodologia da pesquisa é descrita, seguida pela discussão dos dados, que é a quinta seção. Por fim, são apresentadas as considerações finais sobre a pesquisa realizada.

INTRODUÇÃO 11

EDITORIAIS DO *EL PAÍS* A PARTIR DA PERSPECTIVA DIALÓGICA

Nosso objetivo, neste trabalho, é refletir sobre o editorial a partir de enunciados produzidos em língua espanhola e postos em circulação por *El País*, veículo de comunicação de referência situado na Espanha. Trata-se de um exercício de interpretação pertencente a um projeto de pesquisa mais amplo, cujo propósito é comparar a produção do editorial nos *sites* de um jornal de grande circulação brasileiro e do referido jornal ibérico, e contribuir com um exame das especificidades desse gênero do discurso em cada um dos espaços de circulação. Para isso, respaldamos no pressuposto de que as transformações históricas e culturais de um gênero se dão à luz das transformações ocorridas no campo da comunicação humana a que pertence¹.

Fundamentam nossa análise os escritos de Bakhtin (1993, 2016) e de Volóchinov (2018, 2019). Assim, além do conceito de gêneros do discurso, assumimos que todo uso da palavra é permeado pelo outro e, portanto, determinado por valores sociais, históricos e ideológicos, pensamento partilhado pelos integrantes do Círculo. Mais especificamente, adotamos o pressuposto de que o gênero (seu conteúdo temático, construção composicional e estilo) é determinado por uma unidade construtiva, por uma forma arquitetônica.

Como procedimento metodológico, utilizamos o cotejamento entre textos pertencentes ao campo jornalístico, procurando retomar contextos do passado e antecipar contextos futuros. Sendo assim, partimos de editoriais *on-line* do *El País* publicados durante o mês de fevereiro de 2020. Para o movimento retrospectivo, tomamos como fundamental o *Libro de estilo* (EL PAÍS, 2014). E, para o movimento prospectivo, a antecipação da atitude ativa responsiva do interlocutor: a suposição sobre quem é ele e sobre o que se espera dele são algumas questões que se colocaram nessa etapa da análise.

Este artigo está organizado em três seções: em primeiro lugar, discorreremos sobre o conceito de gêneros do discurso, bem como sobre a noção de forma arquitetônica, dada sua centralidade para o desenvolvimento da análise. Em segundo lugar, procuramos contextualizar o surgimento do *El País* e a relação estabelecida com as inovações tecnológicas ao longo de sua história. Por último, apresentamos nossa interpretação do *corpus*, um movimento, por natureza, também dialógico,

procurando descrever as características mais gerais dos enunciados e apontar as particularidades do diálogo estabelecido entre o jornal e o leitor presumido

INTRODUÇÃO 12

AS PARTICULARIDADES DA PALAVRA, O PRIVILÉGIO DA LÍNGUA: ESPECIFICIDADES E PRIMAZIA DO LINGUÍSTICO, EM VOLÓCHINOV E BENVENISTE

Não é novidade, e muito menos sem razão, que o *Curso de linguística geral* (daqui por diante, *CLG* ou *Curso*), publicado em 1916 e atribuído ao linguista genebrino Ferdinand de Saussure (1857-1913), fixou-se como ponto de referência para boa parte das reflexões modernas em torno do signo linguístico. Com a formulação de conceitos como “arbitrariedade do signo” e “linearidade do signo”, com a elaboração de sua teoria do valor, além das próprias distinções entre “significante” e “significado” e entre “relações sintagmáticas” e “relações associativas”, o *CLG* certamente agrega algo às ideias sobre o signo, elaboradas desde Agostinho de Hipona.

Há uma questão, porém, que, em nosso entendimento, precisa ser ressaltada: as formulações saussurianas em torno do signo são importantes, mas não são o limite e nem mesmo o fundamento de toda discussão moderna que passa pela questão do signo linguístico. A despeito dos estudiosos que partem do *Curso* ou a ele se limitam, de fato, há pensadores que estabelecem sua discussão a partir de outro fundamento, que não Saussure. De semelhante forma, há aqueles que, mesmo interagindo com Saussure, não o tomam como sendo a última palavra. Verificar os termos pelos quais a ideia de signo comparece em outras propostas parece, então, ser um exercício importante de reflexão, que permite maior entendimento das epistemologias subjacentes a importantes teorias acerca da linguagem humana. Assim, nas próximas páginas, queremos discorrer sobre as reflexões propostas pelo pensador russo Valentin N. Volóchinov (1895-1936) e pelo linguista sírio-francês Émile Benveniste (1902-1976) em torno do lugar condigno ao linguístico diante de outros tipos de semiose.

No que se segue, tentamos demonstrar que tanto no pensamento de Volóchinov – exposto, principalmente, na obra *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (doravante, *MFL*), de 1929 – quanto nas reflexões de Benveniste – presentes, sobretudo, no ensaio “Semiologia da língua” (de agora em diante, também *SL*), de 1969 –, a questão da preeminência do linguístico ganha dimensões ainda não devidamente consideradas por muitos leitores. Mais precisamente, buscamos pôr em relevo o fato

de que, com Volóchinov (2018a), na esteira do filósofo neokantiano Ernst Cassirer (1874-1945), apresenta-se um conjunto de questões que visam destacar a primazia da palavra frente a outros tipos de signo. Da mesma maneira, intentamos evidenciar o quanto a proposta de Benveniste [1969], avançando em relação aos conceitos de signo e língua presentes em Saussure [1916], inclina-se para o reconhecimento de um lugar ímpar para a língua, em face dos outros sistemas de signos.

Para articular os olhares de Volóchinov [1929] e Benveniste [1969] sobre essa preeminência do linguístico frente às demais semioses e, ao mesmo tempo, acentuar a distinção entre seus pontos de partida, importa esclarecer, desde já, uma pertinente questão terminológica e conceitual. Como argumentamos nas páginas seguintes, a despeito da possibilidade de se traduzir o termo russo *slovo*² por “palavra” ou por “discurso”³, fato é que, por esse termo, Volóchinov (2018a) remete ao que entende ser o signo linguístico, numa formulação conceitual que guarda distância do conceito de signo mais famoso em terras ocidentais, a saber, o conceito saussuriano, exposto no *CLG*. Em veia similar, devemos adiantar que, como se verá em nossa argumentação, o conceito expresso pelo termo francês *langue*, em Benveniste (2006b), não se limita a um sistema de signos, conforme proposto por Saussure (2012). Na verdade, o conceito de língua em Benveniste (2006b) abrange o sistema de signos de Saussure (2012), mas vai além. Assim, temos, com Benveniste (2006b), “não mais a língua entendida como um sistema de signos, mas a língua assumida pelo homem que fala, pelo homem na língua” (FLORES, 2017, p.1023).

É importante considerar, neste ponto, que, ao falarmos de “primazia da palavra frente a outros tipos de signos” e em “lugar ímpar para a língua, em face dos outros sistemas de signos”, estamos, com base em Volóchinov (2018a) e Benveniste (2006b) – respectivamente –, dando destaque a propriedades que, no conjunto dos sistemas de signos, são exclusivas da língua. Talvez, para alguns, isso soe como uma tentativa de hierarquização, a qual, ao fim e ao cabo, inferiorizaria os outros sistemas. Para nós, porém, o foco não é uma comparação que possibilite hierarquizar, mas, antes, a constatação das especificidades do linguístico. Quanto às consequências das constatações de Volóchinov e Benveniste, não vemos outro meio de lidar, senão reconhecendo a primazia do linguístico.

Posto isso, apresentamos nosso percurso. Na seção inicial, evidenciando o vínculo de *MFL* com Cassirer (2001), trataremos das *particularidades da palavra* que, segundo Volóchinov, conferem a ela um lugar de destaque. Em seguida, lembrando a

relação que *SL* mantém com Saussure (2012), destacamos o *privilégio da língua* que, de acordo com Benveniste, a coloca em posição ímpar. Por fim, na condição de considerações finais, mais do que discorrer sobre os possíveis percursos investigativos que se abrem com tais formulações, salientamos o fato de que essa atribuição de primazia ao linguístico tem muito a dizer em relação à prática docente e a determinadas orientações curriculares que avançam no debate público.

INTRODUÇÃO 13

UM ENCONTRO SAUSSURE-BAKHTIN NA EPISTEME

Na entrada no século XXI, percebemos uma necessidade premente de o homem contemporâneo visitar e ressignificar os fundamentos que o vêm constituindo desde o longo século XX. Em nosso campo, temos assistido a um “novo” retorno às bases teóricas saussurianas sobre a fundação da Linguística Moderna em pleno momento de efervescência das atuais teorias discursivas. Nesse processo atual de ressignificação da ciência linguística, não há lugar para dicotomias que por tanto tempo *polarizam* noções como língua e fala, texto e discurso. Falamos, antes, em aproximações, singularidades, diferenciações, e, por essa razão, esse retorno precisa se dar em *espiral*, isto é, retoma-se para avançar.

Não se trata, portanto, apenas de efetuar uma revisão epistemológica, em que se esmiúça cada parte da estrutura desse objeto em busca de essências. Trata-se, antes, de um retorno contemplativo, no sentido filosófico do termo, em que nos colocamos diante do objeto língua não para decompô-la em formas dispostas para usos, mas para enxergar o *homem na língua*. Isso é a *episteme*, lugar em que neste artigo pretendemos nos colocar, já que buscamos em certo sentido não repisar os conceitos, as informações apreendidas dos estudos de Saussure e Bakhtin, os dois estudiosos em diálogo neste estudo. Buscamos desvelar o que é transversal aos dois pensadores, em um esforço de antecipar as concepções de língua(gem) neles presentes, a fim de lançarmos reflexões sobre esse importante objeto que nos constitui como humanos. É, portanto, a mesma direção conceitual de episteme em perspectiva foucaultiana, como se verá mais adiante.

Assim sendo, cumpre-nos retomar algumas questões que nortearão nossa investigação: seria possível uma leitura que aproxime Saussure e Bakhtin, ressignificando-os e mesmo reposicionando-os no campo dos estudos linguísticos? E se o for, em que medida, e por quais razões, buscar diálogos entres esses autores seria pertinente à pesquisa linguística hoje? Sabe-se que Saussure e Bakhtin desenvolveram suas teorias em períodos relativamente próximos, apesar de o primeiro não ter conhecido os trabalhos do segundo. Entre 1907 e 1911, o linguista genebrino ministra três cursos de linguística geral na Universidade de Genebra, dos quais as anotações dos alunos foram posteriormente editadas – juntamente com notas autógrafas – e publicadas como o *Curso de linguística geral* (1916)¹. Entretanto, por

meio do conhecimento dos manuscritos saussurianos, pode-se dizer que a teoria saussuriana já vinha sendo elaborada desde muito antes de suas aulas em Genebra.

M. Bakhtin, por sua vez, situa-se em um período complicado na Rússia stalinista em que tanto a produção cultural do país quanto a produção intelectual eram censuradas com base nos ditames do novo regime. Por isso, entre Bakhtin e os autores do Círculo havia uma cumplicidade no processo de produção e publicação das obras, a ponto de, para se protegerem dessa vigilância, intercambiarem entre si a autoria empírica de determinadas obras. Diante disso, nós o enxergamos como fundador de discursividade, no sentido foucaultiano de conceber o autor – e sua autoria – tendo em vista, *a priori*, a voz de um autor que ressoa no conjunto da obra, que a atravessa. Essa transversalidade, como nos esclarece Arán (2014), perpassa a produção do Círculo nos três períodos de produção científica. No primeiro, que compreende o período que vai de 1919 a 1929, obras como o livro sobre Dostoiévski, (cf. BAKHTIN, 2010) e *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017), ambos de 1929, surgem em um momento de intenso debate no interior do grupo, no sentido de desconstruir a visão romântica de busca da língua-mãe, da identidade linguística nacional, na contramão da própria proposta nacionalista de Stálin. O grupo precisava, portanto, combater qualquer ideia purista de língua que conduzisse essa noção a um objetivismo abstrato. Seguindo essa linha, na segunda fase de produção, que corresponde ao período de 1930 a 1959, em que Bakhtin sofreu com o exílio, emergem obras importantes, como *O discurso no romance* (cf. BAKHTIN, 2015), texto concluído em 1936 mas somente publicado em 1975, e ensaios como *Os gêneros do discurso* (cf. BAKHTIN, 2016), escrito entre 1952 e 1953 mas somente publicado em 1978. Aqui, desenvolve-se mais apropriadamente o conceito de heterodiscurso, que atesta na materialidade do texto a presença de vozes sociais no romance, gênero condensador do quadro social e cultural de uma época. Além disso, o combate à concepção nacionalista de língua/ linguagem, ganha força em um momento em que a ascensão nazista ganhava terreno no mundo. A nosso ver, essa fase corresponde ao momento alto das concepções teóricas que delineiam o pensamento do Círculo, mas, seguindo a ideia de Arán (2014), em um terceiro momento, de 1960 até sua morte em 1975, Bakhtin parece ter mais clara a ideia de um campo de estudos, a Metalinguística, para o qual suas elaborações e a de seu grupo convergiam, como se

pode observar em ensaios como *O problema do texto* (cf. BAKHTIN, 2016), publicado pela primeira vez na Rússia em 1976.

Se tomarmos, então, a história da recepção desses autores durante o século XX, veremos que, em grande parte, eles foram considerados como pertencentes a correntes opostas no que concerne à concepção de língua: Saussure dividiria a linguagem entre língua e fala, priorizando o estudo da primeira e “excluindo” a segunda de suas elaborações. Bakhtin, por sua vez, priorizaria de modo central a interação socioideológica, ou seja, justamente o aspecto que teria sido excluído por Saussure.

Considerando essa distinção, por que seria pertinente buscar um diálogo entre esses dois autores? Perguntas como essas talvez não fossem feitas até meados do século XX, quando o *Curso de linguística geral* ocupava o estatuto de única obra saussuriana conhecida. Entretanto, a partir da década de 1950 uma quantidade considerável de manuscritos do linguista começa a surgir. De acordo com Marchese (2003), isso se dá em quatro momentos: em janeiro de 1955, a família de Saussure doa vários manuscritos para a Biblioteca de Genebra; em novembro do mesmo ano, Mme. Bally doa os manuscritos que estavam em posse de Charles Bally; em 1968, os filhos de Ferdinand de Saussure vendem alguns manuscritos, por intermédio de Roman Jakobson, para Harvard; e, por fim, em 1996 novos manuscritos são encontrados na casa de campo de Saussure (cf. MARCHESE, 2003, p.338). O aparecimento desses documentos proporcionou um movimento de releitura do *CLG*, com o intuito de complementar as elaborações da edição, ou mesmo elucidar aspectos que talvez tenham ficado obscuros nas elaborações do linguista.

Esse movimento de releitura teve como consequência, conforme Pereira de Castro (2016), a publicação de edições críticas do *CLG*. Já na década de 1950, de posse de alguns manuscritos saussurianos, Robert Godel publica o *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale* (1957), em que expõe algumas notas manuscritas em comparação ao conteúdo do *CLG*. Alguns anos mais tarde, em 1968, Rudolf Engler publica sua monumental edição crítica, composta por mais de 500 páginas e dividida em dois tomos, em que confronta o *CLG* com as anotações dos alunos e com manuscritos saussurianos. Por fim, na década de 1970, Tullio de Mauro publica sua edição crítica, com mais de 300 comentários à edição de 1916.

No final do século XX e início do século XXI, por sua vez, houve a descoberta de um conjunto de manuscritos inéditos e a edição de parte deles por Rudolf Engler e

Simon Bouquet². Esse movimento de retomada, ao mesmo tempo histórica e bibliográfica, das releituras e edições do arcabouço saussuriano, mostra-nos que, para além da importância do *CLG* na fundação da linguística moderna, um retorno a Saussure é necessário – tanto à edição de 1916 quanto às notas autógrafas – para buscar não somente um maior esclarecimento sobre essa fundação, como também rever a teoria do linguista genebrino sem reduzi-la às dicotomias e às suas “exclusões”³.

Ademais, esse retorno às elaborações saussurianas e o acesso aos novos documentos pressupõem um movimento de retomada das interpretações realizadas por estudiosos pós-saussurianos que, em alguma medida, leram o *CLG* e dele deduziram suas consequências teóricas. É neste ponto que Mikhail Bakhtin ocupa, para nós, um lugar de destaque. Sabe-se que o pensador russo pouco recorreu às elaborações saussurianas, em virtude do contexto político em que a Rússia está inserida nas primeiras décadas do século XX⁴. Na verdade, o *Curso* não parece ter sido uma obra intensamente debatida no Círculo de Bakhtin e, quiçá, nem lida. Sobre a recepção de Saussure na Rússia, diz Sériot (2010, p.108-109):

O *Curso de linguística geral [CLG]* de Saussure é mencionado pela primeira vez na Rússia em 1917 por Segej Karcevskij durante uma palestra num seminário da Comissão Dialetológica da Universidade de Moscou (...)
O primeiro exemplar chegou à Rússia em 1923, em Leningrado; foi apresentado no seminário de linguística do ILJaZV por S. Bernstejn. (...) Rozalija Sor (1894-1939), autora da primeira edição anotada do *Curso* de Saussure em 1933, apresenta Saussure como “o maior expoente da escola francesa de linguística social”, que ela considera uma ruptura fundamental com o passado. No mesmo ano, porém, Saussure já era proclamado “o representante mais clássico da linguística burguesa” por F. Filin (1808-1982) (...) L. Jakunbinskij, professor de linguística do ILJaZV, reprova em Saussure sua incapacidade de compreender que uma política linguística é possível.

As discursividades a respeito de Saussure, portanto, já estavam lançadas e parecia predominar na Rússia, especialmente no Círculo de Bakhtin, a visão de um linguista burguês *positivista*, com uma concepção *abstrata* de língua, bem distante das perspectivas sociais e culturais que invadiam a vida intelectual da Rússia. Um exemplo dessa interpretação é encontrado em *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem, de Valentin Volóchinov, publicado em 1929.

Entretanto, como dissemos, de posse dos recentes documentos saussurianos e de suas contribuições teóricas, tem ocorrido um retorno às elaborações de Saussure

e, nesse sentido, volta-se também às interpretações dos estudiosos do Círculo sobre o autor suíço. Brait (2016), por exemplo, centra-se na construção das ideias de Bakhtin, enfatizando a incidência ou não do arcabouço saussuriano em suas elaborações. Em nosso caso, pretendemos discutir as ideias do autor russo e possibilidades de relacioná-las em algum ponto às de Saussure. No entanto, não sairemos em busca de como Bakhtin se apropria de Saussure em sua construção teórica, como já bem fez Brait (2016), mas visamos especificamente ler Bakhtin e Saussure em uma perspectiva dialógica, buscando pontuar alguns aspectos metateóricos, epistemológicos, desses autores, especialmente aqueles que os colocam como autores que veem a língua(gem) em perspectiva relacional, axiológica.

Para tanto, retomaremos a seguir a leitura de autores como Brait (2016) sobre as apropriações teóricas de Saussure por Bakhtin. Em seguida, aventaremos possibilidades atuais que nos têm sido oferecidas para se revisitar o pensamento de Saussure. Por fim, buscaremos promover um encontro a partir de algumas bases epistemológicas desses autores que, em certa medida, poderá colaborar com as pesquisas que tomam a língua como objeto humano, social.

INTRODUÇÃO 14

INTERMIDIALIDADE E INTERICONICIDADE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

Quando produzimos ou interpretamos uma imagem, somos guiados pela nossa intuição ou por um arquivo previamente configurado em nossa paisagem mental? É essa pergunta que move este artigo e, se não podemos respondê-la categoricamente, levantar a questão parece-nos algo relevante para os estudos do discurso. Com efeito, o limite entre o individual e o coletivo é sempre uma constante quando nos deparamos com textualidades diversas. E isso parece tornar-se tarefa ainda mais complexa quando nos deparamos com a materialidade visual.

Para acrescentar um pouco mais de complexidade a esse panorama, é produtivo abordarmos um discurso que costuma gerar não raras discordâncias e polêmicas: o religioso cristão. Vivemos em uma sociedade dividida por diversas crenças e práticas religiosas. Algumas restringem-se a pequenos grupos de adeptos, enquanto outras abarcam uma grande parcela da população mundial, como é o caso do cristianismo, considerada uma das religiões com o maior número de fiéis no mundo.

Uma das passagens bíblicas mais significativas do cristianismo é a que narra o sepultamento de Cristo. Materializada nos quatro Evangelhos (Mt 27, 57-61; Mc 15, 42-47; Lc 23, 50-56; Jo 19, 38-42), esta passagem deixou o espaço do texto bíblico escrito e se tornou pivô de uma polêmica no interior do discurso cristão no século XVI. Efetivamente, pelo efeito de superinterpretação do texto bíblico, as pinturas que têm por tema a descida da cruz fazem parte do embate entre o discurso cristão católico e o discurso cristão protestante. É nesse cenário que as imagens da descida entram para a história da arte a partir de várias representações emblemáticas que têm, na pintura de Rogier van der Weyden, uma espécie de arquétipo: “o grande ‘arque-criador de arquétipos’ flamengo ganhou fama na Itália e seus trabalhos foram conhecidos e admirados nas cortes de Milão, Ferrara e Urbino” (HAMBURGH, 1981, p.49)¹.

A permanência dessa narrativa na cultura ocidental apresenta-se ao analista como ponto de reflexão sobre a natureza “inter”, tanto no que concerne ao ícone, quanto às diferentes mídias nas quais a cena se inscreve. Cenas da crucificação e do sepultamento de Cristo são reproduzidas até hoje em diferentes mídias, renovando efeitos de sentido e ressignificando narrativas.

Isto posto, este artigo trabalha, indiretamente, uma problemática por vezes mal dimensionada, a saber, a da relação entre sentido e produto de mídia. Com efeito, não

é incomum pré-admitirmos que a mudança de suporte implica necessariamente uma alteração no sentido, sem que isso fique explicitado na análise. Desse modo, pela demonstração de como os efeitos de sentido se alteram com a mudança de mídia, atrelamos a relevância da discussão sobre a *mídia* – “toda imagem deve ser analisada a partir do médium, isto é, do suporte material que é o seu” (COURTINE, 2013, p.43) – a uma reflexão sobre o funcionamento do discurso. Isto é, ao descrevermos e interpretarmos o discurso religioso cristão pelos conceitos de intermedialidade e intericonicidade, partimos do pressuposto de que nem sempre mudar de suporte é mudar o discurso.

INTRODUÇÃO 15

DA SINGULARIDADE À POLIFONIA: UMA PROPOSTA DE RELEITURA DA TEORIA BAKHTINIANA

Apesar de a teoria bakhtiniana ter passado a integrar e subsidiar diversas discussões sobre a linguagem, compondo, inclusive, parte da grade curricular dos cursos de Letras e dos documentos oficiais que orientam e regulam a educação no país, há uma obra inicial de Bakhtin que permanece ainda pouco explorada no contexto brasileiro: *Para uma filosofia do ato responsável*, escrita entre 1920 e 1924 e publicada postumamente¹. Entre os que se dedicaram a estudá-la, uma das chaves de leitura é de que tal obra cumpra a função de um projeto de filosofia moral (SOBRAL, 2008a; BUBNOVA, 2013) que guia a produção posterior do Círculo de Bakhtin, perspectiva que adotamos neste estudo. Nesse sentido, entendemos que esse projeto inicial é empreendido na produção subsequente bakhtiniana, de forma que os conceitos nele contidos possibilitem e auxiliem a pensar outros conceitos da teoria dialógica do discurso.

Um dos conceitos centrais em *Para uma filosofia do ato responsável* é o de *singularidade*, mobilizado por Bakhtin para expor suas reflexões sobre o dever não como princípio universal, mas como determinado justamente a partir de uma situação única e de um tempo-espaço também único e concreto no qual se encontra o sujeito (que é igualmente único), ou seja, a partir de uma conjuntura e de um sujeito singular. Essa noção de singularidade permite compreender, então, a razão pela qual cada sujeito apresenta um ponto de vista único sobre o mundo e, conseqüentemente, determinada percepção sobre a verdade de um evento.

Embora não mais constitua foco direto das reflexões bakhtinianas nas obras posteriores, acreditamos que esse conceito esteja na base da formulação de outros, ainda que tal associação não ocorra de forma explícita, como é o caso da noção de polifonia, cunhada nos anos 1920 e discutida novamente por Bakhtin em sua produção ulterior. Essa noção pode ser entendida como uma equipolência de vozes, em que o narrador não fala sobre a personagem, mas com a personagem, colocando em diálogo diferentes pontos de vista sobre um mesmo acontecimento, a fim de que a personagem chegue à sua própria verdade.

Dessa forma, o objetivo deste estudo consiste em estabelecer uma reflexão de natureza teórico-conceitual acerca das noções de singularidade e polifonia a partir das

obras *Para uma filosofia do ato responsável* [1920-1924] e *Problemas da poética de Dostoiévski* [1963]. Para isso, entendemos ser necessário, primeiramente, retomar e recuperar cada um desses conceitos em separado para, posteriormente, proceder a uma análise das relações possíveis entre ambos. Acreditamos que esse movimento de leitura e interpretação possa contribuir para aprofundar a compreensão da produção bakhtiniana, entendendo-a sob uma ótica globalizante, que enfatize as especificidades de cada conceito, mas também seus pontos de encontro.